

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

Giovana Nogueira dos Santos

**O LUGAR SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
INTELLECTUAL: um estudo dos sentidos**

Taubaté -SP  
2019

Giovana Nogueira dos Santos

**O LUGAR SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
INTELECTUAL: um estudo dos sentidos**

Trabalho de Graduação apresentado  
como exigência parcial para a obtenção  
do título de graduação em Psicologia pela  
Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Ma. Camila Young  
Vieira.

Taubaté -SP  
2019

**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UNITAU**  
**Biblioteca Setorial de Biociências**

**S2371** Santos, Giovana Nogueira dos  
O lugar da pessoa com deficiência intelectual : um estudo dos sentidos / Giovana Nogueira dos Santos. – 2019.  
147 f.

Monografia (Graduação) – Universidade de Taubaté,  
Departamento de Psicologia, 2019.

Orientação: Profa. Ma. Camila Young Vieira, Departamento de  
Psicologia.

1. Pessoas com deficiência intelectual. 2. Deficiência  
intelectual - Políticas públicas. 3. Psicologia sócio-histórica. I.  
Título.

CDD- 616.89142

Elaborada pela Bibliotecário(a) Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Giovana Nogueira dos Santos

**O LUGAR SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: um estudo  
dos sentidos**

Projeto de Pesquisa apresentado para obtenção do  
título de graduação em Psicologia pela Universidade  
de Taubaté.

**Data:** \_\_\_\_\_

**Resultado:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Camila Young Vieira

Universidade de Taubaté

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Regis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e às gerações que os antecederam que com sabedoria, humildade e fé na vida souberam valorizar as relações, os vínculos humanos e o conhecimento sobre o mundo, sempre dedicando-se para que minha existência tivesse oportunidades com sentido.

Ao Renato, meu parceiro de vida, aos meus filhos Lucas e Rafaela, os quais sempre me incentivaram e se solidarizaram para que eu pudesse persistir nos meus sonhos e objetivos e com quem eu compartilho minha evolução como ser humano.

Aos meus colegas que foram pessoas fundamentais no meu aprendizado e na superação das dificuldades.

Aos meus professores e principalmente à minha orientadora Camila Young Vieira pela paciência e disposição para compartilhar conhecimento e para me fazer refletir sobre as experiências e afetações desse estudo, os quais foram fonte de inspiração, de incentivo e de superação na construção de minha aprendizagem.

Aos participantes da pesquisa e aos funcionários das instituições envolvidas no processo de estágio, os quais colaboraram com a minha formação acadêmica por meio de suas experiências e das interações, proporcionando a vivência no encontro com o outro, nos espaços de escuta e de acolhimento e instigando reflexões sobre a realidade e sobre a importância da psicologia como elemento mediador, crítico e contraditório no processo dinâmico de apreensão e de construção histórica do sujeito e da sociedade.

E a Deus, pela oportunidade da vida!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender os sentidos atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e seu representante legal sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços oferecidos por instituições públicas que visam a promoção do exercício da cidadania. E tem como objetivos específicos: mapear e refletir o percurso histórico de conquistas de direitos sobre a pessoa com deficiência no Brasil; refletir sobre o significado do lugar social da pessoa com deficiência intelectual adulto na sociedade; refletir como os serviços sociais são capazes ou não de promover o exercício da cidadania à pessoa com deficiência intelectual adulta; analisar percepções, afetos e sentidos de pessoas adultas com deficiência intelectual e de seus representantes legais a partir da inserção em serviços que visem a promoção da cidadania. O trabalho fundamentou-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio Histórica e na historicidade das conquistas e direitos da pessoa com deficiência. A pesquisa tem natureza qualitativa com abordagem exploratória. A coleta de dados foi feita por acessibilidade por meio do contato junto à rede social da pesquisadora. Participaram da pesquisa duas pessoas adultas com deficiência intelectual que frequentam serviços vinculados às políticas públicas e suas respectivas mães. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevistas semiestruturadas. A análise foi feita por meio da categoria de sentido-significado de Vigotski resultando em três núcleos de significação: a pessoa com deficiência intelectual: um ser desejante e consciente; a política pública e suas realidades contraditórias e os caminhos e descaminhos percorridos para o acesso às políticas públicas. Os resultados obtidos revelaram que houve um avanço na legislação brasileira e na promoção de garantias fundamentais à pessoa com deficiência. Entretanto, identifica-se que as políticas públicas nem sempre são acessíveis e que os serviços precisam investir em qualidade de atendimento para essa população. Considera-se que existe uma perspectiva de inclusão e de superação ideológica aos estigmas, que parte do conceito de deficiência como uma condição decorrente de multideterminações sociais, sendo assim, o processo histórico e dinâmico do desenvolvimento ganha importância. Percebeu-se também que as instituições vinculadas às políticas públicas destinadas ao atendimento da pessoa com deficiência tem potencial para promover o seu desenvolvimento ao exercício da cidadania, no entanto, dependem de investimento no conhecimento qualificado dos profissionais e da atuação interdisciplinar nos diferentes setores envolvidos nos serviços públicos. Por fim, dar voz a essa população revelou-se o quanto a produção dos sentidos tem caráter histórico e emerge a partir da relação com o outro por meio da mediação e da atividade na realidade concreta da vida.

Palavras-chave: Pessoa com Deficiência intelectual. Políticas públicas para pessoa com deficiência. Psicologia Sócio- Histórica.

**Palavra-chave:** Pessoa com Deficiência Intelectual. Políticas Públicas para Pessoa com Deficiência. Psicologia Sócio-Histórica.

## ABSTRACT

This article aims to understand the meanings attributed by people with intellectual disabilities and their legal representative about their social role from the participation in services offered by public institutions that promote the exercise of citizenship. The specific objectives are: to map and reflect the historical course of rights achievements on people with intellectual disabilities in Brazil; reflect on the meaning of the social role of the person with intellectual disability in society; reflect on how social services are capable or not of promoting the exercise of citizenship to the person with adult intellectual disability; to analyze perceptions, affects and senses of adults with intellectual disabilities and their legal representatives from the insertion in services aimed at promoting citizenship. The work was based on the theoretical and methodological assumptions of Socio-Historical Psychology and on the historicity of the achievements and rights of people with disabilities. The research has qualitative nature with exploratory approach. Data collection was made by accessibility through contact with the researcher's social network. Two adults with intellectual disabilities participating in public policy services and their respective mothers participated in the research. It was used as data collection instrument to semi-structured interviews. The analysis was made through Vigotski's category of meaning resulting in three cores of meaning: the person with intellectual disability: a desiring and conscious being; public policy and its contradictory realities, the ways and lacks to take access on public policies. The results obtained revealed that there was an advance in the Brazilian legislation and in the promotion of fundamental guarantees to the disabled person. However, it is identified that public policies are not always accessible and that services need to invest in quality of care for this population. It is considered that there is a perspective of inclusion and ideological overcoming of stigmas, which starts from the concept of disability as a condition arising from social multi-determinations, thus, the historical and dynamic process of development gains importance. It was also noticed that institutions linked to public policies aimed at caring for people with disabilities have the potential to promote their development to the exercise of citizenship, however, they depend on investment in the qualified knowledge of professionals and interdisciplinary action in the different sectors involved in the activities. public services. Finally, giving voice to this population has revealed how much the production of the senses has historical character and emerges from the relationship with the other through mediation and activity in the concrete reality of life.

**Keywords:** Person with intellectual disability. Public policies for people with disabilities. Socio-Historical Psychology.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	Objetivos .....	13
1.1.1	Objetivo Geral .....	13
1.1.2	Objetivos Específicos .....	13
1.2	Relevância do Estudo .....	14
1.3	Organização do Projeto .....	14
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
2.1	A Trajetória da Pessoa com Deficiência .....	16
2.2	Marcos legais aos direitos das pessoas com deficiência e políticas públicas .....	20
2.3	A psicologia Sócio-Histórica .....	24
2.4	Categoria de Estigma .....	27
2.5	A teoria Sócio-histórica e a deficiência intelectual .....	29
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>33</b>
3.1	Tipo de pesquisa .....	33
3.2	Área de realização .....	34
3.3	Participantes .....	34
3.4	Instrumentos .....	34
3.5	Coletas de Dados .....	35
3.6	Análise de Dados .....	36
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO E RESULTADOS</b> .....	<b>38</b>
4.1	Apresentações dos participantes .....	38
4.2	Pessoa com deficiência intelectual: um ser desejante e consciente ....	39
4.3	As instituições e suas realidades contraditória .....	49
4.4	Os caminhos e descaminhos percorridos para o acesso as políticas públicas .....	57
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>67</b>
	<b>APENDICE A – Roteiro de Entrevista - Pessoa com deficiência ....</b>	<b>73</b>
	<b>APENDICE B – Roteiro de Entrevista - Representante legal .....</b>	<b>74</b>
	<b>APENDICE C – Entrevista com M1 .....</b>	<b>74</b>
	<b>APENDICE D – Entrevista com M2 .....</b>	<b>90</b>
	<b>APENDICE E – Entrevista com P1 .....</b>	<b>106</b>
	<b>APENDICE F – Entrevista com P2 .....</b>	<b>124</b>
	<b>ANEXO A – Termo Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>145</b>
	<b>ANEXO B – Termo Assentimento .....</b>	<b>147</b>



## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, ampliou-se a rede de direitos da pessoa com deficiência, pois os interesses dessa parcela da população passaram a ser geridos também pela assistência social, com garantias quanto à sua dignidade, à sua integridade, à sua saúde, à educação, ao trabalho e ao lazer, ou seja, fortalecendo a perspectiva de inclusão e participação ativa na sociedade.

De acordo com a lei 13.145/15 e em conformidade com os pressupostos da Convenção Internacional Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, conceitua-se como deficiente, os indivíduos que apresentam impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais em interação com diversas barreiras podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Vale mencionar que até ser possível adotar este entendimento no qual a deficiência se interliga e se constitui juntamente com aspectos do ambiente, da parte social e da cultura, houve uma longa trajetória a ser percorrida para as conquistas de sua dignidade enquanto ser humano e de seus direitos (DICHER; TREVISAM, 2014).

Em consonância com o entendimento do Estatuto da pessoa com deficiência, cumpre apresentar a perspectiva da Psicologia Social, na qual a deficiência não é compreendida como uma restrição, mas como uma possibilidade de desenvolvimento diferenciado, a qual se constrói no entrelaçamento dialético entre as condições ambientais, histórico-culturais e subjetivas do sujeito (DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Partindo dessas premissas, Dias e Oliveira (2013) esclarecem que o fenômeno da deficiência é uma das manifestações possíveis no processo de desenvolvimento humano, permitindo reconhecer a pessoa com deficiência como agente em sua própria trajetória e mediado pelas condições de interação histórica e sociocultural da sua realidade.

Assim, à medida que a pessoa com deficiência intelectual tem o respaldo legal para inserir-se na sociedade; buscando o desenvolvimento de suas potencialidades e aptidões e, principalmente, almejando o reconhecimento em pertencer, em se relacionar, em viver e conviver na sociedade como cidadão,

ocupando, desta maneira, seu lugar social; os serviços ofertados a partir das políticas públicas tomam relevância na vida desses sujeitos.

Vale esclarecer, que o lugar social do desenvolvimento nesse estudo é entendido a partir da dialética social subjetiva, na qual os significados produzidos culturalmente refletem na construção da subjetividade da pessoa com deficiência intelectual, a partir da atribuição de sentido pelas experiências compartilhadas entre as relações humanas, as quais são imbuídas de pensamentos, emoções e aprendizagens.

Cumpram também mencionar com base em Gonçalves (2010) que tratar sobre políticas públicas envolve a interconexão do Estado, da sociedade e da economia em direção ao bem-estar social. E se torna relevante a compreensão da dinamicidade histórica em que as necessidades se transformam em direitos sociais e refletem mudanças de paradigmas. Além disso, Gonçalves (2010) ainda propõe que as políticas públicas não devem ser vistas como elemento de mercadorização e sim com o objetivo de desenvolver e recuperar a cidadania, a partir de direitos e acesso a serviços que lhe são assegurados com propósito de atender à dignidade da pessoa.

Tem-se então que, cidadania é a capacidade conquistada pelo indivíduo por meio de um longo processo histórico de se apropriar dos bens socialmente criados e de atualizar suas potencialidades de realização humana disponíveis em cada contexto da vida social (COUTINHO, 2005).

Percebe-se que, historicamente, as pessoas com deficiência tiveram uma trajetória de abandono, esquecimento e exclusão, sendo vítimas de preconceito, sem garantias legais à sua dignidade humana e se mostrando por vezes desguarnecidas quanto à sua integridade.

A partir da perspectiva de integração, os indivíduos com deficiência conquistaram alguns direitos, ampliando sua participação na sociedade. Ocorre que para que se efetive o atual paradigma de inclusão proposto, há barreiras que ainda devem ser transpostas, as quais muito dependem de adaptações do meio, de mediações adequadas, de potenciais interações e vínculos e de políticas públicas para o efetivo exercício das pessoas com deficiência como cidadãos, a fim de que tenham uma representação social com significados e sentidos favoráveis ao seu desenvolvimento. Isto porque este estudo se propõe a analisar a construção de

sentidos, a partir do lugar social do desenvolvimento, no qual o fenômeno psicológico deve ser compreendido com base no âmbito social com a interconexão do sujeito e sua realidade concreta, materializada por suas experiências. Seguindo esse entendimento, Bock (2002) propõe que o mundo dos fenômenos psicológicos é consequência da internalização do mundo histórico e social, num processo de conversão do coletivo e ideológico para o individual, pelas atividades, mediações, e significações que formam a subjetividade da pessoa.

Assim, para que a pessoa com deficiência efetive uma vivência com inclusão, integração e representação social, é relevante a articulação de redes de apoio com serviços de qualidade, que primem pelo desenvolvimento e para o fortalecimento dos vínculos familiares, cumprindo o atendimento das necessidades básicas que por lei lhe são garantidos, tais como saúde, educação, lazer e inserção ao mercado de trabalho.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Compreender os sentidos atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e seu representante legal, sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços oferecidos por instituições no Vale do Paraíba que visam promover o exercício da cidadania.

### **1.2.1 Objetivos Específicos**

- Mapear e refletir o percurso histórico de conquistas de direitos sobre a pessoa com deficiência no Brasil.
- Refletir sobre o significado do lugar social do deficiente intelectual adulto na sociedade.
- Refletir como os serviços sociais são capazes ou não, de promover o exercício da cidadania à pessoa com deficiência intelectual adulta.
- Analisar percepções, afetos e sentidos de pessoas adultas com deficiência intelectual e de seus representantes legais, a partir da inserção em serviços que visem à promoção da cidadania.

## **1.2 Relevância do Estudo**

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), existem no Brasil 45.606.048 de pessoas com deficiência, das quais 2.611.536 se referem a deficientes intelectuais, o que corresponde a 1,4% da população Brasileira, esclarecendo ainda que neste quadro também se englobam as condições estabelecidas por doenças geneticamente raras.

Assim, percebe-se que esta população demanda pela efetivação de políticas públicas que assegurem seus direitos e garantias preconizados na Constituição Federal de 1988 e são regulamentados pela recepção da Convenção Internacional dos Direitos dos Deficientes, juntamente com o Estatuto da Pessoa com Deficiência e demais legislações complementares. Desta maneira, considerando a importância dos serviços institucionais na relação social cotidiana dessa parcela da população, torna-se relevante analisar os sentidos atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e por seu representante legal quanto ao seu papel social a partir da participação nos serviços implantados pelas políticas sociais, buscando compreender a relação dessa participação no processo de construção de subjetividade e no exercício da cidadania. No caso da deficiência intelectual, a inclusão, a conquista de direitos, o acesso aos espaços públicos e a participação na vida social ficam prejudicados se comparados com outros tipos de deficiência, pois ainda existem estigmas e preconceitos de descrédito na compreensão de significado e de sentido sobre eles. Salientando que na perspectiva Sócio-histórica, com a metodologia da dialética social subjetiva, pretende-se superar o modelo biomédico que ainda mantém a visão patologizante quanto aos diagnósticos, o que limita as possibilidades de desenvolvimento do potencial da pessoa com deficiência e se reflete na construção da sua subjetividade por meio da apreensão de significados e sentidos.

## **1.3 Organização do Projeto**

Primeiramente, se mostra relevante apresentar a introdução, o problema, os objetivos gerais e específicos, a delimitação do estudo, a relevância do estudo, seguido pela organização do trabalho.

No capítulo dois, a revisão de literatura se subdivide em subitens. Primeiramente, tratando sobre a história da pessoa com deficiência, na sequência,

apresenta-se um panorama sobre as garantias e os marcos legais aos direitos da pessoa com deficiência, seguido pela exposição dos principais conceitos da teoria Sócio-histórica e do conceito de estigma, a partir dos estudos de Goffman e finaliza-se com a perspectiva da deficiência intelectual na teoria Sócio-histórica.

No terceiro capítulo aborda-se o método utilizado para a realização do trabalho, neste caso trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa para a apreensão das categorias de significação com formação de núcleos de sentido, valendo-se de entrevistas semiestruturadas para coleta das experiências e vivências compartilhadas pelos participantes. Apresenta-se, também, os colaboradores participantes, os quais foram selecionados por convite pela acessibilidade junto à rede de contatos da pesquisadora. E em sequência o plano de coleta e análise dos dados.

E finalizando, o quarto capítulo demonstra-se a análise com os resultados, seguido pelo quinto capítulo das considerações finais.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 A trajetória da pessoa com deficiência**

A história da deficiência no mundo e no Brasil percorreu um caminho com lutas em busca de garantias, de direitos e do lugar da pessoa com deficiência da sociedade. Nesta trajetória, ao longo do tempo houve mudanças quanto aos conceitos, à funcionalidade, às limitações, assim como em relação às possibilidades e aos potenciais da pessoa com deficiência. Percebe-se que compreender o processo histórico da pessoa com deficiência implica em considerar as perspectivas de exclusão, segregação, integração e inclusão que permeiam as relações humanas vinculadas aos contextos culturais, políticos e econômicos, devendo-se considerar as pessoas com deficiência como sujeitos que se constituem mutuamente numa realidade social concreta.

No mundo antigo o conceito e a relação da sociedade com a deficiência apresentavam algumas diferenciações a partir da cultura de cada povo. No Egito, as pessoas deficientes não sofriam discriminação, conforme consta em registros arqueológicos e papiros. A deficiência não era vista como impedimento para as diversas atividades, mostrando-se integrada às diferentes camadas sociais. Já na Grécia, algumas divindades eram representadas com deficiência, no entanto o tratamento dispensado às pessoas deficientes era de abandono ou sacrifício. E em Roma, a legislação se pautava na forma humana para garantir o direito à vida, assim, nos casos de deformidade que fosse considerada com aparência monstruosa, caberia ao pai o direito de matar o filho, o que levava à morte ou ao abandono de nascituros e aqueles que sobreviviam eram muitas vezes explorados (DICHER; TREVISAM, 2014)

Na Idade Média, a deficiência era vista como castigo de Deus, um contexto místico, a partir do qual se acreditava que em um corpo malformado habitava igualmente uma mente malformada (DICHER; TREVISAM, 2014).

Sendo assim, com a ascensão do Cristianismo, Dicher e Trevisam (2014) compartilham que uma nova visão sobre o deficiente se instala. A caridade e a prática assistencial aos pobres e enfermos inauguram espaços para atendimento dessa população, incluindo-se a assistência aos deficientes.

Na Idade Moderna, o movimento de Renascimento e as transformações no campo das ciências traz novas concepções acerca do tratamento dispensado às pessoas com deficiência, o que resultou em descobertas relevantes no tratamento de algumas deficiências, principalmente aos cegos e surdos (DICHER, TREVISAM, 2014).

Ainda nessa época, quanto à doença mental, Philippe Pinel se apresenta como pioneiro a entender tais enfermidades como patológicas, vinculados a questões hereditárias, lesões fisiológicas, excesso de pressões sociais e psicológicas. E desta maneira, desvinculando-se do caráter supersticioso até então atribuído à pessoa com deficiência. Essa nova perspectiva, em que a deficiência era tratada como doença, favoreceu o início de uma nova visão em relação ao deficiente, embora ainda continuassem marginalizados pela sociedade (DICHER; TREVISAM, 2014).

No século XIX, Dicher e Trevisam (2014) apontam que embora não houvesse uma proposta de integração do deficiente na sociedade, passou-se a assumir a responsabilidade sobre essas pessoas, no entanto as instituições que proporcionavam abrigo e internação, eram mais uma forma de marginalização e exclusão do que uma alternativa de tratamento aos deficientes. Na segunda metade do século XIX, o conceito de pessoa com deficiência apresentou mudanças, porém o novo entendimento sobre a deficiência se vinculava a atender a necessidade de força laboral. Nesse mesmo período em Paris, no Instituto Nacional dos jovens Cegos, o aluno Louis Braille reformulou um sistema de comunicação noturna utilizado nas guerras, adequando-o para o uso dos cegos, surgindo assim, o método Braille (DICHER; TREVISAM, 2014).

Na sequência, o século XX foi o período com maior mobilização em direção à proteção e inserção social da pessoa com deficiência, principalmente no período 'pós-guerra, a Declaração dos Direitos Humanos impulsionou uma melhor organização das pessoas com deficiência, incentivando a criação de instituições e apoiando as já existentes no intuito de promover a inclusão social.

Especificamente no Brasil, Dicher e Trevisam (2014) esclarecem que a atenção às pessoas com deficiência por iniciativa pública, se inicia no século XIX, quando em 1854 pela influência das ideias europeias que criaram internatos para

surdos e cegos, se inaugura no Rio de Janeiro o Imperial Instituto de Cegos e o Imperial Instituto dos Surdos.

Ainda dentro do processo histórico da deficiência no Brasil, no início do século XX, Junior e Martins (2010) expõe que se estabeleceram escolas especiais para crianças com deficiência intelectual, nas redes paralelas de ensino em razão da omissão do Estado.

Assim, a educação especial passa a ser aplicada no Instituto Pestalozzi e por meio da criação de organismos como a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE). E desta maneira a deficiência mental, atualmente deficiência intelectual, passa a ter conotação diferenciada quanto ao atendimento e tratamento (JUNIOR; MARTINS, 2010).

Ainda prosseguindo com a trajetória da deficiência no Brasil, no século XX, Maior (2016) dispõe que as pessoas com deficiência, eram atendidas na área da saúde em centros de reabilitação ou em instituições por políticas assistencialistas, desvinculadas da perspectiva de inserção social. Nesse contexto, ainda prevalecia o modelo biomédico, pautado na normalização das pessoas com deficiência para atender aos padrões de desempenho e estética, estipulados pela sociedade e desconsiderando as limitações e barreiras atitudinais, relacionais, arquitetônicas, econômicas e políticas existentes e perpetuadas ao longo do tempo e da história.

No Brasil, no fim dos anos 1970, a mobilização política pela redemocratização do país, coincidiu com o movimento político das pessoas com deficiência. E entre os anos de 1980 e 1981 as associações construíram uma pauta de reivindicações, culminando no encontro em que se incentivou o sentimento de pertencimento do lugar social das pessoas com deficiência gerando a conscientização e a percepção de que a demanda era coletiva e visava a inclusão, a participação, a ocupação e o usufruir do espaço público e dos bens produzidos socialmente (MAIOR, 2016).

A partir deste período, Maior (2016) esclarece que em 1981 pela promulgação do Ano Internacional da Pessoa Deficiente, pela Organização das Nações Unidas (ONU), percebe-se um avanço das instituições para se organizarem politicamente, com o fortalecimento da participação direta e efetiva dos indivíduos, no anseio de exigir direitos civis, políticos, sociais e econômicos. E como desdobramento do



processo de luta por desconstrução de paradigmas de descrédito e limitantes à pessoa com deficiência, iniciou-se um processo contínuo com avanços e lutas às conquistas de direitos dessa parcela da população.

Complementando sobre a história da deficiência, faz-se relevante apresentar a perspectiva de Foucault (1972), acerca do paradigma da loucura e seus desdobramentos.

Percebe-se que elaborar uma compreensão sobre o processo da deficiência na sociedade implica em considerar a visão de segregação, discriminação e desvalorização que se dispensou a esse grupo, assim como aos considerados insanos e loucos.

No entendimento de Foucault (1972), sobre os internamentos, esclarece-se que esses se dirigiram não só à classe pobre, como também à da loucura, pois na prática funcionou como um mecanismo social que atuou em eliminar e expurgar o diferente, o que é considerado heterogêneo e nocivo aos interesses dominantes. Nessa perspectiva, a visão sobre o diferente se baseava nas experiências e verdades de uma classe dominante, seja na perspectiva de uma família preocupada com a moral e os bons costumes, seja de uma classe social como a burguesa, a zelar pelo patrimônio, seja da religião, a de evitar comportamentos e ideias profanas ou ainda do Estado sob alegação de ordem pública.

Segundo Foucault (1972), o conceito de loucura apreendido na Era Clássica entendia esse fenômeno como desorganização da família, desordem social e perigo para o Estado, sendo que essa percepção foi organizando-se como consciência médica, formulando-se como doença da natureza até ser validado com mal-estar social.

De acordo com Foucault (1972), o internamento, ampliando seu entendimento ao caráter de segregação, independentemente a quem se dirigia em cada período da história e da cultura, representou não apenas um papel de exclusão, como também um papel de organização. Suas práticas e regras construíram um domínio de experiência com unidade e coerência, aproximando personagens e valores juntamente com uma reorganização do mundo ético, conferindo predomínio e

sobrepondo linhas entre o bem e o mal, o reconhecido e o condenado e refletindo-se também nas normas de integração social.

Diante do exposto, vale comentar que a deficiência e a loucura, embora sejam conceitos, fenômenos psíquicos e sociais com distintas manifestações e potencialidades, tiveram em comum o crivo com a mesma visão de segregação, de dominação e de desrespeito pela sociedade sobre esses grupos, e por um tempo foram enquadrados na mesma realidade e no mesmo lugar social. E salienta-se que este, já citado lugar social, se referia a representações com estigmas de invisibilidade e de limitações, com desprezo às possibilidades de desenvolvimento. Ou seja, com predomínio do modelo biomédico sobre a compreensão da deficiência pelo paradigma biopsicossocial, sendo resultado multideterminado de fatores de saúde, pessoais, sociais e externos, como as circunstâncias históricas, econômicas e políticas.

## **2.2 Marcos legais aos direitos das pessoas com deficiência e políticas públicas**

Quanto aos aspectos jurídicos cumpre expor o caminho histórico de conquistas legais da deficiência no Brasil até a atualidade. Isto, porque as modificações sobre o conceito de deficiência, a busca por inclusão social e o acesso à igualdade em dignidade e direitos representam a transformação da sociedade. Assim, a prerrogativa da pessoa com deficiência à possibilidade de usufruir dos bens sociais se reflete na criação de leis para respaldo aos direitos e garantias e para a concretização da perspectiva de inclusão, na qual seja possível a essas pessoas assumir seu lugar social de cidadão.

O processo de transição da pessoa com deficiência de uma posição de segregação para um lugar social, no qual se exerça a cidadania, dispondo-se, autonomamente, sobre sua liberdade, capacidade, desejos e relações, dependeu de mobilização e de ação na realidade concreta, o que possibilitou a construção de uma consciência, implicando em luta por direitos e culminando em leis a resguardar e a aplicar os interesses desse grupo.

Ao analisar os dispositivos Constitucionais Brasileiros, as Constituições de 1824 e 1891 nada dispuseram referente à proteção, à educação, à integração ou à inclusão social da pessoa com deficiência

A Constituição de 1934 menciona sobre o direito à igualdade. No seu artigo 134, disciplina como incumbência da União, do Estado e do Município assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurará coordenar.

Na sequência, quanto às Constituições seguintes de 1937 e 1946 a garantia limita-se ao direito de igualdade. Destacando-se a infância e a juventude como objeto de cuidados por parte do Estado que deverá tomar medidas a assegurar as condições físicas e morais de vida sã e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades, incluindo o direito previdenciário em caso de invalidez.

A Constituição de 1967 inova quando no seu artigo 4 estabelece a Lei Especial sobre a assistência à maternidade, à infância e à adolescência e sobre a educação de excepcionais, sendo essa a primeira menção à proteção específica das pessoas com deficiência. Ainda com referência à Constituição de 1967, a Emenda nº 12, de 1978, propõe um avanço aos direitos, embora de modo apartado ao texto, o que transparece a preocupação diante das pessoas com deficiência, mas ainda sem o objetivo de inclusão. Referente ao direito à educação especial, vale comentar que essa conquista tinha como perspectiva a integração, mas não a inclusão. Ou seja, assegurava-se o direito de frequentar as escolas e espaços públicos, mas considerando que as pessoas com deficiência deveriam se enquadrar à sociedade pelo princípio de normalização com a expectativa que tais pessoas se adaptassem, se adequassem e se ajustassem aos conceitos, sistemas e padrões impostos pelos “normais”. Essa situação se verifica pela Lei 5.692/71, a qual dispunha sobre casos de alunos que apresentassem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrassem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados, devendo esses segmentos receber tratamento especial vinculado às escolas especializadas, ou seja, à parte e em detrimento da participação desses alunos na rede regular de ensino.

Ainda seguindo o caminho de conquistas legais, o principal marco na legislação brasileira ocorreu com a promulgação da Constituição Federal de 1988. A partir desse dispositivo Constitucional, o respeito e a proteção às pessoas com deficiência foram ganhando respaldos específicos, por meio de diversos dispositivos e sinalizando uma transposição de direitos com caráter de integração a um caráter de inclusão e em defesa da diversidade.

Assim, apresentam-se abaixo os principais dispositivos constitucionais que asseguram os direitos das pessoas com deficiência:

A Constituição Federal da República em seu artigo 5º da CF caput estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

No artigo 7º, inciso XXXI fica disposto a proibição de qualquer discriminação no tocante à salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência.

O artigo 37, inciso VIII dispõe sobre percentual de cargos e empregos públicos para as pessoas com deficiência e define os critérios de sua admissão.

O artigo 203, incisos IV e V quanto à assistência social estabelece a garantia de habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária, além de assegurar a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso desde que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

O artigo 208, inciso III prevê o atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

O artigo 227 incisos II do § I apresenta a previsão de criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas com deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem com deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação. Ainda nesse artigo, o § 2 dispõe sobre a normatização de construção de logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado à pessoa com deficiência.

E ainda surgiram outras medidas protetivas, como a Lei 7.853/89, que criou a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência- CORDE, disciplinando o apoio às pessoas com deficiência e sua integração social.

Outras medidas que se seguiram foram a Lei 8.112/90 disciplinando sobre a previsão de reserva de vagas em concursos públicos e a Lei 8.213/91, delimitando cotas de vagas em empresas privadas;

E complementando as conquistas já citadas, vale mencionar a Declaração de Salamanca, reafirmando a concepção de educação para todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de se providenciar e efetivar a educação para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

Reforçando a perspectiva de inclusão, o decreto 3956/2001 veio regulamentar a Convenção Interamericana da Guatemala sobre não discriminação, a qual se fundamenta em eliminar qualquer tipo de discriminação contra pessoas com deficiência e o favorecimento pleno de sua integração à sociedade. No caso, definindo discriminação como toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, ou em seus antecedentes, consequências ou percepções, que impeçam ou anulem o reconhecimento ou o exercício, por parte das pessoas com deficiência, de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais.

Em relação às políticas públicas, cumpre dispor sobre a instituição da Política Nacional de Saúde da Pessoa com deficiência no ano de 2002, como marco histórico para reflexão sobre as ações de saúde para essa população. Tal proposta visa à necessidade de inclusão, de reabilitação, de promoção de saúde e prevenção de agravos para a população de pessoas com deficiência, considerando a articulação entre diferentes setores governamentais e a participação da sociedade civil.

Na sequência, o ano de 2009 se destaca, pois recepcionou ao ordenamento jurídico brasileiro a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, realizada em Nova Iorque, no ano de 2007, por meio da promulgação do decreto de lei nº 6.949, tornando vigentes os preceitos legais da convenção e seu respectivo tratado. Assim, como obrigação, o Estado Brasileiro se compromete a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais a todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação. Para tanto, os Estados signatários da convenção se propõem a adotar as medidas legislativas, administrativas e de qualquer outra natureza, necessárias para a realização dos direitos reconhecidos na convenção. Além disso, os Estados devem adotar as medidas necessárias, inclusive legislativas, para modificar ou revogar leis, regulamentos, costumes e práticas vigentes, que constituam discriminação contra pessoas com deficiência. A Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas

com deficiência tem relevância, pois inova por apresentar uma visão social e interativa ao conceito de deficiência, conforme segue abaixo:

Art. 1º Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Essas colocações visam permitir à pessoa com deficiência usufruir e ocupar seu espaço social de modo autônomo e com respeito às suas condições e à sua dignidade.

E finalmente em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/15, se instituiu vindo a regulamentar os dispositivos já assegurados legalmente, disciplinando sobre o exercício dos direitos e ratificando o conceito sobre pessoa com deficiência por meio do caráter de avaliação biopsicossocial, previsto da Convenção Internacional. A referida lei se destina a assegurar e a promover em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

### **2.3 A psicologia Sócio-Histórica**

De acordo com Bock et al (2002), a Psicologia Sócio-Histórica surge no século XX, sob a influência do pensamento Marxista e baseado na teoria histórico-cultural de Vigostki, tendo como objeto de estudo o fenômeno psicológico enquanto experiência pessoal do sujeito, que se constitui no coletivo e na cultura.

Assim, a subjetividade é uma construção humana a partir de sua atividade e de sua intervenção transformadora sobre o mundo, num processo ao longo do tempo e com motivações históricas. Deste modo, o trabalho é visto como atividade instrumental de transformação do mundo para garantir a sobrevivência. O uso da ferramenta pelo homem primitivo, agindo no seu meio, realizou a mediação entre o humano e o mundo material, e teve como consequência as mudanças em suas capacidades. Assim a ferramenta modificou a relação do homem no ambiente com o tempo, superando as necessidades imediatistas e alcançando contextos de planejamento para o futuro, o que propiciou diversas possibilidades quanto ao adiamento de comportamentos, de decisões, de escolhas, quanto à solução de

problemas, à satisfação de desejos, à realização de tarefas em etapas, às formas de se relacionar e de existir no mundo (BOCK ET AL, 2002).

Desta maneira, Bock et al (2002) compartilham que toda essa gama de possibilidades se materializou sob a forma de subjetivação, a definir como a pessoa pensa, age, sente, se comunica, deseja e significa suas experiências. E assim a Psicologia Sócio-Histórica se fundamenta como um mundo de registros e possibilidades disponíveis ao ser humano. Além disso, vale complementar que pelo paradigma da teoria Sócio-histórica, o homem age no mundo, modificando-o e sendo transformado por ele, num processo dinâmico e constante.

No que se refere à subjetivação, cada sujeito formará sua percepção individual e social com significados e sentidos, partindo do conceito de que os fenômenos psicológicos estão tanto dentro como fora da pessoa, numa dimensão integrada que tem a linguagem como instrumento (BOCK ET AL, 2002).

E ainda é válido dizer, conforme exposto em Bock et al (2002) que a pessoa, no seu processo de humanização por meio das relações com o outro, apropria-se dos significados e dos lugares sociais, atribuindo sentido pessoal a partir da atividade e dos sistemas relacionais. Essa apropriação do âmbito social, leva ao processo de desenvolvimento da consciência, o qual é contínuo e constitui a realidade para cada indivíduo e como irá se relacionar com o mundo.

Ainda contribuindo com aspectos sobre a teoria Socio-histórica, Aguiar e Ozella (2013), complementam que o homem é constituído numa relação dialética com o social e com a história, a qual se desenvolve na e pela atividade e que, ao cumprir sua existência, revela por meio da singularidade formada pelos significados sociais e pelos sentidos subjetivos, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção.

E assim, por historicidade, Gonçalves (2002) compreende as experiências humanas entendidas como toda atividade realizada socialmente pelo homem, com a finalidade de atender às necessidades e conseqüentemente, produzir sua própria existência. Nesse contexto, forma-se uma realidade material mediada por meio dos signos, dos instrumentos e da linguagem, as quais participam da construção da consciência e do psiquismo, ou seja, da subjetividade do indivíduo.

De acordo com Leontiev (1978), as funções complexas e superiores do homem que formam suas aptidões, não têm origem no organismo e nem se

transmite por hereditariedade biológica, mas sim, são adquiridas nas condições históricas e externas da vida social pela apropriação da cultura criada pelas gerações anteriores, a partir da interação do homem com a realidade ao longo de sua vida.

A fixação dessas aquisições e a transmissão às gerações seguintes aconteceram por meio de uma forma particular, dos fenômenos externos da cultura material e intelectual, as quais somente se manifestam na sociedade humana, sendo decorrentes da atividade criadora e produtiva humana que fundamenta o trabalho (LEONTIEV, 1978).

Leontiev (1978), ainda complementa que a comunicação é fator decisivo na passagem da conduta animal à atividade consciente do ser humano., a qual não se restringe a motivações biológicas e nem está, em absoluto, ligada a impressões vivas recebidas do meio ou pelas contingências da experiência individual direta, pois o comportamento humano se baseia na capacidade de abstração que leva ao conhecimento da necessidade. Ademais, o comportamento humano além de se pautar na filogênese e na ontogênese, também se alicerça na experiência social e histórica acumulada e transmitida no processo de aprendizagem, o que se desdobra em considerar a consciência como decorrência das condições sociais da vida historicamente constituída.

Ainda em relação à consciência, a linguagem tem um papel importante, pois permite a retenção na memória sem a presença do objeto, e isso se dá, em razão do aparecimento do instrumento, o qual se vincula intimamente com o aparecimento da atividade consciente por meio da simbolização (FURTADO, 2002).

A hominização, de acordo com Leontiev (1978), fundamenta-se na passagem pela vida em uma sociedade organizada na base do trabalho, a qual, diferentemente dos animais, não se submete somente às leis biológicas, mas também segundo leis Sócio-históricas. Isto, porque os homens se modificam em função do desenvolvimento de suas necessidades, que os levaram a retenção coletiva do conhecimento e ao estabelecimento da cultura, sendo esta última compreendida como repertório e acervo de tudo que o homem produziu coletivamente, por meio das suas relações sociais e de como retém mnemonicamente esses conteúdos e experiências, internalizando-as na sua subjetividade.



Ainda quanto à perspectiva da teoria Sócio-histórica, vale mencionar que o conteúdo psíquico não se origina no próprio indivíduo, mas é decorrente de uma construção social. Nesse processo de construção psíquica, os signos são elementos com função mediadora, pois este depõe como um meio de atividade interna com finalidade de controle do próprio indivíduo, orientado para o campo subjetivo (FURTADO, 2002).

A mediação então, é tida como o centro organizador e mútuo da singularidade com a universalidade, mutuamente constituídos e relacionados a objetos, processos ou situações entre si (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Partindo dos ensinamentos de Vigotski, a combinação entre signo e instrumento, ambos com funções mediacionais, possibilita a função psicológica superior, com possibilidade de sobreporem-se aos elementos organicamente constituídos (FURTADO, 2002).

Os signos são, portanto, instrumentos psicológicos constitutivos do pensamento que servem à comunicação e como meio de atividade interna, representando o objeto na consciência quanto a apreensão do ser, pensar e agir (AGUIAR; OZELLA, 2013).

E assim, o paradigma de compreensão da Psicologia Sócio-Histórica considera que o psiquismo se constitui na relação dialética e dinâmica com a atividade humana sobre a natureza e a realidade, sendo que essa interação ao mesmo tempo em que as transformam, também se apresenta como transformadora do homem pelos seus significados e sentidos elaborados em dado tempo, espaço e cultura, formando a história pessoal e da sociedade.

## **2.4 Categoria de Estima**

De acordo com Goffman (1988) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas pelos atributos considerados comuns e naturais para cada sociedade e pela previsão de características, de estereótipos, de relações e de comportamentos para cada segmento ou classe, a partir da visão, dos valores e de experiências próprias de cada indivíduo.

Essas concepções se transformam em expectativas normativas e exigências nas relações com os demais, pelo que o outro deveria ser e,

principalmente, frente ao que se revela diferente e supostamente incompleto pelas expectativas existentes nas crenças de cada indivíduo (GOFFMAN, 1988).

Percebe-se, a partir de Goffman (1988), que o estigma se configura como conjunto de categoria e atributos, os quais supomos, que determinado indivíduo deveria ter ou ser. Ao passo que as características que este indivíduo possui, fazem parte da sua identidade social real.

Nas relações sociais os traços de estigmas podem afastar a possibilidade de se perceber outros atributos reais e potenciais do indivíduo, podendo prevalecer pensamentos, crenças e atitudes relacionais discriminativas que diminuem a capacidades e as oportunidades das pessoas estigmatizadas e, por vezes, atribuindo-lhes julgamentos de inferioridade e perigo (GOFFMAN, 1988).

Para o indivíduo estigmatizado as percepções pré-concebidas de inferioridade e perigo contidas nas relações entre esses e os considerados normais, sendo este último entendido, a partir dos padrões normativos e estatísticos sociais, podem levá-lo a construir uma identidade baseada nas suas características particulares e nas diferenças. Como consequência há a possibilidade de manifestar sentimentos de vergonha e autodepreciação, mas pode também ocorrer a busca pela correção da sua condição estigmatizante, com dedicação e esforço para dominar e adquirir competências que superem a circunstância ou o motivo visto como limitante. Há ainda a possibilidade de o indivíduo estigmatizado se valer da sua condição como desculpa e justificativa para suas protelações e insatisfações diante de fracassos e frustrações. Ou ainda ver as privações como ganhos e bençãos, caso considere que a dor e o sofrimento enobrecem e ensinam sobre a vida (GOFFMAN, 1988).

As pontuações e consequências acima citadas sobre como cada indivíduo direcionará sua vida e construirá sua subjetividade e sua identidade social, muito dependem das relações estabelecidas e do feedback de intercâmbio social cotidiano com os outros. O estigmatizado pode por vezes se isolar, tornar-se desconfiado, inseguro, deprimido, hostil, ansioso e confuso, ainda que diante de um feedback positivo frente a uma concepção favorável, construída na relação, pois há a sensação de não saber o que estão pensando dele (GOFFMAN, 1988).

Assim, Goffman (1988) expõe que da parte dos indivíduos estigmatizados, por uma condição ou por características, se desenvolverá dois tipos de relações. Há as relações entre os iguais, dentre quem compartilha um mesmo sentimento de pertencimento e coletividade pelo estigma e tal situação pode vir a ser a base para organizar a vida. Cumprindo mencionar que a enfermidade ou o descrédito vivenciado por uma pessoa estigmatizada, pode refletir naqueles que estão próximos, em diversas intensidades e circunstâncias.

O fato é que a pessoa com algum atributo que a torne diferente da maioria, terá uma aprendizagem sobre si e sobre o mundo que se refletirá em sua subjetividade e em sua identidade, em razão da concepção sobre si decorrente da sua história pessoal e do contexto de ajustamento e desajustamento social, mediada pelas relações, o que também interfere no seu lugar social.

## **2.5 A teoria Sócio-histórica e a deficiência intelectual**

O desenvolvimento humano na perspectiva Sócio-histórica se sustenta a partir do caráter e das condições históricas, temporais, culturais e dialéticas da pessoa, pois desde o seu nascimento, esta já é inserida no contexto de mediação e de atividade humana, numa realidade concreta que se amplia para a sociedade.

De acordo com Pasqualini (2009), não há como desconsiderar que os pensamentos e as concepções predominantes no meio social da criança têm determinação sobre o seu desenvolvimento. Desta maneira os períodos e os conteúdos dos estágios de desenvolvimento do ser humano dependem diretamente das condições históricas e sociais e por isso é entendido como fenômeno histórico ligado, objetivamente, às formas da organização da sociedade, não se vinculando exclusivamente às leis naturais, cronológicas e maturacionais do seu potencial. Assim, deve se considerar o lugar social desta pessoa por meio das suas relações, para se compreender seu desenvolvimento.

Por esse modo de conceber o desenvolvimento humano, Vigostki expõe que os processos biológicos estão subordinados à cultura, pois esta é responsável por originar formas de conduta, por modificar a atividade das funções psíquicas e por edificar novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento (PASQUALINI, 2009).

Assim, as mudanças de uma fase de desenvolvimento a outro devem se pautar em aspectos e nas questões internas e não nos indícios e sintomas externos. A apreensão da realidade se atrela a investigar o que se oculta atrás dos sintomas e o que os condiciona. E cada avanço no desenvolvimento está diretamente ligado àquilo que se formou na etapa anterior numa perspectiva dialética em que a transformação da quantidade (acúmulo) em qualidade proporciona o salto qualitativo modificando a relação com o meio, além da consciência sobre si e do seu lugar social (PASQUALINI, 2009).

De acordo com Dias e Oliveira (2013), os sentidos e conceitos vinculados aos fenômenos humanos estão associados às concepções de mundo e de homem de cada época e conforme cada cultura. Assim, o entrelaçamento de condições ambientais, histórico-culturais e subjetivas possibilitam a ressignificação da pessoa e também da sua relação com a deficiência.

Por esse caminho, Dias e Oliveira (2013) expõem que o conceito de desenvolvimento, em caso de pessoas com deficiência na visão histórico-cultural não se relaciona à noção de progresso, e sim de movimento ou dinamicidade e acontece nas condições concretas da vida, sem implicações teleológicas. Assim, se vislumbra o desenvolvimento por meio de uma relação intrínseca de mútua constituição entre os aspectos orgânicos e aqueles da ordem da cultura, que possibilitam transformações das funções psicológicas e favorecem a emergência das funções superiores, caracteristicamente humanas (DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Esse entendimento é aplicado de acordo com Dias e Oliveira (2013), às pessoas com deficiência, em particular as pessoas com deficiência intelectual. Apresenta-se então, uma concepção de deficiência intelectual, pautada no desenvolvimento humano, mediada pelos processos históricos e vivências socioculturais, rompendo-se com as causas predeterminadas do fenômeno pelo entendimento sobrenatural, orgânico ou ambiental.

Dias e Oliveira (2013) pautando-se nos ensinamentos de Vigotski, afirmam que ser pessoa com deficiência não implica restritivamente e exclusivamente a déficits, limitações e impossibilidades. Isto porque a perspectiva que se apresenta na teoria histórico-cultural é da deficiência por meio de uma organização psíquica qualitativamente diferenciada, a qual envolve organização da personalidade, a

estrutura orgânica e funções psicológicas sem, contudo, desconsiderar as potencialidades e possibilidades de articulação e de desenvolvimento do indivíduo.

Ou seja, o modo como a deficiência se apresenta é consequência da estruturação de aspectos sociais, de sistemas de valores com significados e sentidos disseminados na cultura em que o indivíduo vive e da rede de apoio disponível.

Fatores como exposição empobrecida aos bens culturais, suporte sócio afetivo impróprio e processos pedagógicos inadequados, incidem diretamente na condição do deficiente, e de modo específico à pessoa com deficiência intelectual, acentuando o sentimento de incapacidade e a condição de debilidade (DIAS; OLIVEIRA, 2013)

É importante, conforme exposto em Dias e Oliveira (2013), compreender que a percepção de que a deficiência não é algo estático, mas sim um processo contínuo de possibilidades por novas formações qualitativas, vinculadas à participação do indivíduo deficiente em sistemas e contextos desafiadores e dialógicos, aos quais a experiência pessoal põe em marcha processos compensatórios potenciais de alterar a estrutura orgânica, desenvolvendo condições de compensação social do “defeito”, pois este se trata ao modo de organização social, não sendo um construto isolado do indivíduo.

Conforme disposto por Vigotski, e em Dias e Oliveira (2013), concebem-se que a compreensão sobre a deficiência, está em conhecer a pessoa e sua subjetividade diante da deficiência e o lugar que a deficiência ocupa em sua vida e no seu contexto social, não cabendo limitar-se ao conhecimento sobre as características da deficiência e seus aspectos quantitativos.

Quanto às formas de avaliação da deficiência, atualmente a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004), propõe que coexistem dois modelos de compreensão. O modelo médico, que institui a ideia de que o suposto problema é da pessoa, causado pela doença ou trauma e, portanto, requer assistência médica de tratamento individualizado, feito por profissionais. E o modelo social, que percebe a deficiência pelos parâmetros sociais envolvidos, relacionando a funcionalidade apresentada pela pessoa com deficiência, como resultado de uma relação complexa entre condições de saúde e fatores pessoais, somados à fatores externos, que

representam as circunstâncias de vida desta pessoa, vinculadas à funcionalidade, às funções e estruturas do corpo e também à atividade e participação social do sujeito.

É perceptível que as ideias defendidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2004) sobre o conceito de deficiência vem ao encontro das postulações da teoria Sócio-histórica. Assim, é possível compreender a deficiência e intervir sobre esta condição, implica também em considerar a pessoa não como portadora de um sintoma, com características e aspectos orgânicos inerentes à sua individualidade, mas incluir as condições sociais vigentes que deveriam prover as demandas e reorganizar tanto o ambiente como as relações, permitindo a sua participação e seu lugar na sociedade.

Considerando os fundamentos já explicitados quanto ao desenvolvimento humano, há argumentos para se reconhecer a deficiência como uma das maneiras diferenciadas de se desenvolver, sendo uma possibilidade dentre tantas outras ao considerar a multiplicidades de contextos históricos, de culturas e a subjetividade presente nas relações. E por isso, a pessoa com deficiência além de ser agente em sua existência se constrói mediada pelas condições históricas e socioculturais concretas.

### **3 MÉTODO**

Esclarece-se que esse projeto de pesquisa passou por aprovação junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Taubaté, por meio do sistema Plataforma Brasil, com aprovação sob número CAEE: 10916919.0.0000.5501.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com a perspectiva exploratória e com a finalidade de se apreender a subjetividade e o universo social dos participantes, por meio da categoria de sentido-significado de Vigotski. Para tanto, como instrumento, foi utilizada a entrevista semiestruturada para coleta de dados.

A pesquisa qualitativa, conforme Aguiar e Ozella (2013) expõem, parte dos núcleos de significação para se chegar às zonas de inteligibilidade de sentidos, com o propósito de compreensão não somente a relação entre o sujeito e o objeto, como também, e principalmente, a própria constituição do sujeito como uma síntese de múltiplas determinações, superando assim, a visão reducionista e positivista. A apreensão dos sentidos tem no empírico seu ponto de partida, para ir além da aparência, considerando o homem como um ser constituído na relação dialética com o social e com a história, entendendo-se cada sujeito como único, singular e histórico, sendo que pela expressão de sua singularidade, produz e manifesta significados sociais e sentidos subjetivos (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Esta epistemologia, conforme exposto em Gonzales Rey (2005), propõe o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o que se desdobra na compreensão da realidade como produção e não como apropriação linear.

Sendo assim, o estudo qualitativo pode gerar campos de intelegibilidade, propiciando o surgimento de novas ações sobre a realidade, novos caminhos e novos trânsitos (GONZALES REY, 2005). A produção do conhecimento científico se vincula à atividade pensante e construtiva do pesquisador, somada à produção sistemática de organizar de diferentes formas o material empírico, integrando as ideias como parte essencial do conhecimento a ser elaborado.

Ainda segundo Gonzales Rey (2005), a epistemologia qualitativa tem como princípio metodológico a articulação da definição ontológica da subjetividade com os sentidos, os quais tem o caráter dinâmico, valendo-se de aspectos histórico-culturais, físicos, sociológicos, econômicos e demográficos, denotando a complexidade e a riqueza envolvida nos fenômenos e objetos estudados.

E tem como finalidade da pesquisa a apreensão do sentido, que representa uma unidade integradora de elementos diferentes, que em junção, formam a configuração subjetiva, entendida como o processo de atividade humana em diversos campos de ação na história e nos contextos de vida do indivíduo sempre numa ação com o outro (GONZALES REY, 2005).

### **3.2 Área de realização**

A pesquisa realizou-se em cidade localizada no Vale do Paraíba, estado de São Paulo.

### **3.3 Participantes**

A pesquisa contou com a participação de quatro pessoas, sendo duas pessoas com idade superior a 18 anos, com deficiência intelectual e capacidade de expressão e comunicação, os quais frequentam instituições públicas vinculadas às políticas públicas de promoção ao exercício da cidadania há mais de um ano e seus respectivos representantes legais.

A participação ocorreu por acessibilidade por meio de convite feito aos contatos da rede social da pesquisadora.

### **3.4 Instrumentos**

As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para a coleta do material, por meio de roteiro de perguntas, elaborado pela pesquisadora, com base nos objetivos do estudo e na literatura científica levantada. Salienta-se que esta modalidade de entrevista se trata de um instrumento potencial que permite acesso aos processos psíquicos, principalmente direcionados a nortear o processo de captação e apreensão de significados e sentidos, mostrando-se indicada na abordagem Sócio-histórica e também em pesquisas qualitativas (AGUIAR; OZELLA, 2013).



Aliado a esses apontamentos, Aguiar e Ozella (2013), ainda complementam sobre a importância de se considerar a observação junto ao processo de entrevista, como meio de captar indicadores não verbais, ampliando o alcance do objetivo proposto.

Richardson (1999), complementa que a entrevista semiestruturada permite uma conversação guiada, pretendendo-se dessa maneira levantar informações detalhadas para serem utilizadas em uma análise qualitativa que busca a compreensão de como e por quê algo ocorre por meio do compartilhamento de experiências, vivências e afetações do próprio entrevistado.

### **3.5 Coleta de Dados**

Primeiramente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, a após a aprovação deu-se início ao processo de coleta de dados.

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas com duas pessoas com deficiência intelectual e idade superior a 18 anos, com capacidade de expressão e comunicação e também com seus representantes legais, após terem aceitado participar da pesquisa.

Primeiramente, realizou-se o convite para a participação na pesquisa de modo pessoal, ao representante legal do deficiente intelectual, a partir do critério de acessibilidade junto à rede social da pesquisadora. Nesta ocasião, foram apresentadas ao representante legal da pessoa deficiente, a proposta da pesquisa com os objetivos, as condições de participação quanto ao sigilo, a necessidade da gravação da conversa e a transcrição, as condições de risco e benefícios, o acesso aos resultados e a possibilidade de desistência. Ainda nesta oportunidade, para a participação no estudo, solicitou-se a apresentação do documento RG (Registro Geral), para fins de comprovação parental e de responsabilidade legal junto à pessoa com deficiência, firmando o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a concordância do representante legal da pessoa com deficiência intelectual, procedeu-se o convite a este último, oportunidade em que foi apresentada a proposta de pesquisa, pessoalmente, ao participante com deficiência intelectual. Foi esclarecido que a participação seria voluntária, por meio de entrevista

semiestruturada, em forma de conversa, que seria gravada em áudio e na sequência, firmou-se o termo de assentimento.

A partir da aceitação e formalização dos termos de consentimento e assentimento por parte dos participantes, procedeu-se a realização das entrevistas, de modo individual e em dias separados, em local indicado pelo participante e com garantia das condições éticas e de sigilo.

### **3.6 Análise de Dados**

Após a realização das entrevistas com as devidas gravações estas foram transcritas. As propostas de análise se desdobraram em direção à categoria de sentido-significado que formaram os núcleos de significação do sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2013).

As leituras flutuantes propiciaram a familiarização com o conteúdo das entrevistas, possibilitando a identificação de pré-indicadores para a formação de indicadores e posteriormente dos núcleos. Para a formalização dos pré-indicadores, considerou-se a frequência e a relevância enfatizada nas narrativas das entrevistas, assim como a carga emocional e a ambivalência para que então, se formassem os indicadores (AGUIAR; OZELLA, 2013). Nessa primeira etapa, por meio da leitura flutuante, obteve-se como pré-indicadores as narrativas sobre as relações da pessoa com deficiência na família e nas instituições; as percepções e os afetos da pessoa com deficiência sobre si e de terceiros sobre estes; discursos quanto ao desenvolvimento, às mudanças e conquistas na trajetória de vida dos participantes e relatos sobre as dificuldades e situações desfavoráveis experienciadas pelos participantes, além do compartilhamento de sonhos, de expectativas e de conflitos.

Na sequência, articularam-se os trechos das entrevistas de modo a aglutiná-los pelos indicadores. Assim, a segunda fase se referiu à construção dos indicadores, entendidos como trechos de fala formados por palavras articuladas carregadas de significado que expressam a totalidade e uma unidade de pensamento e linguagem, os quais tiveram relevância para o objetivo investigativo da pesquisa. E sob os apontamentos de Aguiar e Ozzela (2013), elaborou-se a formação dos indicadores pela aglutinação por similaridade, pela complementaridade ou pela contra posição. No caso, como resultado dessa etapa

tem-se o lugar social do desenvolvimento da pessoa com deficiência na família e nas instituições, a participação nos serviços públicos, a promoção da cidadania e a manifestação da pessoa com deficiência como sujeito consciente sobre si, sobre o outro e sobre sua ação.

E por fim, considerando os conteúdos apresentados, partiu-se do trabalho empírico para o interpretativo, com a elaboração dos núcleos de significação integrados à teoria Sócio-histórica e com a metodologia dialética social subjetiva.

O processo de análise envolveu a articulação com significado diante dos conteúdos temáticos, iniciando a nuclearização de modo empírico, com trechos a fim de ilustrar e justificar os indicadores.

Na sequência houve a fase de desenvolvimento dos núcleos de significação, num processo construtivo, interpretativo e crítico da pesquisadora com objetivo de sintetizar e expressar os pontos centrais e fundamentais, com implicações para o participante sobre suas determinações constitutivas aos aspectos cognitivos, emocionais e históricos e também sobre o processo de construção de sua cidadania e de desenvolvimento do seu lugar social, o que se apresenta por meio dos três núcleos de significação no capítulo seguinte que trata da análise com discussão e resultados.

## **4 DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Neste capítulo serão apresentados os resultados e a análise por meio dos núcleos de significação elaborados a partir do discurso dos participantes nas entrevistas, no qual se buscou compreender o lugar social do desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual na sociedade, a partir da participação nos serviços atrelados às políticas públicas.

### **4.1 Apresentações dos participantes**

Participaram desse estudo duas pessoas com deficiência intelectual, que frequentam serviços públicos vinculados às políticas públicas e suas respectivas mães, os quais para preconizar o sigilo e a ética serão identificados como P1, M1, P2 e M2.

P1 se refere a um rapaz de 28 anos, com deficiência intelectual, que reside com sua mãe e dois irmãos, possuem como renda familiar a pensão materna que o pai de P1 destina à mãe e os salários dos dois irmãos. Durante sua vida, P1 frequentou ensino regular e instituição destinada ao atendimento de pessoas com deficiência, ficando um período sem atendimento quando esta última instituição teve seus serviços encerrados. A instituição pública atualmente frequentada por P1 se constituiu a partir de um grupo de mães que tiveram iniciativa de recorrer e acionar a justiça para efetivação dos direitos legalmente previstos, após fechamento da instituição anteriormente frequentada por seus filhos.

M1 se refere a uma senhora de 63 anos, que se dedica aos cuidados da família, está separada, sendo uma das mães que participou do processo de reinvidicação, por meio judicial pela implementação da atual instituição vinculada às políticas pública, frequentada por seu filho P1.

P2 se refere a uma mulher jovem, de 26 anos, com deficiência intelectual, que reside com a mãe, a irmã também é deficiente intelectual e a avó, acometida pela demência de Alzheimer, como renda a família possui a aposentadoria da avó e o benefício de prestação continuada de P2, a mãe trabalhou como empregada doméstica e atualmente aguarda o processo de aposentadoria. P2, durante sua vida frequentou ensino regular e instituição destinada ao atendimento de pessoas com deficiência, e essa instituição é a mesma que teve seus serviços encerrados. A

instituição pública atualmente frequentada por P2 se constituiu a partir de um grupo de mães que tiveram iniciativa de recorrer e acionar a justiça para efetivação dos direitos legalmente previstos, após fechamento da instituição anteriormente frequentada por seus filhos. M2 se refere a uma senhora de 60 anos, desempregada, solteira, que também participou do processo de reivindicação por meio judicial, pela implementação da atual instituição vinculada às políticas pública frequentada por sua filha P2.

A descrição em relação às instituições e aos serviços atrelados às políticas públicas frequentadas pelos participantes da pesquisa, assim como aos funcionários citados na entrevista se dará da seguinte forma:

A - Atual instituição vinculada à política pública para atendimento a pessoas com deficiência intelectual frequentada por P1 e P2.

B - Instituição vinculada à política pública para atendimento a pessoas com deficiência intelectual frequentada anteriormente por P1 e P2 e atualmente com as atividades encerradas.

C - Instituição de ensino público regular

X - Funcionário da instituição A

Y - Funcionário da instituição A

G - Funcionário da instituição A

F - Funcionária da instituição A

D - Amigo de P2 na atual instituição em que frequenta

P - Médico que atendeu P2

W - Funcionário que auxiliou M2

K - Instituição pública

#### **4.2 Pessoa com deficiência intelectual: um ser desejante e consciente**

Este núcleo se propõe a refletir sobre as percepções que as pessoas com deficiência intelectual apresentam sobre si, bem como a visão materna.

Parte-se da ideia de que para analisar a realidade e a representação social dos participantes da pesquisa, é preciso compreender que as pessoas se constituem por meio de suas relações e nos diversos núcleos da sociedade, que são sujeitos desejosos e potenciais para construir a consciência sobre si e sobre os demais. Além disso, a deficiência que tantas vezes rotula, limita e conduz a existência da pessoa com deficiência no mundo, deve ser vista como uma entre tantas maneiras de existir e, sobretudo como um direito de se viver de maneira diferente e diversa.

De acordo com Leontiev (1978), o processo de hominização para o desenvolvimento do homem, como um ser atuante de forma consciente no mundo, se vincula ao processo de aprendizagem pela mediação. Cumprindo mencionar que o desenvolvimento humano vai além de adaptação, pois prescinde da apropriação que envolve a reprodução de caracteres, de faculdades e de modos de comportamentos formados historicamente. As funções especificamente humanas como a compreensão pela linguagem, a constituição do ouvido verbal e articulado, o pensamento intencional e a consciência de si, do outro e do mundo decorrem da ontogênese e do processo ativo de mediação e comunicação, sendo os aspectos biológicos apenas possibilidades para o desenvolvimento destas funções superiores.

Luria (2010) acrescenta que a autoconsciência é um produto do desenvolvimento sócio-histórico, em que, primeiramente, surge a reflexão da realidade externa e social e, posteriormente, por meio da influência mediadora é que o sujeito constrói sua autoconsciência e desenvolve suas potencialidades às funções superiores. Assim, a autoconsciência é um produto da consciência do mundo externo, mediado por outras pessoas, sendo um fenômeno secundário e socialmente produzido e vinculado às relações experienciadas pelo indivíduo.

Durante as entrevistas, o participante P1 ao ser questionado sobre si, expôs os seguintes comentários:

“Eu queria aprender mais coisa que eu já aprendi agora, eu gosto de aprender muitas coisas legais, sabe. Eu consigo poucas coisas só, eu penso muito entendeu e eu esqueço de outra coisa, entendeu. Eu pisei muito na bola, eu bagunçava muito; agora de escola, eu tô aprendendo de novo aqui”

Ah, eu to dez! Vou aprender tudo! Ah, vou aprender mais desenho, né? Quero aprender! Eu que pedi pro X, Y, Oh, merda! Eu esqueço! I, arruma um curso pra mim, né?!pra mim mexer a minha cabeça. Aí, ele arrumou esse. Ai, meu Deus! Tô tão nervoso pra começar esse curso. (P1)”

Estas colocações conferem à vivência e à realidade de P1 a manifestação de um sujeito desejoso e motivado a aprender, o qual tem consciência da sua condição, mas não se mostra restringido ou alienado por ela, pois P1 sabe sobre seu ritmo e sobre sua história de vida. Assim, se mostra predisposto a continuar aprendendo e o desejo o move ao ponto de, mesmo ciente da sua dinâmica de aprender e de esquecer, isso não o limitar, tanto que ele próprio recorre ao funcionário da instituição, solicitando que lhe providenciem um curso. Destaca-se também a consciência que P1 tem sobre si, pelo seu desejo e motivação em aprender e a emoção que sente diante da expectativa de iniciar um curso.

Nessas passagens verifica-se a importância da mediação realizada pelas atividades educacionais e dos serviços de convivência como elementos capazes de despertar interesse, e expectativas e, sobretudo mobilizando o sujeito à ação e aos afetos rumo à apropriação da realidade em casos concretos da vida do sujeito.

Relacionando-se os discursos das entrevistas, pode-se questionar se P1, o qual se manifesta desejoso e consciente de si se trata da mesma pessoa sobre a qual a mãe se refere da seguinte maneira:

“A vida dele é comer e beber e dormir só, ele come, bebe e dorme. É lerdão o dia inteiro. Num sei se na escola ele é assim, aqui ele é, num faz as coisas não, a vida dele é dormir, porque na escola também ele dorme, né. Ele andava quieto, não falava com a gente, ele era quietão, meio bobão, sabe? Ele é sempre assim, acho, num sei, às vezes dá uma virada na cabeça dele, e ele fica assim. Ele frequentou essa escola que eu falei pro cê, a C; ele também frequentou, mas ele teve na B, mas não era uma escola, era como, que nem ele faz no A, não aprende mais nada, né. (M1)”

Os dois discursos mostram uma contradição da realidade e da percepção sobre o mesmo indivíduo, pois aquela pessoa desejosa e motivada ao saber, ao conhecimento e à vida, é a mesma vista como “lerdão”, “bobão” e que conforme as palavras da mãe não tem o potencial para aprender, tendo a vida restringida a se

alimentar e a descansar. Na visão materna, o desenvolvimento de P1 circula diante das funções elementares de alimentação e sono, enquanto P1 no seu anseio de aprendizagem, busca as funções superiores próprias do homem.

Moretti, Asbahr, Rigon (2011), esclarecem que o homem tem as necessidades vitais e biológicas à sua sobrevivência, mas não se contenta em se limitar a essas condições objetivas, por isso, o homem cria necessidades e buscas, não só para garantir a sobrevivência, como também para fazer sentido sua existência cultural e histórica, o que se evidencia nas contradições dos relatos de P1 e M1. Facci (2004), ainda considera que a história da psique humana, é a história da sua construção, e por isso não é imutável ou invariável no decorrer do seu desenvolvimento. A base do desenvolvimento humano é a atividade social mediada pelos instrumentos que se interpõem entre o sujeito e o objeto da atividade, os quais juntamente com a base biológica e o sistema de signos, com relevância à linguagem, resultam no processo de construção das funções psicológicas superiores, convertendo-se em funções da personalidade (FACCI, 2004).

Cabe a reflexão sobre como esta mediação interfere na apreensão da realidade pela percepção do outro sobre o sujeito. Neste caso, a visão materna sobre P1 não favorece o seu desenvolvimento, pois apesar de ser uma pessoa com deficiência, P1 tem potencial a ser estimulado e principalmente um desejo e uma consciência que poderiam ser melhores explorados e incentivados de maneira mais apropriada em direção ao desenvolvimento.

Em outra passagem da entrevista é possível verificar a interação de P1 com a sociedade, na dinâmica cotidiana de pegar ônibus sozinho para chegar até a Instituição Cultural, onde participaria de uma peça teatral, situação em que recorreu ao auxílio do motorista, entretanto, este não correspondeu à mediação solicitada, como segue abaixo:

“É, eu falei: É na Instituição Cultural, viu moço. E ele falou: Ah, tá bom.

Eu acho que ele dormiu ou esqueceu. Aí, passou reto. Passei, e não dei sinal também, sou burro também. Aí, eu voltei sozinho, a pé. Depois eu fui no posto do meu irmão. É, pedi pra senhorinha, peguei a senhorinha assim: Ô senhorinha, onde é a Instituição Cultural? Nossa, ela ficou nervosa, pensou que era ladrão, né. Ah, fiquei esperando lá no posto do meu, do meu irmão lá. É, onde é a



Instituição Cultural? Onde é a Instituição Cultural? É, não, eu fui no lugar certo, mas eu fui no posto, rs...sou burro. Eu fui até em Pinda sozinho. Ah, eu fui lá e depois voltei sozinho. É, agora eu sei onde é tudo, entendeu?"

Nesta circunstância vivenciada, P1 refere-se a si mesmo como burro e como alguém que provoca medo nos outros e neste ponto é possível que esta autoconsciência manifestada sobre si, tenha influência da percepção materna que o vê como alguém que não aprende mais nada, como exposto anteriormente. Isto porque, de acordo com Lane (1995) uma palavra carrega consigo não só um significado, pois tem uma amplitude potencial cognitiva, afetiva, social e histórica que representa o universo da consciência humana e que se converte muitas vezes em estereótipo social. É por meio da linguagem que o indivíduo representa a si e ao mundo circundante, trazendo influência ao seu pensamento, às suas ações e conseqüentemente ao seu desenvolvimento e hominização. Se considerarmos a capacidade que P1 manifestou na circunstância em que mesmo tendo passado do ponto, ter descido do ônibus e retornado a pé, sozinho, isso demonstra um potencial que se sobrepõe aos infortúnios da situação de não ter recebido a mediação do motorista. E isso supera a visão incapacitante, pois P1 apresentou criatividade e solução ao problema, evidenciando que P1 nada tem de burro, e sim, indicando a necessidade de uma mediação interventiva adequada, para que este aprenda, se apreenda da realidade e manifeste sua autonomia.

Dando continuidade à análise, a entrevista com a participante P2 possibilita analisar a consciência sobre si e também percebê-la como ser desejante de agir sobre a condução da própria vida, como segue:

“Eu fiquei muito triste, porque eu num queria sair de lá. Foi horrível, eu fiquei muito magoada de sair de lá, agora eu acostumei, né. Porque eu não, não queria sair de lá, mas fazer o quê? Eu não posso fazer nada, então não adianta. (P2)

Ah, “risos”, era pra eu estar lá, mas o comportamento deixou eu sair, o primeiro dia que eu vim aqui, eu chorei. Eu não sabia não, só no dia, eu sai de lá e não voltei mais.”

Na fala acima P2 aponta a tristeza e a mágoa em ser transferida de instituição e revela o desejo de ter permanecido e o que se percebe é a falta de autonomia e a

impotência sobre si mesma, quanto às decisões de sua vida. E ainda que P2 tivesse voz consciente, as decisões foram impostas, sem sua participação. De acordo com Pasqualini (2009), não é a idade da pessoa que determina o conteúdo do estágio do desenvolvimento, pois a passagem de uma fase a outra depende das condições histórico-sociais. Assim, o desenvolvimento humano não está atrelado às leis naturais, mas sim às condições objetivas da organização social, sendo relevante considerar o lugar ocupado pelo sujeito nas relações sociais e as condições concretas em que seu desenvolvimento acontece. Neste contexto vivenciado, é possível que as relações estabelecidas e mediadas pelos funcionários da instituição, não tenham acompanhado o tempo da situação social de desenvolvimento de P2. Pasqualini compartilha, que este conceito foi proposto por Vigotski e implica na noção de desenvolvimento vinculado ao conjunto de leis que regulam a formação e as mudanças das novas estruturas em cada idade e na análise das relações entre a personalidade do sujeito e seu meio social. Ou seja, a realidade social se estabelece como a verdadeira fonte de desenvolvimento, que possibilitaria formas e trajetórias, que permitem ao indivíduo adquirir novas propriedades de personalidade e, portanto, o modo como as relações se concretizam afetam diretamente o desenvolvimento e a percepção da pessoa sobre si e sobre a sociedade.

Seguindo a análise pelas narrativas apresentadas, P2 demonstra a autoconsciência e julgamento sobre si da seguinte forma:

“Porque eu não era desse jeito não. Assim, eu não era assim, né. Lá no B eu era uma capeta. Eu desenvolvi muito, criei juízo bastante, graças à F., sabe?”

E ainda quanto à P2, sua mãe apresenta a seguinte visão:

“Eu acho que ela tinha pra sete, tava começando na escola e aquelas professoras lá tudo despreparada, num sabia das coisas, e ela era um pega, e eu era chamada todo dia, porque a P2 brigava, sabe, nossa.”

O comportamento do passado manifestado por P2 com a autoconsciência como se fosse “uma capeta” se associa com o passado sobre P2 compartilhado pela mãe, no qual atribuíam visão à filha com um “pega”, ou seja, de alguém que brigava e

trazia problemas. É possível pontuar que a autoconsciência de P2 tenha sido produzida na relação, tanto com a mãe, como com os professores que não souberam acolher a diferença, contribuindo para que P2 se visse como “uma capeta”.

Isso mais uma vez vem ao encontro da proposta da Psicologia Sócio-histórica, quando esta afirma que a linguagem tem potencial de comunicação e de intercâmbio social sendo um meio pelo qual o indivíduo representa o mundo e a si mesmo, refletindo também no seu lugar social (LANE, 1995).

Em outro trecho, M2 diz:

“Muito difícil a P2 ficar mal-humorada. Aí, isso (hiperatividade) é bastante, porque um dos sintomas né, é isso, mas agora não, gente, agora ela é uma belezinha. Agora ela é uma adolescente, agora depois de tanto esforço, tanta coisa que foi feito, ela tá uma belezinha, mas você não imagina como era a hiperatividade.”

E ainda quanto à autoconsciência de P2, se expõe:

“Doidinha, divertida, louquinha, “risos”, e se junta eu e a D. num dá muito certo as duas, sabe, então. Eu desenvolvi muito, criei juízo bastante, graças à F., sabe?”

Quanto à percepção materna, P2 é vista como uma pessoa que pouco fica mal-humorada, ou seja, este relato vem ao encontro do julgamento de P2 sobre si como “doidinha, divertida, louquinha”, aspectos presentes na fase adolescente do desenvolvimento humano. Essa reflexão mais uma vez demonstra o caráter social, histórico e mediador na construção da consciência do indivíduo, conforme exposto por Lane (1995) ao afirmar que os significados produzidos historicamente pelo grupo social, adquirem, individualmente, um sentido pessoal, atrelado à realidade com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo.

Tanto o relato materno como o de P2 apresentam a mudança, a hominização e a transformação a partir da participação nos espaços coletivos vinculados às políticas públicas e demonstram o quanto o acesso a esses serviços contribuíram para o seu desenvolvimento.

Ampliando a reflexão a partir dos discursos das entrevistas, percebe-se quanto a pessoa com deficiência nas suas relações cotidianas, questionam o seu lugar social. A presença das indagações contundentes por meio de “Por quês” trazidos por P1 e P2 em seus discursos, enfatizam a necessidade de reconhecimento de um lugar social ampliado, em busca de oportunidades. As indagações que serão apresentadas abaixo são pertinentes e tem consigo a manifestação de cidadania em busca de direitos e em nada se diferenciam daquelas que poderiam ser propostas pelo indivíduo com desenvolvimento típico, ou seja, sem deficiência.

No trecho abaixo segue o discurso de P1, buscando uma identidade particular de reconhecimento:

“Chama eu de tio, tem uns que chamam eu de tio, tem uns que não chamam eu de tio. Tem três que chamam eu de tio, filho do meu irmão, filho da minha irmã caçula, filha da minha irmã mais velha também, que tem cinco filhos, e ninguém chama eu de tio. Eu gosto (se referindo que o chame de tio), né? Porque é sinal de respeito, né, entendeu, entendeu? Eu gosto que chame eu de tio, porque eu gosto, porque chama meu pai de vô, por que não pode chamar eu de tio? (P1)”

O questionamento apresentado por P1 é válido e coerente sobre o porquê não poderia ser chamado de tio, pois ele tem consciência de sua função familiar, embora conforme suas colocações, a identidade social lhe coloque numa posição, num lugar social em que não estaria apto a ocupá-lo. Facci (2004), esclarece que no processo de desenvolvimento, o sujeito passa a perceber que o lugar que ocupava nas suas interações humanas, já não correspondem às suas expectativas e potencialidades e com isso se esforça para modificá-lo. Tornando-se assim, consciente das relações sociais estabelecidas e proporcionando mudança na motivação de sua atividade com novas reinterpretações sociais de sentido.

Em outro trecho, P2 também busca o reconhecimento de seu lugar social, como segue:

“Se junta eu e a D. num dá muito certo as duas, sabe, então. É que a gente, sabe a D., minha amiga? Então, é que a gente estava pensando, as duas em arrumar namorado. Então, vamos arrumar namorado? Vamos. Então, aí a gente “tava” tentando arrumar

namorado, eu e a D. Ah! mas também, porquê que eu fui falar alto também, né? A G. falou assim: tem que ter papelzinho, com autorização da mãe e do pai. E, oh meu Deus do céu, viu? “Que” aqui não pode namorar, não sei porquê que aqui não pode namorar aqui. Eu perguntei: Por que? Que não pode namorar aqui? Falaram que não pode, que aqui é uma escola. (P2)”

Da mesma maneira é válida a colocação de P2 sobre o porquê não poderia namorar, pois ainda que esteja numa escola e existam as normas pertinentes a isso, a pessoa com deficiência intelectual não deve ser vista com significado social de alguém alienado sobre si, sendo ignorado quanto aos seus desejos. E neste caso, o que se percebe é a busca de P2 ao reconhecimento do seu lugar social, conforme seu desenvolvimento, ou seja, como a típica adolescente sonhadora em busca de vínculos afetivos de amor. E complementando, segundo Vigostki (1996), na fase da adolescência, o conteúdo do pensamento se converte em convicção interna, em orientação aos seus interesses e normas de conduta, em desejos e propósitos.

O que se vislumbra nessas passagens é a materialização simbólica ao direito à igualdade e à dignidade previstos no ordenamento legal. Percebe-se que do processo de interação e convivência podem emergir experiências sem barreiras, obstáculos e diferenças a limitar a pessoa com deficiência na sua expressão e na sua comunicação, e, sobretudo sem interferir nos sentidos de potencialidade que tem sobre si. Isto, porque contraditoriamente é possível que convivam numa realidade que os movimentam e motivam e também com outra realidade que os alienam. Cumprindo esclarecer que as duas realidades só existem a partir da relação, da mediação, do compartilhamento e do convívio com o outro, pois sozinho somente baseado na condição bio e fisiológica, o homem não existe e não se desenvolve, o que clarifica a importância da mediação nas experiências relatadas. E, seguindo essas colocações, Moretti, Asbahr e Rigon (2011), asseveram que de modo dialético, a atividade humana e a consciência formam um reflexo psíquico da realidade e assim, expressam as relações do indivíduo com o mundo social, cultural e histórico, o qual é decorrente das relações do indivíduo com outros homens e com o mundo que o cerca.

Goffman (1988) contribui com a ideia de categorização, com a qual a sociedade estabelece categorizações às pessoas, assim como os atributos tidos

como comuns e naturais aos seus membros. Os ambientes sociais estabelecem as categorias que tem probabilidade de serem neles encontradas, e por vezes condicionam as dinâmicas de relação social ao outro sem atenção ou reflexão particular. E desta maneira, a pessoa com deficiência intelectual corre o risco de ser considerada reduzidamente a uma característica diminuída, incapacitada e com descrédito, abrindo-se mão da perspectiva inclusiva, respeitosa de ser vista na sua totalidade de atributos e na sua potencialidade.

Assim, os questionamentos colocados tanto por P1 como por P2 ganham dimensão de propósito ainda mais contundente, ao associarmos que o Estatuto da Pessoa com Deficiência corrobora e legitima a postura dos participantes, à medida que em seus artigos dispõem sobre o direito a plena capacidade civil das pessoas com deficiência, por meio da prerrogativa legal de casar-se e de constituir união estável e de exercer o direito à família, à convivência familiar e comunitária, o que implica nesse contexto em assumir seu papel nos vínculos familiares. No entendimento de Goffman (1988), pode ocorrer de um indivíduo que poderia ser facilmente recebido, acolhido e legitimado nas suas ações e comportamentos, possua um traço e uma dinâmica que o diferencie. Ou seja, é possível que um estigma seja constituído e justificado na diferença, e que essa se imponha sobre as demais possibilidades e atributos, gerando assim, isolamento, discriminações e reduzindo as oportunidades de desenvolvimento à pessoa com deficiência, como possivelmente ocorreu nos casos citados.

Conforme exposto por Pasqualini (2009), o desenvolvimento é um processo dialético, em que a passagem de um estágio a outro se realiza, não pela via evolutiva e sim, de modo revolucionário e acrescenta que atitudes de protestos no curso de desenvolvimento retratam a crescente busca pela independência e pela autonomia e denotam que as relações com as pessoas à sua volta ou com sua própria personalidade, estão em transformação, demandando novas atividades, novas mediações e um novo lugar social. De acordo com Pasqualini (2009), a reorganização da atividade faz a pessoa passar para um novo estágio de desenvolvimento na sua vida psíquica e por isso os questionamentos dos participantes antes de serem vistos como atos de insubordinação e rebeldia, possuem aspectos em direção ao desenvolvimento.

E ainda que a pessoa com deficiência em muitas oportunidades se veja restringida e limitada, é justamente a percepção com significados sobre o meio e com sentido sobre si, como pessoas sonhadoras, capazes e questionadoras, lançando um “Por que não?” à sociedade que trazem o seu existir e sua atuação cidadã. E ainda que esse “ Por que não?”, não seja suficiente para mudar a sua realidade imediata, tal indagação concretiza sua ação no mundo para instigar, superar e revelar o que está além do senso comum e dos estigmas construídos socialmente, traçando assim, seu desenvolvimento, sua história pessoal e também coletiva, enquanto uma classe da qual seja pertencente.

Ou seja, tais reflexões estabelecem que as condições sociais em que a pessoa com ou sem deficiência se desenvolve, as oportunidades de acesso aos bens materiais e culturais produzidos historicamente, a qualidade dos vínculos e das experiências emocionais e motivacionais, são elementos que interferem diretamente nas representações sociais e na produção tanto de significados, como de sentidos, refletindo também no desenvolvimento humano.

### **4.3 As instituições e suas realidades contraditórias**

Este núcleo tem como proposta abordar duas possibilidades de atuação e de compreensão dos serviços ofertados por meio de política pública, analisando e problematizando sobre a maneira como tais serviços impactam na vida das pessoas que os frequentam. Para isso, dividiu-se o núcleo em duas subcategorias de análise, indicando as realidades contraditórias nos discursos dos participantes. A primeira realidade demonstra conquistas e o desenvolvimento da pessoa com deficiência em busca de sentido do seu lugar social, já a segunda indica uma realidade com poucas perspectivas de mudanças e na qual a participação nos serviços não estaria imbuída de objetivos transformadores e emancipatórios.

Conforme Gonçalves (2010), na contemporaneidade as políticas públicas vinculam-se a uma proposta de promoção de direitos para superação de desigualdades sociais, visando à construção de oportunidade e de autonomia com práticas direcionadas à ocupação e à ampliação do lugar social dos indivíduos por meio de atitudes emancipatórias e de espaços de compartilhamento no qual o sujeito aprende a ser Homem (LEONTIEV, 1978, p.267).

Ainda segundo Gonçalves (2010), as políticas públicas devem ser democráticas e garantidoras dos direitos sociais básicos, promovendo a cidadania e contando com a participação dos sujeitos aos quais se destinam. Tais práticas devem criar condições para experiências de contatos, de relações e vivências capazes de promover a transformação da realidade na qual a pessoa vive.

A cidadania é conceituada por Coutinho (2005), como a capacidade conquistada pelo indivíduo de se apropriar dos bens socialmente criados e de atualizarem as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto histórico. Sendo assim, a cidadania deve ser articulada com um processo histórico e dinâmico, ao qual se atribui novas determinações. Coutinho (2005) esclarece que a cidadania não é dada aos indivíduos de uma vez e para sempre, não vem de cima para baixo, e sim, é um processo de construção e apreensão historicamente contínuo.

Dentre as diversas possibilidades de conquistas e de desenvolvimento oportunizados pela participação das pessoas com deficiência nas instituições e nos serviços vinculados às políticas públicas, foi possível selecionar aspectos como a construção da consciência da ação, o aprendizado para a vida cotidiana e o auxílio às famílias.

Os aspectos de conquistas e transformações que contemplam os dados já citados foram organizados por similaridade nos discursos das entrevistas e serão descritos a seguir.

Neste primeiro momento, seguem as narrativas associadas ao processo de apreensão da consciência à ação:

“Quando eu fico gritando com os assessores, os monitores, eu fico triste, entendeu. É, eu fico triste depois, penso bem, bem, que eu fiz coisa errada, peço desculpa. Um dia eu briguei com a G. e depois eu pedi desculpa, ela tá de prova, pode chamar ela aqui. (P1)

Às vezes fico triste, assim, fico rebelde, quando fico que tem um negócio que quero, um negócio que eu quero, num consigo depois no dia, entendeu, eu fico nervoso e fico rebelde. Assim nervoso: Ah, também, não vou fazer mais nada. Ah! Chega! Aí, num faço mesmo.” (P1)

Pagou caro material meu...é porque eles pedem, né, e a família tem que comprar, né...ela comprou caro, comprou, ficou em



R150,00 me desculpe falar, mas ficou caro, né,. mas tem que comprar, né, fazer o que? (P1)

Nossa, eu achava muito chato, assim, mas foi muito bom. É controlar o ciúme, tenho ciúmes, né, da minha mãe e da minha tia. Eu desenvolvi muito, criei juízo bastante, graças à G., sabe? Mas foi bom o conselho dela, acho que a única foi a G mesmo, a única que deu, acendeu uma luz na minha cabeça, sabe, ela que foi importante, deu uma chacoalhadinha sabe, pro juízo, sabe. Ter comportamento, porque eu não era desse jeito não. (P2)”

Por meio das relações e situações vivenciadas tanto por P1, como por P2, nas instituições, eles se apropriam das experiências, dos sentimentos e de sua atuação no mundo, formando sua consciência de ação a partir da rede de interações, o que favorece a construção da consciência sobre si, sobre o outro e sobre a realidade, pois o significado social das experiências se desdobra em singularidade e na identidade pessoal do sujeito. Essas situações compartilhadas ilustram o que Codo (1995) baseado nos estudos de Leontiev, aponta ao dispor que ao influir sobre o mundo exterior, o sujeito o modifica e com isso modifica também a si mesmo. Desta forma, à medida que P1 e P2 se relacionam com os funcionários e colegas, é por meio desta atividade vivencial oportunizada pela participação nos serviços ofertados por políticas públicas que eles percebem a si, chegando a nomear suas atitudes como “rebelde” e “nervoso” ou como “capeta”, sabendo identificá-las diante das circunstâncias, desculpando-se e reconhecendo suas posturas, a ponto de nomeá-las conscientemente. Assim é possível pontuar que as experiências vividas e mediadas pelos funcionários, permitiram a P1 e P2 por meio de mudanças, de transformações e da atualização de suas potencialidades, passagens a favor da construção da cidadania de ambos.

Nesta segunda oportunidade, seguem as colocações dos participantes sobre as aprendizagens adquiridas para a vida cotidiana, por meio da participação nas instituições vinculadas às políticas públicas:

“Eu gosto de aprender muitas coisas legais, sabe. Eu aprendi a jogar bola na B, entendeu? Ah, fazer a barba, eu não sabia fazer a barba direito, eu não sei fazer a barba direito até agora, desculpe falar. Agora eu tô aprendendo devagarzinho, entendeu? Tô aprendendo com ele de novo, entendeu? Ah, aprender a fazer a barba, eu aprendi já 50%, eu aprendi a mexer na horta, ah aprendi muita coisa na B (instituição), viu? Nos “fazia” o pão com a salsicha,

com nossa mão. Não reclamo da B (instituição) não, viu, aprendi muita coisa boa. (P1)

Ah, muita coisa viu, mudou bastante ele, porque ele não era assim não como ele é agora. Agora ele sabe que tem um compromisso, que tem que ir pra escola, né. Foi na rotina que ele endireitô. Senão fosse essas escolas aí, ele num “tava” assim não, ele era violento, enfrentava a gente, enfrentava eu né, porque o irmão, ele não enfrenta. Antes ele me enfrentava, me batia. (M1)

Nossa, foi aprender, foi tanta coisa, acho que foi aprender a tanta coisa, as pinturas. Eu fiz aula de saco, lá. Datilografia, manicure, massagem. (P2)”

Ainda é possível perceber nos trechos selecionados das entrevistas de P1, M1 e P2 discursos coincidentes, ao narrarem sobre a importância das aprendizagens que obtiveram ao frequentar instituições atreladas às políticas públicas. O que vem ao encontro do conceito exposto por Coutinho (2010) de que a cidadania é a apreensão dos processos humanos superiores e relacionais, aliados à conquista de direitos e de usufruir dos bens produzidos socialmente pela humanidade no decorrer da história e de atualizar suas potencialidades através de processo constante, dinâmico e aberto, levando a mudanças e transformações na realidade vivida pelo sujeito. Moretti, Asbahr e Rigon (2011) complementam a partir de Leontiev, que a educação, enquanto aprendizagem é o principal motor de transmissão e apropriação da história social humana. Além disso, o processo de hominização envolvendo a aquisição individual daquilo que é produzido coletiva e historicamente pelos homens também concretiza uma via de construção psíquica com significados e sentidos.

E por último se apresentam as narrativas compartilhadas sobre a maneira como os serviços propiciados pelas políticas públicas auxiliaram e beneficiaram as famílias das pessoas com deficiência:

“Às vezes dá uma falhada, eu falo pra ele: Não, tudo, tudo que cê aprendeu até hoje, do jeito que você tá agora, você aprendeu numa escola. Porque quando ele entro na B, ele não queria tomar banho, ele andava barbudo, deixava a barba crescer, foi lá que ele aprendeu, ele não sabia usar banheiro, vestia só o short, fazia xixi no chão. Então, isso ajudou na rotina...ah, ajudou na rotina, porque ele dava trabalho pra mim. (M1)

Ah, eu acho que em tudo e até me ajudou também a lidar com as coisas, né. Porque cê não sabia, a gente não sabia, porque a P2

me dava problema demais por causa do jeito de ser. Então acho que me ajudou muito, como falar, o que fazer, como falar com ela, tudo, tudo, tudo. Eu acho que me ajudou em tudo, tudo que falava que era pra eu levar, eu levava. Eu fiz tudo que tinha na, na, na, assim, na rede, que tinha eu fazia e alguma coisa eu até pagava pra fazer, porque naquele tempo, ainda dava, agora já não dá mais, mas dava pra fazer sim. (M2)

Eu acho que comportamento, eu acho, não é que ela não era comportada, malcomportada, mas sabe o comportamento nos lugares, sabe, eu sempre fui de sair muito pouco, mas mesmo assim, de ficar quieta, sentada. Ela começava a ver um filme, ela sentava e em um minuto ela tava dando pulo nessa altura, então não tinha...então acho que nessa questão aí, eu acho que foi o que mais ajudou, sabe, tinha, eu acho que nessa questão aí, foi o que mais ajudou, sabe.(M2)”

Sob o enfoque de políticas públicas como passagem à cidadania, os discursos maternos convertem para o quanto a participação nos serviços disponibilizados pela rede pública, foram capazes de promover mudanças e transformações na realidade, tanto a nível individual como familiar e, portanto essas novas conquistas e novos comportamentos detêm o aspecto potencial e promotor de cidadania, à medida que ampliam as possibilidade de consciência de si, do outro, do mundo e também do lugar social do indivíduo. Assim, aprender faz parte do processo de construção da cidadania, pois abre vias para apreensão sobre os bens produzidos social e historicamente pelo homem e também sobre si próprio. E conforme Lane (1995), o homem ao transformar a natureza pela atividade e pelo trabalho por meio de instrumentos se transforma também, o indivíduo ao produzir um objeto transforma a matéria pela sua atividade e por essa mesma atividade este sujeito se transforma. Lane (1995) ainda complementa que é por meio do trabalho humano que o indivíduo se objetiva socialmente e é também por ele que o indivíduo se modifica, se produz e se realiza.

É possível atestar que embora os serviços destinados às pessoas adultas com deficiência intelectual nem sempre possuam os recursos e a qualidade ideal, ainda assim, são um espaço de convivência que se mostra importante e transformador. Isto porque permite a construção de pertencimento grupal e a promoção de aprendizados para vida social e de vínculos potenciais que contribuem para a percepção positiva de reconhecimento da pessoa com deficiência sobre suas capacidades.

Dando continuidade e problematizando a realidade e suas contradições, os serviços disponibilizados ao atendimento das pessoas com deficiência apesar de manterem a perspectiva potencial e promotora de cidadania também podem ser vistos como espaço destinado ao passatempo, ou seja, desvinculado de possibilidades de desenvolvimento, como será apresentado na sequência.

A construção da cidadania é um processo que por vezes se mostra contraditório, com avanços e recuos e para o qual se torna importante a criticidade e o questionamento, a fim de ultrapassar a alienação e a acomodação, e com isso, avançar na conquista do direito e à ampliação do lugar social do sujeito.

Apesar de a legislação brasileira vigente assegurar dispositivos com a finalidade de construir uma sociedade inclusiva, orientada por relações de acolhimento e respeito à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento e com qualidade nas distintas dimensões sociais, nem sempre há efetividade nessas ações. É certo que a Constituição federal, a Política Nacional de Educação e Assistência e o Estatuto da Pessoa com Deficiência são avanços que buscam dar resposta e reparar anos de segregação e preconceito, no entanto a sociedade brasileira ainda está em processo de conquista e preservação da dignidade e em busca da identidade da pessoa com deficiência como cidadã, por meio do seu lugar social.

A transformação que se faz necessária para a preservação da dignidade humana da pessoa com deficiência, para a busca de sua identidade e para o exercício da cidadania, vai além da implementação de leis, pois requer mudanças de paradigmas. É preciso que se vivencie uma abertura ao outro, num encontro com interação, não sob o prisma de sua deficiência, mas em que se vislumbre o ser na sua realidade e com a aceitação à diferença, mas de modo não condicionado, estático e limitante ao desenvolvimento.

Os discursos abaixo enfatizam a visão das instituições e dos serviços disponibilizados por meio de políticas públicas com sentido de passatempo e de prática de atividades desconectadas de objetivo e de finalidade construtiva conforme segue:

“Eu acho importante porque é uma coisa que ocupa eles, né. Eu acho importante, pode ver, quando ele fala: não vou na escola, eu falo: vai sim, vai ficar fazendo o que aqui? (M1)

Poderia ter mais coisa pra fazer, né, mais coisa, mais coisa pra eles fazer... pra passar o tempo e dá menos trabalho, porque eu acho que se pegar um monte de gente daqueles e pegar num lugar e não dar nada pra eles fazer, ninguém aguenta, ninguém vai aguentar. Eu acho que daí, teria mais coisa pra eles fazer, podia arrumar mais oficina, pra ocupar essas pessoas assim.(M2)”

Em ambos os discursos maternos fica exposta a participação nos serviços vinculados às políticas públicas como uma alternativa por não se ter outra opção a se fazer ou como um lugar destinado a confinar um grupo de pessoas categorizadas com deficiência, aos quais cabem ocupar lhes o tempo, pois são difíceis de aguentar. O que se percebe é a perspectiva materna de considerar a participação dos filhos nos serviços disponibilizados na rede pública, de maneira sem propósito e traz uma marca de alienação e falta de participação quanto aos direitos e deveres, o que desfavorece o processo de construção da cidadania.

“Bom, meu grande sonho era que a P2 arrumasse um serviço e fosse trabalhar, mas isso aí é quase impossível... já desisti. Então, a vida inteira eu procurei saber o que a P2 pode fazer pra sobreviver? Depois? Mais tarde? Mas nunca consegui, porque eu não consegui chegar numa coisa que a P2 pudesse fazer, pra viver (M2)”

Em outra fala, a mãe demonstra a impotência diante do sonho de que P2 fosse capaz de aprender e conquistar uma atividade que lhe proporcionasse a sobrevivência. Assim como sinaliza a preocupação com o futuro da filha, diante do passar do tempo e da finitude da vida. Resta ainda, a reflexão, que embora P2 tenha realizado diversos cursos, como foi citado por ela, não foi suficiente para que ela desenvolvesse uma atividade produtiva, salientando que o trabalho além de ser fonte de sobrevivência é uma atividade socializadora que pode contribuir para o desenvolvimento do sujeito, sendo também elemento constitutivo da identidade da pessoa e com potencial de construção de cidadania.

Em outro trecho M2 dispõe sobre a fase que considerou mais difícil na trajetória de P2:

“Ah, o mais difícil foi a parte escolar mesmo, que é, foi bem pesado, sabe, devido as pessoas sabe, as pessoas que não são muito bem com ela, as professoras que não sabiam o que fazer, eu nem, nem, nem muito culpo elas porque não sabiam o que fazer. E eu não sabia também, eu não sabia e ninguém sabia. E a própria sociedade, entre os alunos que você não sabe fazer isso, você não sabe fazer aquilo. (M2)”

A percepção materna, apresentada na narrativa, relata o despreparo dos funcionários que trabalhavam na instituição vinculada a políticas públicas. De acordo com M2, estes não tinham conhecimento quanto ao diagnóstico, às intervenções e orientações apropriadas diante da situação. Isto aponta para o caráter dialético da construção do exercício da cidadania, pois não basta um querer, uma consciência sobre a necessidade, sobre a falha ou sobre a falta. É preciso um intercâmbio de mediações, de atividades e de comunicações facilitadores e eficientes baseados no conhecimento e no direito de usufruir dos bens sociais garantidos legalmente.

Neste contexto, vale ressaltar que apesar da existência de normatização legal amparando as pessoas com deficiência, ainda há um caminho a ser percorrido, enquanto dever do Estado em se responsabilizar por esses mínimos sociais e pela qualidade dos serviços públicos voltados para o desenvolvimento humano. E não há como pensar o exercício da cidadania sem pressupor o homem como sujeito ativo, consciente das suas relações e do seu lugar social e histórico. Ou seja, é uma via dupla com realidades contraditórias, enquanto possibilidade de construir sua própria existência, mas sempre implicado numa realidade social mediada por outros homens, por leis e por ideologias que demarcam o caráter histórico e dinâmico de se tornar e de se atualizar como cidadão.

O contexto de impasses, conflitos, dúvidas e incertezas se faz presente na realidade vivenciada pelos participantes e de suas famílias, desde a experiência no ensino regular, assim, como nas instituições destinadas a atender exclusivamente as pessoas com deficiência, frequentadas mais recentemente por P1 e P2. A partir dessas colocações, vale a reflexão sobre como se deu e ainda se desenrola o processo de integração e inclusão da pessoa com deficiência ao longo do tempo. Considerando-se em destaque os seguintes anos, 2002 pela instituição da política nacional de saúde à pessoa com deficiência, 2009 pela recepção ao ordenamento

jurídico da Convenção Internacional do Direito da Pessoa com Deficiência com força de dispositivo constitucional, assegurando o compromisso do Estado Brasileiro em promover o exercício dos direitos às pessoas com deficiência sem discriminação e o ano de 2015 devido à instituição da lei 13.146- Estatuto da Pessoa com Deficiência, estabelecendo as diretrizes gerais, normas e critérios para promover e proteger o exercício pleno em igualdade de direitos e de liberdades fundamentais, visando à inclusão social e à cidadania, no entanto, percebe-se o quanto nem sempre tais direitos se concretizam e o quanto ainda a realidade é contraditória e as demandas se perpetuam.

Desta maneira, cabe o questionamento sobre até que ponto e como se avançou na efetivação da promoção da cidadania à pessoa com deficiência e de seus familiares. Isto, porque o exercício da cidadania pressupõe frequentar os serviços públicos com o intuito de promover a emancipação, a autonomia e a inserção nos espaços sociais, construindo uma identidade com potencial sobre si e sobre o mundo, com respeito às diferenças e principalmente com perspectiva frente ao futuro.

O que se percebe é que o acesso ao espaço de convívio é favorável em relação à opção de a pessoa adulta com deficiência ficar em casa sem ter ao que se dedicar, como nos relatos apresentados. No entanto, é preciso comprometimento das políticas públicas em articular serviços e profissionais qualificados a mediar e a primar pelo desenvolvimento e ampliação do lugar social do sujeito, resguardando e promovendo direitos como o acesso à saúde, à assistência social, à educação, à habitação, à saúde, ao transporte, ao trabalho, à ajuda técnica, à proteção e à justiça.

#### **4.4 Os caminhos e descaminhos percorridos para o acesso às políticas públicas**

Este núcleo tem como objetivo apresentar e refletir sobre os meios de acesso aos serviços e instituições vinculadas às políticas públicas para essa população, evidenciando a importância da articulação entre as instâncias públicas, para que seus direitos se efetivem. E a partir das experiências que seguem compartilhadas, cumpre apontar para a relevância da mediação dos profissionais, que ocupam cargos públicos e que atuam com essa população em suas atuações humanizadas e

comprometidas com o bem-estar e acima de tudo com os direitos aos quais se destinam essas políticas públicas.

É possível refletir que se há um direito, é porque há uma demanda, ou seja, uma necessidade não atendida ou pelo menos uma prerrogativa considerada importante, a qual foi produzida historicamente pelo homem e que ganhou proporção e valor ao ponto de ter sido normatizada legalmente. No entanto, para o sujeito se valer deste direito assegurado, ele deve estar apto a recebê-lo e a usufruí-lo, o que na perspectiva Sócio-histórica depende de o homem deixar de ser alienado e tornar-se consciente do seu lugar social. Sendo assim, esse processo implica nas aquisições aos bens simbólicos e materiais produzidos pela cultura humana, cabendo incorporá-las à sua personalidade por um desenvolvimento sem entraves e com mediação favorável ao seu progresso e autonomia (LEONTIEV, 1978).

Desta maneira, supondo que o quadro político e legal assegure os direitos por meio da normatização, cumpre fazer com que essa demanda seja superada, ou seja, que as leis se cumpram e que as necessidades e prerrogativas dos indivíduos sejam atendidas. Resumidamente, que o direito chegue a quem se destina ou que o possuidor do direito o alcance.

Nesta perspectiva vários caminhos podem ser percorridos e no caso as entrevistas possibilitam apresentar duas passagens de encontro do indivíduo ao seu direito, conforme se expõe:

“Ele tava lá na escola, quando a professora, assim, percebeu o problema dele, me chamou, a diretora quer dizer, me chamou, me deu uma carta, pra mim, pediu pra eu levar ele, até levei ele no Dr. P., aí o Dr, pediu os exames e acusou que ele tinha problema. Então, mas aí, mesmo acusando que ele tinha problema, ele ia pra escola ainda, a carta foi lá pra escola, a diretora pediu...só que constando mesmo que ele tinha problema, era pra aguardar uma vaga pra ele mesmo na escola. Só que demoro muito, aí a diretora foi aguentando as palhaçadas dele, e até que trocou a diretora e aí a outra num aguentou mais. Aí começou a ligar direto pra mim porque a outra controlava ele, né, deixava na sala dela. Agora, a outra era nova, num entendia nada, aí num conseguia, aí ela começou a me perturbar, ligar e chamar todo dia, e todo dia, ele chegava meio dia, ela já mandava buscar ele. Quando ele entrava na escola, ela já falava: vem buscar ele, que num aguento mais, ele não dá sossego pros amigos, num deixa ninguém fazer nada, fica dançando na escola, sobe em cima da mesa e fala que é o professor...aí a diretora num aguentou, né...inclusive tinha uma assistente social que tinha



um irmão que trabalhava na escola e aí, ligou pra ela, nesse mesmo dia, da sala da diretora e falou pra ela, porque eu chorava lá na escola, de ver o jeito que ele ficava, que ele num queria vir embora comigo, e ela dizia, que ia chamar a polícia pra levar ele, pra trazer, e eu falava: Não, ele não é bandido, num vai, num vai polícia chegar na porta da minha casa, ele não é bandido, ele é uma pessoa que tem problema. Aí, ele pegou e falo assim pra mim, aí o irmão dela, pediu pra usar o telefone, até perto de mim, mas não falou o que era, ele só falou assim, pra, pra moça, que ele “tava” conversando assim, no telefone: que tinha uma mãe que” tava “precisando da ajuda dele, que “tava” morrendo de dó, que ele não sabia o que fazia pra essa mãe, que essa mãe “tava” sofrendo muito. Daí, ele pegou, marcou horário pra eu ir lá na K, falar com ela. Aí, eu fui, falei com ela, daí foi quando ela começou, começou a correr pra conseguir uma vaga pra ele, né. Não consegui, que dizer, consegui, mas demoro uns quatro meses, aí quando foi, um dia ela ligou pra mim e falou que tinha conseguido uma vaga pra ele...no B, lá na B, sabe...ele ficou até os 17 anos ali, depois que fechou que ele foi pro A. (M1)”

Assim, fica a reflexão sobre até que ponto cabia à diretora antiga da escola do ensino regular de P1 “aguentá-lo”, como citado pela mãe, ou cabia à nova diretora tomar as medidas citadas para desfazer-se de P1 como aluno, resolvendo assim o “problema”. O fato é que nenhuma dessas condutas viabilizou e contribuiu para que P1 e sua família acessassem os serviços apropriados e com a qualidade que lhe eram de direito.

Desta forma, a prestação do serviço público disponibilizado aos participantes, deixou uma lacuna, pois conforme Tomaz et al (2014), é dever do Estado fornecer condições para o desenvolvimento dos deficientes, tanto pelo acesso facilitado a setores básicos como educação e saúde, como por meio da realização de investimentos necessários à prestação de serviços de qualidade, com profissionais capacitados a dirimir a demanda, o que a princípio não se verificou na situação relatada por M1.

Sob um contexto similar, também em relação à instituição de ensino regular, segue o discurso compartilhado por M2:

“Quando a gente foi pra lá, que “cê” sabe que foi pela justiça, levamos lá aquela coisa, então nós pegamos lá, dá...da B e levamos lá. Ela estudava na escola normal e dentro da escola normal, lógico, não deram conta, não dá mesmo, puseram numa sala. Aí, o Dr. P. montou esse grupo dentro da escola, como chamava mesmo? Ah, um grupo que montava pra pegar crianças atrasadas, né, pra

ensinar. E ela foi pra esse atendimento, ali eu conheci a W., a que trabalha lá, no agora B. Aquela mulher foi minha salvação, o que a moça me ajudou, tanto, sabe, com a P2. Acho que a P2 também ajudou ela, porque a pessoa acaba aprendendo, eu pus uma diretora pra estudar, pra saber lidar com ela. A diretora da escola foi estudar pra saber lidar com ela. Aí, foi indo, aí, o Dr. P, encaminhou pra uma geneticista, foi aí que descobriu, ela já tinha de 10 pra 11 anos, demorou bastante e eu acho que se tivesse um diagnóstico mais rápido, poderia evitar “taantoo” aborrecimento. (M2)”

Por esta narrativa, também se evidencia o quanto nem sempre os funcionários estão preparados com conhecimento sobre as áreas em que atuam. Fica presente o caráter de segregação para se resolver a diferença, que era vista como algo de responsabilidade única e inerente à constituição natural do sujeito, cabendo somente a ele dar conta disso, como se fosse de sua exclusiva competência. A função mediadora da funcionária W a cumprir o direito de acesso aos serviços públicos, é vista como um favor, quando na verdade é um direito de P2 e de sua família receber orientação e encaminhamento adequado e no tempo apropriado. Ainda no discurso disponibilizado por M2, é presente o sentido atribuído à conduta de W como algo excepcional, sem a qual não haveria uma solução e como retribuição a mãe justifica que W também aprendeu, ou seja, que também recebeu algo em troca, por ter tido uma postura suposta e significativamente relevante em suas vidas, como de fato se materializou.

Neste contexto, cabe pontuar sobre a importância do Plano Viver sem limite, instituído em 2011, por meio de políticas públicas, que traz em suas diretrizes a prevenção das deficiências, a amplificação e qualificação da rede de atenção à saúde, somado ao Programa Nacional de apoio à atenção da saúde da pessoa com deficiência, formulado em 2012, com o objetivo de prevenção, promoção, diagnóstico, tratamento e reabilitação e ainda o Programa Nacional de Triagem Neonatal. Isto porque tais serviços denotam o compromisso em zelar pela saúde da pessoa com deficiência com a qualidade e o respeito que lhe é assegurado e caso existissem anteriormente, poderiam ter colaborado com P2 no seu desenvolvimento e com apoio à sua família.

As narrativas apresentadas acima demonstram o quanto uma pessoa com olhar sensível, humanizado e solidário é importante para via de acesso das

peças aos seus direitos. No entanto, também levanta a contradição, se isso é uma característica ou uma qualidade de algumas pessoas, ou se faz parte do papel e da função pública que ocupam, devendo portanto ser um pressuposto incondicional de quem atua em instituições e cargos públicos, pois embora as pessoas tenham direitos assegurados, nem sempre tem conhecimento e consciência sobre os meios de concretizá-los e sobre a realidade que podem vir, socialmente, ocupar, construir e usufruir.

Percebe-se que o fato de existir legislação amparando direitos e garantias à pessoa com deficiência, nem sempre isso é suficiente para a concretização dos objetivos e motivações que as embasam. Os discursos maternos de M1 e M2 revelam o quanto o encontro e a mediação de determinadas pessoas, que atuavam nas instituições públicas, foram primordiais para o desfecho das situações de conflito que se materializavam como problema e demanda. Na narrativa de M1 foi preciso que a situação de P1 ao frequentar a escola regular chegasse a uma condição crítica, tendo uma diretora de escola praticando ameaças, ou seja, a demanda virou caso de polícia até que um professor com atitude crítica mediasse a situação, como ponte para acesso à rede de serviços públicos atuando como “mocinho e herói”. Da mesma forma, o discurso de P2 evidencia a presença de uma funcionária, à qual foi atribuída a qualidade de salvação, como se fosse uma heroína a mediar o acesso e cumprimento de direitos.

A partir do compartilhamento desses contextos cumpre ressaltar que apesar dos direitos sociais estarem assegurados por leis, a garantia da sua concretização depende da integração e da ação de pessoas com postura cidadã, como se verificou nas atitudes caracterizadas como salvadoras ou heroicas diante das situações conflituosas citadas pelas mães entrevistadas.

E esta conduta cidadã envolve a interligação da perspectiva individual com o coletivo e com a história, tanto pessoal como social do sujeito. Conforme Gonçalves (2010) defende, diante da negação do direito de ter direitos, da precariedade do reconhecimento e do atendimento de direitos e das demandas que defendem a vida, é preciso uma política que sustente a transformação na realidade, criando o espaço social necessário para o desenvolvimento de todos os indivíduos com ou sem deficiência, para o acesso à riqueza material e cultural de cada fase histórica.

Tal proposta citada acima, revela o quanto as políticas públicas devem se atualizar e acompanhar a dinamicidade e a historicidade do desenvolvimento social e cultural tanto coletivo como pessoal para se fazer válida. Aliado a esse entendimento, a teoria Sócio-histórica propõe a contradição da busca da igualdade legitimando as diferenças, a subjetividade e a prerrogativa de ser, de existir e se desenvolver de modo diferente, mas inserido no coletivo, construindo assim significados e sentidos.

Pelas colocações, denota-se o quanto o exercício da cidadania implica numa construção contínua e contraditória por democratizar os lugares sociais e as relações. E sendo este processo não linear, uma vez conquistado não se torna estável, pois está sujeito às demandas que são pessoais, coletivas, dinâmicas e imprevisíveis. E por isso, ser cidadão, depende de uma permanente postura consciente de si, do outro e da realidade, com conhecimento crítico e social da história e com atitudes problematizadas capazes de intervir e postular junto ao Estado e às instituições que o representam.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados pode-se ampliar o conhecimento sobre o fenômeno do lugar social da pessoa adulta com deficiência por meio do estudo dos sentidos constituídos a partir das vivências, das experiências e interações dos participantes. Assim, como dos significados que são as representações sociais concretizadas na cultura.

Desta forma, a análise dos dados compartilhados, apoiando-se nos conceitos da teoria Sócio-histórica e na dialética social subjetiva, possibilitou apontar que os objetivos gerais e específicos foram alcançados por um conjunto de informações, contextos e perspectivas que colaboraram para a reflexão do tema.

Sobre o percurso histórico de conquistas de direitos da pessoa com deficiência destacam-se os avanços nos marcos legais, nos últimos 20 anos, a partir da instituição em 2002 da Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, tais como: a portaria 1.635/02 que garante às pessoas com deficiência intelectual e com autismo a assistência por intermédio de equipe multiprofissional e multidisciplinar, no sistema de informações ambulatoriais do Sistema Único de Saúde, com procedimentos de avaliação, estimulação e orientação, relacionados ao desenvolvimento desse grupo; o decreto 5.296/04 que dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência e estabelece as normas de acessibilidade e a aprovação e promulgação da assinatura da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, pelo decreto 6.949/09, somado à lei 12.715/12 que institui o Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência, juntamente com a portaria 793/12 que institui a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência, no Sistema Único de Saúde, valendo mencionar ainda o Programa Nacional de Triagem Neonatal, pela portaria 2829/12. Tais marcos legais foram fundamentais para que em 2015, por meio da lei 13.146, institui-se a lei brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência, destinada a assegurar e a promover em condições de igualdade, o exercício dos direitos e liberdades fundamentais, visando de fato sua inclusão e cidadania.

Foi possível refletir historicamente e perceber que os avanços na legislação correspondem às mudanças dos paradigmas de exclusão, passando ao caráter

assistencialista, até chegar-se ao entendimento de integração e de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Assim, as conquistas citadas e a conceituação trazida pelo decreto da portaria 2.344/10, que legitima o termo pessoa com deficiência em substituição ao termo portador de deficiência retratam os significados construídos socialmente. E embora se vislumbre a ampliação legal com perspectivas positivas, direcionadas a resguardar e a promover os direitos deste grupo, é preciso compreender que a efetivação e a aplicação das normas, trata-se de um processo dinâmico, apoiado nos princípios de dignidade humana e de equidade para legitimar a diferença e oportunizar os meios adequados de desenvolvimento condizentes com a singularidade de cada pessoa. Também, como parte dos resultados, aponta-se que houve uma reestruturação acerca do entendimento de deficiência, pois atualmente esta é conceituada e avaliada numa perspectiva biopsicossocial e interdisciplinar, considerando as particularidades nas funções e estruturas do corpo e valendo-se principalmente de fatores socioambientais, psicológicos, pessoais, culturais e históricos.

Quanto à promoção ao exercício da cidadania, a pesquisa possibilitou identificar que a transformação da realidade da pessoa com deficiência para apreensão e ampliação do seu lugar social, enquanto sujeito de direito, é um processo que envolve diferentes relações e interações, além de investimentos de recursos financeiros e humanos para viabilizar atendimento, com serviços de qualidade a essa parcela da população.

E, sobretudo, depende da mediação adequada por parte daqueles que convivem com a pessoa com deficiência, seja por parte de familiares ou de funcionários das instituições envolvidas, mas sobretudo considerando que tais mediações sejam embasadas na percepção de significados e sentidos sobre as pessoas com deficiência, como sujeitos potenciais e capazes de seguir continuamente no processo de desenvolvimento e aprendizagem, ainda que com ritmos e demandas próprias

Deste modo, as vivências compartilhadas pelos participantes, evidenciaram como resultados, que as instituições vinculadas às políticas públicas ao atendimento de pessoas com deficiência são capazes de oportunizar, materializar e atualizar os

potenciais desse grupo, rumo à construção da cidadania por meio das experiências, das relações e dos aprendizados diários e constantes. As instituições através do acolhimento, da mediação e da intervenção possibilitaram transformações na realidade dos seus participantes, pois promoveram o autocuidado, a autonomia e o aprendizado para as atividades da vida diária, favoreceram o fortalecimento de vínculos familiares, propiciaram ações psicoeducativas e de orientação às famílias e principalmente o desenvolvimento da consciência da ação, da consciência sobre si e sobre o outro. No entanto, sem perder de vista o caráter contraditório do processo de desenvolvimento do lugar social, foi possível pontuar que nem sempre as experiências e expectativas são promotoras e motivadoras a instigar e manter relações e mediações emancipatórias à pessoa com deficiência intelectual, quando estas limitam e restringem sua ação no mundo, sem respeitar a potencialidade de seu desenvolvimento de acordo com seu tempo e com intervenções e mediações indicadas a cada caso concreto. E nestes casos o que se verificou é a adaptação e não transformação, pois as ações se destinaram a homogeneizar e aniquilar as diferenças, ainda baseadas em preconceções, com estigmas de descrédito frente à pessoa com deficiência intelectual.

Ainda no âmbito dos resultados, a pessoa com deficiência intelectual pode ser compreendida como um ser desejante, com consciência sobre si, sobre o outro e sobre suas ações e percebendo-se potencialmente apta a aprender e a viver afetivamente, no entanto a contradição da realidade também a faz deparar-se com as adversidades e julgamentos carregados de estigmas, que por vezes a restringe e inibe sua autonomia, nem sempre favorecendo seu desenvolvimento enquanto cidadão.

Quanto ao lugar social do desenvolvimento da pessoa adulta com deficiência intelectual, o estudo tem como resultados jovens que buscam o reconhecimento da sociedade como pessoas capazes de assumir papéis nos vínculos sociais. Ou seja, como um tio que deseja ser respeitado e legitimado na sua família e como a jovem com desejo de autonomia e de relacionar-se afetivamente e ainda como participantes de instituição, com objetivos de desenvolverem-se por meio de aprendizagens e até mesmo de exercer um trabalho. Conclui-se, portanto que para a pessoa com deficiência exercer a cidadania e ocupar seu lugar social ela precisa do

outro. O olhar do outro é fundamental para significar a experiência, sem esse olhar ou com um olhar reducionista, o processo de autonomia fica prejudicado. Atuar e existir no mundo como cidadão, implica na presença interativa, num encontro afetivo, cognitivo e consciente com os demais, com os bens culturais produzidos historicamente e principalmente consigo mesmo. A hominização está atrelada ao processo de conviver e de compartilhar com produção de significados sociais e sentidos subjetivos, a fim de que se vivencie a apreensão da realidade circundante e histórica pelo sujeito.

E por fim, considerando que a realidade é dinâmica, histórica e contraditória, torna-se relevante constantes estudos e pesquisas sobre o tema, com o intuito de se expandir as reflexões aqui apresentadas, com novas apreensões de sentido e significados para aprofundamento e desvelamento de outras realidades e experiências, que possam contribuir para o desenvolvimento da pessoa com deficiência e para ampliação de seu lugar social.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J, OZELLA, S. **Pesquisar ou Construir Conhecimento: O ensino da Pesquisa na Abordagem Sócio-Histórica**, In: BOCK, A.M.B. (Org.). A Perspectiva Sócia histórica na Formação em Psicologia. Petrópolis: Vozes, 2003.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. ISSN 2176-6681. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>. Acesso em: 01 mar 2019.
- BOCK, A.M.B. **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** In: **Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 01 mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1824**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm) Acesso em: 02 de mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1891**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm). Acesso em: 03 de mar. 2019
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1934**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm). Acesso em: 04 de mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1937**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm). Acesso em: 04. Mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1946**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm). Acesso em: em 05. Mar. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constituicao67.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao67.htm). Acesso em: 05. Mar.2019.
- BRASIL. **Lei 7853/91, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre CORDE, Coordenadoria Nacional para integração da pessoa portadora de deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm). Acesso em 02 abr. 2019.

BRASIL. **Lei 8.112/90, de 11 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm). Acesso em 02. abr. 2019.

BRASIL. **Lei 8213/91, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os planos de benefício da previdência social e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm). Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. **Lei 13.146/15, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 06 mar. 2019.

BRASIL. **Decreto lei 3.956 de 08 de outubro de 2001.** Promulga a convenção interamericana para eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2001/D3956.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D3956.htm). Acesso em: 01 set. 2019. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. **Decreto lei 7.612 de 17 de dezembro de 2011.** Institui o Plano Nacional dos direitos da Pessoa com deficiência-Plano viver sem limite. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm). Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. **Decreto lei 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis 10.084, de 8 de novembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm). Acesso em: 22 set. 2019.

BRASIL. **Portaria 1.635 de 12 de setembro de 2002.** Ministério da saúde inclui no SAI-SUS procedimentos de avaliação, estimulação e orientação relacionados ao desenvolvimento da pessoa com deficiência mental ou com autismo. Disponível em: [http://feapaesp.org.br/material\\_download/315\\_Portaria%20n.pdf](http://feapaesp.org.br/material_download/315_Portaria%20n.pdf) . Acesso em 02 de out. 2019.

BRASIL. **Portaria 2.829 de 14 de dezembro de 2012.** Inclui a fase IV no Programa Nacional de triagem neonatal (PNTN), instituído pela portaria nº 822/GM/MS, de 6 de junho de 2001. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt2829\\_14\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt2829_14_12_2012.html). Acesso em: 01 de out. 2019.

BRASIL. **Política nacional de saúde da pessoa com deficiência.** Disponível em: <http://www.saude.gov.br/artigos/808-pessoa-com-deficiencia/41183-politica-nacional-de-saude-da-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 07 set. 2019.

BRASIL. **Convenção sobre direitos da pessoa com deficiência.** Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/documentosarquivos/A%20Convencao%20sobre%20os%20Direitos%20das%20Pessoas%20com%20Deficiencia%20Comentada.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRASIL. **Lei 6949 de 25 de agosto de 2009.** Promulga a convenção internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo assinado em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 22 set. 2019.

BRASIL. Lei 12.715 de 17 de setembro de 2012. **Institui o Programa Nacional de apoio à atenção da saúde da pessoa com deficiência- PRONAS/PCD.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12715.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12715.htm). Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL. **Convenção sobre direitos da pessoa com deficiência.** Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/documentosarquivos/A%20Convencao%20sobre%20os%20Direitos%20das%20Pessoas%20com%20Deficiencia%20Comentada.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010.** Disponível em: [www.ibge.gov.br/estatisticas\\_novoportal/sociais/populacao/9882-censodemografico\\_2010.html?edição=9749&t=sobre](http://www.ibge.gov.br/estatisticas_novoportal/sociais/populacao/9882-censodemografico_2010.html?edição=9749&t=sobre). Acesso em 10 mar. 2019.

BRASIL. Presidência da República, Secretaria Especial dos direitos humanos. Conselho nacional do direito da pessoa com deficiência. **Resolução nº 35, de 6 de julho de 2005, dispõe sobre o regimento interno do Conade.** Onde se lê “Pessoas portadoras de deficiência, leia-se “Pessoas com deficiência”. Disponível em: <https://www.deficienteciente.com.br/decreto-atualiza-nomenclatura-do-conade.html>. Acesso em 20 set. 2019.

BRASIL. Lei 13.146/15, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 06 mar. 2019.

CODO, W. **O fazer e a consciência** In: (Org.) LANE, S.T.M; CODO, W. Psicologia social o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COUTINHO, C. N. **Notas sobre cidadania e modernidade.** In: Revista *Ágora: Políticas Públicas e Serviço Social.*, ano 2, n.3, dez 2005. Disponível em: <Http://www.assistentesocial.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2019

DIAS, S.S.; OLIVEIRA, M. C. S. L. **Deficiência Intelectual na perspectiva Histórico-Cultural:** Contribuições ao Estudo do desenvolvimento Adulto. *Rev.Bras.educ.esp.*, Marília, v.19, n.2, p. 169-182, Abr-Jun, 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000200003)  
Acesso em 02 mar . 2019.

DICHER, M.; TREVISAM, E. **A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana.** Disponível em: <[http:// publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=211](http://publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=211). Acesso em: 05 mar. 2019.

FACCI, M. G. D.; **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkoïn e Vigostki.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004. Disponível em: [http:// www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br) Acesso em 18 mar. 2019.

FURTADO, O.; **O psiquismo e a subjetividade social.** In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (org.) **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2002.

FOUCAULT, Michel; **História da Loucura na Idade Clássica.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1988.

GONÇALVES, M. G. **Psicologia, Subjetividade e Políticas Públicas.** São Paulo: Cortez editora, 2010.

GONZÁLEZ REY, F.G. **O Compromisso Ontológico da Pesquisa Qualitativa In:** REY, F.G. Pesquisa qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Laerning, 2010.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e Subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Laerning, 2010.

JUNIOR, L.; Martins, M. C.; **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil.** 2010. Brasília. Secretaria dos direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos direitos da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/historia\\_movimento\\_pcd\\_brasil.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/historia_movimento_pcd_brasil.pdf)

LANE, S.T.M. **Linguagem, pensamento e representações sociais In:** (Org.) LANE, S.T.M; CODO, W. **Psicologia social o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo In:** O homem e a cultura. Livros Horizonte, Ida. 1978

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo In:** O desenvolvimento do psiquismo na criança. Livros Horizonte, Ida. 1978

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo In:** Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais. Livros Horizonte, Ida. 1978

LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo seus fundamentos culturais e sociais.** São Paulo: Ícone. 2010.

MAIOR, I. M. L.; **Movimento político da pessoa com deficiência:** reflexões sobre a conquista de direitos. Inc. Soc. Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 28-36, jan-jun. 2017.

Disponível em:

<http://revista.ibict.br/inclusao/about/editorialPolicies#peerReviewProcess> Acesso em 17 jun. 2019.

MORETTI, V. D.; ASBAHR, F. S. F.; RIGON, A. J. **O humano no homem: pressupostos metodológicos da teoria Histórico-Cultural.** Psicologia & Sociedade; 23 (3): 477-485, 2011. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt)

[71822011000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 22 jun. 2019.

PASQUALINI, J. C.; **A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil.** Psicologia em estudo, v. 4, n. 1, p. 31-40, jan-mar.2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-3722009000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-3722009000100005&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em 10 mar. 2019.

REIS, M.A. **A deficiência mental e a legislação Brasileira.** Disponível em: <https://msreisjr.jusbrasil.com.br/artigos/449288827/a-deficiencia-mental-e-a-legislacao-brasileira>. Acesso em: 03 mar. 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza; WANDERLEY, José Carlos Vieira; CORREIA, Lindoya Martins; PERES, Maria de Holanda de Melo. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. Ed. São Paulo: Editora Atlas. 1999.

SILVA, N. L. P.; FURTADO, A. V. C. M. **A inclusão no trabalho sob a perspectiva das pessoas com deficiência Intelectual.** Revista Brasileira de Orientação Profissional. São Paulo, v. 15, n. 2. Dez 2014. Disponível em:

[http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000200011](http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200011) Acesso em: 02 mar. 2019.

TOMAZ, R. V. V.; ROSA, T. L.; VAN, D. B.; MELO, D. G.; **Políticas Públicas de saúde para deficientes intelectuais no Brasil:** uma revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, 21(1): 155-172,2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n1/1413-8123-csc-21-01-0155.pdf> Acesso em: 10 ago. 2019.

## **APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA - PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

Esta entrevista é parte integrante de uma pesquisa para trabalho de conclusão de curso de graduação em psicologia da universidade de Taubaté.

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos atribuídos pela pessoa deficiente intelectual e seu representante legal sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços de instituições do Vale do Paraíba que visam promover o exercício da cidadania.

A entrevista é dirigida a pessoa com deficiência intelectual com capacidade de expressão e comunicação com idade superior a 18 anos.

- 1) Como é para você receber esse convite para participar dessa entrevista?
- 2) Você poderia me falar um pouco sobre você? Quem é você?
- 3) Na sua história de vida, quais foram os lugares que você frequentou que foram importantes para você? Por que? O que você fazia/faz nesses lugares? Qual atividade que mais gostava/gosta de fazer? Qual atividade que menos gostava/gosta de fazer?
- 4) Quais as instituições que você frequentou e frequenta atualmente?
- 5) O que desses espaços foi /é mais importante? Como contribuiu com você?
- 6) O que você acha que mudou na sua vida a partir da participação na instituição?
- 7) Que outras coisas você gostaria que fosse diferente na sua vida?
- 8) Você pode me falar sobre um momento especial que viveu na atual Instituição?
- 9) Você pode me falar sobre um momento que difícil para você na atual Instituição?
- 10) O que você gostaria que fosse diferente na atual instituição?

## **APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA - REPRESENTANTE LEGAL**

Esta entrevista é parte integrante de uma pesquisa para trabalho de conclusão de curso de graduação em psicologia da universidade de Taubaté.

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e seu representante legal sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços de instituições do Vale do Paraíba que visam promover o exercício da cidadania.

A entrevista é dirigida ao representante legal da pessoa deficiente intelectual com capacidade de expressão e comunicação com idade superior a 18 anos.

- 1) Como você enxerga x?
- 2) Quais instituições e serviços x já frequentou ou frequenta?
- 3) Como é a rotina de x na atual Instituição?
- 4) Como é para você a participação de X nos serviços institucionais?
- 5) Há algo que você gostaria que fosse diferente nos serviços da instituição?
- 6) O que foi de mais importante para você sobre a participação de x no serviço?
- 7) Qual a sua expectativa para o futuro em relação a participação de x nos serviços da instituição?
- 8) Você pode me falar sobre um momento especial na atual Instituição?
- 9) Você pode me falar sobre um momento difícil na atual Instituição?
- 10) Quais outras atividades você acha que seria importante para x?
- 11) Qual a situação mais difícil que você como responsável por x enfrentou?
- 12) Qual situação pela qual x passou que você considera importante na vida dele (a)? Por que?



**APENDICE C – Entrevista com M1**

E: Então, os três filhos ficam com a senhora?

M1:Eu moro só com os três...duas filhas são casadas.

E:Hum..hum... a senhora e os três...O P1, o W e o outro, o Z.

E:Ai, a senhora assina aqui pra mim então.

M1:Assino, então esse ai, coitado o Z, ele fez um sacrifício e comprou aqui, guarda o dinheirinho desde os quatorze anos trabalhando.

E:Ah é?

M1: Ele era guardinha mirim, dai ele foi... o que ganhava ele, ele ia “guardano, guardano, guardano, juntano”, num sei quem depositou na conta da pessoa pra ele, ai quando ele passou pra 18 anos ele tiro, ai ele abriu uma conta pra ele e começou a guarda o dinheirinho dele.

E: Olha só. Que bom, trabalhador, dedicado, né...

M1:Desde dos 14 anos ele é fichado, desde dos 14...eles tá com 34 anos, desde dos 14, ele trabalha fichado.

E: Que bom, né.

M1: É, onde le trabalha não ganha bem, né, mas dá pra viver, né.

E: Sim, tem que saber lidar com o dinheiro, né...guardar.

M1: Então, porque eu tenho o dinheirinho, do.. do caso do P1, né.

E: Hã.. hã.

M1: Aí eu mantenho a casa com o dinheirinho dele, e ele paga aqui, o outro irmão paga aqui.

E: Bom, eu vou fazendo as perguntas, e depois a senhora termina de assinar, pode ser?

E: Tá, já ta gravando, tá.

E: Então assim, como é o P1? Como a senhora vê o P1? As características dele? O que a senhora pode me falar um pouquinho a respeito dele?

M1:Ele é assim, a vida dele é comer e beber e dormir só.Ele come, bebe e dorme, é lerdão o dia inteiro.Num sei se na escola ele é assim,aqui ele é.

E: Hum, hum.

M1: Tá, ele num faz as coisas não, a única coisa que ele faz pra mim, que o irmão passou pra ele é limpar o, o, quintal, porque ele tem cachorro, né. P1 tem um

cachorro. Aí o irmão falou pra ele, então você tem que limpar o quintal pra mãe, não deixa pra mãe limpar não, é a única coisa que ele faz.

E: Aí isso ele já faz.

M1: Faz, e mais nada.

E: E ele faz, é, e nem precisa cobrar, já sabe que é obrigação dele?

M1: É, a vida dele é dormir, porque na escola também ele dorme, né.

E: Hum.. hum...

M1: Até eu falei pra G..a G disse que ele tava muito agitado uma vez. Eu falei, deixa ele dormir pelo menos meia hora, que ele acorda bem.

E: Ah é...

M1: E a G começou a deixar, e foi verdade "memo".

M1: Ele vive reclamando de dor de cabeça, quando vai da crise nele, é dor de cabeça que ele tem.

E: É o sintoma?

M1: Até que um dia deu até na piscina. Ele falou ainda, até pro, pro professor, que ele queria remédio pra dor de cabeça, mas sem autorização, ele disse que não podia dar.

E: É, a gente não pode dar nenhuma medicação se não tem receituário médico. E aí a I meio que explica.

M1: E outra, anda e se perde.

E: Ele se perde? Ele costuma sair às vezes?

M1: Não. Teve um dia desses que ele sumiu de manhã. O irmão foi atrás, era uma hora da tarde e não tinha voltado...e o irmão sabe que ele anda e se perde, né, aí o irmão junto na moto e foi atrás...procurar, mostrou foto dele pra rua aqui, quando foi uma hora aqui, o meu filho subiu lá pra cima e foi achar ele lá em cima...perto do supermercado.

E: Demoro muito pra achar ele?

M1: Demoro, um amigo meu, conhecido nosso de uma menina, falou assim pra ele: vamos embora? Eu levo "ocê" de carro...e ele disse: não, to dando uma volta pra baixar o que eu comi...mas não tinha nem almoçado, tava com golinho de café da manhã.

E: E ele nem avisou que ia sair? Nada? Saiu assim.

M1:Não, meu filho falou : já falei pra senhora, deixa o portão trancado, que ele sai e se perde.

E:Hum, hum.. entendi.

M1:Então, agora, ele quer fazer um curso, né...

M1:Eu falei pra ele que vou deixar.

E:Então, o curso que tãõ vendo, é no centro cultural, né?

M1:Isso, no Instituto cultural.

E:Mas ele não pega ônibus sozinho? Ele não se vira sozinho?

M1:Pega não.

E:Não ta pegando não.

M1:Aqui ele pega...eu vo até o ponto com ele, ele desce na rodoviária e da rodoviária ele sabe pegar pra ir pra escola só.

E:Então ele só sabe fazer isso, não anda pela cidade?

M1:Não... ele não anda...não anda... que uma vez foi um médico que era da B, falou pra mim que ele num podia andar sozinho.

E:Hum.. hum...

M1:E.. assim que é de repente, se der um ataque nele.

M1:Ainda mais por medo dele ter uma epilepsia no ônibus, assim.

M1:Já teve já...no ônibus...o cobrador conhece e contou pra mim... no B também...por exemplo, ele teve dentro do ônibus.Eu nem sabia, uma amiga minha que chegou em casa e disse, eu vi seu filho saindo carregado dentro do ônibus, no resgate.carregaram ele no resgate.

E:E desde de criança assim? Como que foi ? Quando que ele teve o diagnóstico? Que ele começou a apresentar?

M1:Foi com 20 anos.

E:Com 20 anos?

M1:20 anos.Eu tenho uma amiga também que o filho dela foi com 22 anos, da convulsão.

E:Hum...

E:Até então, ele nunca tinha tido?

M1:Não, esse meu filho que entrou aqui agora, ele teve uma vez...mas faz tratamento, ele toma remédio, tudo, ai não deu mais.

M1:Do P1, mesmo tomando remédio, às vezes dá...

M1:Foi com 20 anos que começou a da, quase 20 anos.

E:E antes? Ele não tinha nenhum comportamento diferente?

M1:Tinha, ele tinha.Ah ele andava quieto, não falava com a gente, ele era quietão, meio bobão, sabe?

M1:Como, ele é sempre assim, acho, num sei, as vez da uma virada na cabeça dele, e ele fica assim.

E:Hum.. hum...

E: E ele, e na escola?ele chegou a frequentar? Como foi?

M1:Olha, escola, ele frequentou até a quinta série, mas não passava...

E:Hum...

M1: Ele fala que passou até a quinta, mas é mentira....a diretora da escola, a que era muito boa, ela pegou, e ai, no dia de formar, punha ele junto com ela e dizia que ele passava...pra ele dar sossego pros outros...

E:E como é pra senhora ser responsável pelo P1? Ser mãe do P1?

M1:Ah... pra mim é bom, né... é um companheiro que eu tenho dentro de casa.

E:Hum.. hum...

M1:Mas quem manda mesmo nele, é o irmão dele.

E:É?

M1:O G.. Ele tem medo mesmo do irmão, de mim, ele num tem.

E:Hã.. hã..

M1:Ele começa a discutir aqui comigo, eu falo que vou ligar pro irmão dele, e ai, ele cala na hora.

E:Hum.. hum...

M1:A G até perguntou um dia pra ele, o Z, "cê" já fez alguma coisa grave pro P1? Você bate nele bastante?

M1:E ele falou, eu não., eu num bato nele, eu apenas, eu castigo, ponho ele castigo, eu tiro internet dele, tiro o tablete dele.

E:Humm... Hum.

M1:Ai, ele respeita o irmão, o irmão é mais velho dele um ano só... mas ele tem medo, esse outro que é o mais velho, ele não tem medo, mas do outro ele tem. Ele respeita o outro, ele fala que o outro é pai dele, ele fala mesmo.

E:São parceiros de vida, né...

M1: E eu falei, que um dia na falta de mim...vão ficar os dois velhinhos, vão ficar os dois andando juntos...

E: Bom, então, quais as instituições e escolas que o P1 frequentou?

M1: Só a , como que é o nome da escola.

R: B?

M1: Não, escola de estudo...

R: Ah...

M1: Na B, você num estudava lá.

M1: Ele frequentou essa escola que eu falei pro "cê"...A B ele também frequentou, mas, ele teve na B, mas não era uma escola, era como, que nem ele faz no A, não aprende mais nada, né, ele frequentou foi A O.

E: Humm, hum...A O.

E: E depois ele foi pra B com que idade?

M1: Com 16 anos.

E: E na escola, no A O, ele ficou até com que idade?

M1: Ah, lá ele começou com 8 anos.

M1: Ele saiu da escola pra ir pra lá.

E: Hum, hum.

E: Ele ficou algum período sem frequentar alguma instituição? Como B ou alguma outra?

M1: Não, ele "tava" lá na escola, quando a professora, assim., percebeu o "problema" dele, me chamou. Aa diretora, quer dizer, me chamou, me deu uma carta, pra mim, pediu pra eu levar ele. Até levei ele no Dr. A aí o Dr. Pediu os exames e acusou que ele tinha "problema".

E: Entendi.. e aí.. de lá, ele passou.

M1: Então, mas aí, mesmo acusando que ele tinha "problema", ele ia pra escola ainda. A carta foi lá pra escola, a diretora pediu, só que constando mesmo que ele tinha "problema", era pra aguardar uma vaga pra ele numa escola. Só que demoro muito, aí a diretora foi aguentando ele, aguentando as palhaçadas dele, e até que trocou a diretora, e aí a outra num "guentou" mais. Ai começou a ligar direto pra mim, porque a outra controlava ele, né, deixava na sala dela. Agora, a outra era nova, né, num entendia nada, aí num conseguiu. Ai ela começou a me perturbar,

ligar e chamar lá todo dia, e todo dia. Ele chegava meio dia, ela já mandava buscar ele.

E:Hum.. hum...

M1: Quando ele entrava na escola, ela já falava, vem buscar ele, que eu num “guento” mais. Ele não dá sossego pros amigos, num deixa ninguém fazer nada, fica dançando, na escola, sobe em cima da mesa da professora e abaixa o short e fica dançando, ele bate as réguas na mesa e fala que ele é o professor. Ai a diretora num aguentou, né.Aí, inclusive, tinha uma assistente social, que tinha um irmão que trabalhava na escola, e ai ele ligou pra ela, nesse mesmo dia da sala da diretora e falou pra ela, porque eu chorava lá na escola, de ver o jeito que ele ficava, que ele num queria vir embora comigo, e ela dizia, que ia chamar a polícia pra levar ele.

E:Hum, hum.

M1: Pra trazer, eu falava: não, ele não é bandido, num vai, num vai polícia chegar na porta da minha casa, ele não é bandido. Ai, ele é uma pessoa que tem “probrema”.

E: Hum, hum.

M1: Ai, ela pegou e falou pra mim, ai o professor, pediu pra usar o telefone, até perto de mim, mas não falou o que era. Ele só falou assim pra, pra moça que ele “tava” conversando assim, no telefone: que, que tinha uma mãe que “tava” precisando da ajuda dele, que ele “tava “ morrendo de dó, que ele não sabia o que fazia pra essa mãe, que essa mãe tava sofrendo muito. Dai, ele pegou, ela marcou horário, pra eu ir lá à T, falar com ela. Aí eu fui, falei com ela, dai foi quando ela começou, começou a correr “pra consegui”, uma vaga pra ele, né. Não conseguiu, quer dizer, conseguiu, mas demorou uns quatro meses. Ai quando foi um dia ela ligou pra mim e falou que tinha conseguido uma vaga pra ele..no, lá na B, sabe.

E:Ah tá.

M1:Num sei se você já ouviu falar da B?

E:Sim.. indo pra..., ali na estrada, né?

M1:Isso, ai ela falou, conseguiu uma vaga lá.

M1:É, então, não, primeiro, ela conseguiu uma vaga pra ele lá, mas é, marcou na clínica pra levar ele, pra passar por uma triagem, né.

E:Humm.. hum...

M1:E da clínica, da triagem, ele já foi encaminhado pra lá.

E: Qual clínica? Da U?

M1: Não, de lá.. da B mesmo.

E: Ah, Ta...sim.

M1: Ai ela encaminhou ele pra, o último que passou, foi no psiquiatra de lá,daí, ele passou no neuro, e os dois já deram uma carta pra encaminhar ele pra lá...e lá ele ficou... ficou até os 17 anos ali.

E: Sim.

M1: Não, dezessete não., ele ficou até 17 anos ali, depois que fecho, que ele foi pro A.

E: Entendi.

E: E como a senhora vê a participação dele nesses serviços? A senhora considera importante?

M1:É importante..

E:É?

M1:Eu acho importante porque é uma coisa que ocupa eles, né...

E:Hum.. hum...

M1:Eu acho importante, pode ver que quando ele fala: não vou na escola, eu falo, vai sim... vai ficar fazendo o que aqui?

E:É, às vezes você não quer ir Rodrigo?

M1:Eu faço ele.....

M1:E ele fala pra mim, mãe, a psicóloga é boazinha, eu gosto dela.

E:E o que a senhora acha de mais importante pra ele? De benefícios? Pra ele, pra senhora, e pra família durante esse período que ele frequentou? Seja B ou no A?

M1: Como assim? É...

E: O que a senhora acha que mudou na vida dele?

M1: AH...Muita coisa, viu.

E: De positivo? Que ajudou?

M1: Mudou bastante ele, porque ele não era assim, não.

E: Assim, como?

M1: Como ele é agora.

E: É?

M1: Agora ele sabe que ele tem um compromisso, que ele tem que ir pra escola, né... Às vezes da uma falhada, mas, eu falo pra ele, não, tudo que “cê” aprendeu hoje, você aprendeu numa escola.

E: Hum.. hum...

M1: Do jeito que você ta agora, que é a mesma coisa da B.

E: Sim

M1: Tudo que você aprendeu. você aprendeu lá.

E: Humm... hum...entendi.

M1: Porque quando ele “entro” na B, ele não queria tomar banho, ele andava barbudo, deixava a barba crescer.

E: É...

M1: Só que ele não sabe fazer barba ainda...

E: Hã.. hã..

E: É agora tem que faça lá, né... O tio “ta” fazendo, né.

M1: Ele não faz direito não, eu falo, eu deixo ele fazer, mas depois eu tenho que fazer tudo de novo. É, porque quando eu morava pra lá, o pai dele mora pra lá., ele ia na casa do pai dele, e o pai dele fazia pra ele.

E: Hã.. hã..entendi..

E: Então, a senhora acha que na rotina, assim, é que teve pontos positivos?

M1: Foi, na rotina que le foi que “endireitô”. Se não fossem essas escolas aí, ele num “tava” assim não. Ele era violento, enfrentava a gente, enfrentava eu, né, porque o irmão, ele não enfrenta.

E: Hum, hum.

M1: Antes ele me enfrentava, me batia.

E: Depois que ele passou a frequentar, a senhora acha que ele ficou mais.

M1: Aí, ele melhorou, porque o irmão passou a dominar ele, ai ele respeita o irmão, e eu falei, tem que respeitar mesmo, porque o irmão não larga a gente, tem que respeitar o irmão dele, não é verdade?

E: Sim.

M1: Então, eu falo, pra ele, você tem que agradecer a Deus, que seu irmão tirou nós de lá...não era uma casa boa, comprou aqui e trouxe nós embora.

E: Sim.



M1: Nos “tem” que agradecer ele, porque ele sempre falava que queria por eu numa casinha boa...

M1: É uma casa boa, essa, né.

M1: Rodrigo, às vezes ele faz umas manhas aqui... faz umas chantagens...

M1: eu faço que nem o irmão dele fala: num “tá” direito, eu vô lá e desligo, desligo a internet, é só eu subir lá no quarto do irmão dele e desligar o “apareinho”, que ele fica quieto na hora.

E: É?

M1: Que ele gosta de ficar lá, vendo vídeo no tablete, né, ai ele fica quietinho na hora. Ele gosta de ligar pra um, ligar pra outro, é o dia inteiro ligando pra todo mundo.

E: Gosta de bater um papo, né? Conversar...

M1: Liga pra um, ele acaba de desligar o celular e já liga pra outro meu irmão, já liga pro outro... e assim... assim ele passa o dia inteiro, quando ele ta aqui.

E: E em relação ao relacionamento com ele, o que a senhora acha que tem de mais fácil e de mais difícil? Pra lidar com ele?

M1: Ah.. quando ele fica nervoso.... é quando ele fica nervoso

E: E o que tem de mais fácil? Uma característica dele?

M1: Ah.. quando ele ta bonzinho, ele faz tudo que a gente quer...

E: É? Entendi...

M1: Mas quando ele num tá, ele e...

E: Tem alguma coisa que faça ele variar de humor? Que a senhora veja? Se ele tem alguma mudança de temperamento assim, de uma hora pra outra?

M1: Muda...

E: mas a senhora pensa que é do que? É o ambiente?

M1: Ah, não é o ambiente, porque o ambiente aqui pra ele até que é bom, é tranquilo, os irmãos dele é bom, viu até o outro chegou aqui, e tirou ele pra buscar o menino, eles não briga.

E: E às vezes que ele começa a ficar irritado, a senhora consegue ver alguma coisa, se ele ta com a medicação? Se não dormiu bem...

M1: Ah, ele não dorme bem, levanta cinco, três horas da madrugada e não deixa eu dormir mais.

E: Então, a senhora pensa que pode ser da doença?

M1: Eu num sei, viu, eu penso, às vez, ele vai dormir meio de madrugada e depois acorda cedo e fica assim, andando que nem zumbi no meio da casa. Eu falo pra ele: P1, deita, dorme P1...eu num consigo dormir com você andando. Ele dorme lá em cima, no meu quarto, porque só tem dois quarto aqui, né, aí e dorme no meu quarto. O outro irmão dele dorme aqui na sala. Ele fica ligando pra todo mundo de noite... os parente num liga pra ele, fica atendendo ai, ele fica....

E: E a noite, quando ele fica jogando, na internet, ou fica falando com muita gente? Faz ele ficar mais agitado?

M1: Não, ele num joga joguinho.

E: E a noite, tem alguma agitação que faça ele acordar de manhã? A senhora percebe se nesse caso fica mais tempo na TV?

M1: Não, a noite ele assiste aquelas novelas de criança, né... aquela Poliana, ah...aquela outra que esta repetindo...como é o nome Rodrigo?

E: Carrossel? Chiquititas?

M1: É depois da Chiquitita

M1: Então, ele assiste a noite essas duas novelinhas que fica passa a noite, de criança, depois ele dorme, vira de lado e dorme.

E: Ele tem ciclos, né? Quando ele começa a ficar mal, ele fica mais deitado.

M1: Aqui também, ele faz isso.

RL: É que agora ele tá controlado, quando ele ta controlado, ele não dorme.

E: Sim. É bem cíclico, né.

M1: Então, eu vou deixar ele fazer o curso, eu vou deixar ele fazer o curso.Eu falei pra ele descer na rodoviária e dali ele sabe, "o, o, o", aquele hospital ali da ,logo na frente. Porque ele, ele foi, a primeira vez que ela ia fazer um teatro lá.

E: Humm.. Hum..

M1: a primeira vez que ele ia fazer teatro lá, ele foi para na casa de custódia, pra lá da casa de custódia.Sabe onde é?

E: Sei.Acho que é indo pra Pinda, na estrada.

M1: É, foi parar pra lá, dai, disse que ele vinha vindo correndo,gritando: Onde fica Instituição de cultura? Onde fica a Insituição de cultura? Atravessando nos meio dos carros. Dai disse que ele chego num posto de gasolina, lá perto, tem o, né?!! Aí, disse que ele parou lá e é nesse posto que o meu filho trabalha, aí disse

paro lá, e seguro no braço de uma senhorinha, frentista que trabalha com o meu filho e começou:

M1: Onde é a Instituição cultural? Onde é a instituição cultural? Onde é a instituição cultural? Eu tô perdido, aí, meu filho falo assim pra gerente dele: É a voz do meu irmão”vo” saiu lá. Disse que saiu lá, aí ele tava apavorando a senhorinha, que tava lá morrendo de medo dele... Rs...aí disse que ele viu: P1, que “cê” tá fazendo aqui? E ele disse: É aqui que ocê “trabaia”? Eu to procurando a Instituição cultural? Você se perdeu cara? A instituição cultural é lá na frente...aí ensino ele, o irmão ensino, e ele achou.

E: E ele achou, né?! Achou.

E: Então, é a N, a N que é a artista plástica, né.. que é professora dele, ela tem uma amiga que é professora lá na.... Então, essa amiga ta pra ter uma vaga pra , pra abrir uma vaga pra.. pro P1.

E: Não abriu ainda. Ela ta tentando ver se consegue a vaga.

E: A N é que vai dar todo o endereço.

M1: Ele trouxe até um papel, mas eu falei pra ele, P1, eu não ando bem, com muita dor nos rins...mas eu vou mandar pelo Ç, que o irmão que trabalha lá perto, pra ele assinar. Como ele trabalha lá pertinho, eu vou pedir pra ele, na hora do lanche dele ir lá, da uma puladinha lá pra assinar po “cê”.

E: Sim, aí vocês vão juntos.

E: É da manhã.

M1: Ah, tá... da manhã.

M1: Ele é assim “memo”, ele é muito ansioso. Tem isso ai também....isso aí acaba com ele.N

um pode falar nada pra e no dia, que ele fica “loco”, falando. A roupa de banho dele lá, quando é dia de piscina, uma semana antes, já ta dentro, ele toma banho, traz pra mim a roupa, eu lavo e ponho no varal, no outro dia já ta cata e enfia na mochila pra outra semana.

E: E a rotina dele em casa? Acorda cedo? Como que é?

M1: Acorda cedo e tem dia que acorda tarde, e gosta muito de brincar com criança.

E: Hum...

M1: Da licença... saiu pra atender a porta (SKY).

M1: É que o pessoal” ta trabaiano” aqui...

E: Ta arrumando, né...

M1: É a Sky, veio por a Sky...

E: Ah tá.. entendi.

E: E é o P1 que cuida dos cachorros?

RL: É, ele que limpa, eu tenho três cachorros, e ele limpa, ele gosta dos cachorros, né.

E: É responsabilidade dele? Muito bom, heim.

RL: Ele conversa com os cachorros.

E: E os cachorros, entendem, né?! Pelo menos, os meus, quando eu converso, eles entendem.

M1 : A minha filha fala assim pra ele, viu... ta vendo, você não conversa com eles, eles faz arte. Eu prendo a outra, porque a outra tem mania de entra aqui e subi na mesa. Então eu prendo de dia e de noite eu solto, né. Aí, ela pego o P1, e o P1 é o culpado, num conversa, tem que falar que ela não pode entrar roubada. Aí, ela não entra e não rouba.... rs.. aí esse dias, ela entro e a menina falou pra ele: Viu, “cê” não converso mais com ela...rs...aí ele vai todo dia lá conversa com eles.

E: Ta certo.. eu também converso com os meus, lá em casa.

M1: Mas aí, o que passa mais o dia dele mesmo, é os cachorro.

M1: Ah, é, rotina do dia, é brincar com os cachorro.

E: E criança de que idade ele brinca?

M1: De três.

M1: De três, de cinco anos, seis anos, até seis anos, criança vai passando dos seis anos, ele não quer mais saber.

E: Por que ele não quer mais saber de criança maiorzinha?

M1: Ah, já não vai no embalo dele, porque ele quer brincar com brinquedo de criança. Num gosta mais.

E: hã.. hã...

M1: Igual esse sobrinho, agora aí.

M1: Então, esse menininho aí, ele brinca com esse menininho de carrinho, ta vendo.

M1: Mas no final de semana tem um monte de criança aqui pra ele.

E: É... aí a casa fica cheia?! E ele tem companhia.

M1: Fica.. aí meus neto fica tudo aqui, vem, vai embora domingo a tarde.

E: Eu já vi com uma sobrinha, aquela, lá no Gadioli.

M1: É sobrinha, a que ta falando.

M1: A que “tava” de maozinha dada. Quantos aninhos ela tem? Cinco.

E: Então ela ta dentro da idade.

M1: Ele brinca com ela, brica com ela também, brinca de comidinha né.

M1: Ela põe as panelinhas e fica brincando, tá tio, vamos comer papa, já fiz papa.

E: Que legal, heim.

M1: É ela que pede né, ela que pede.

E: Ela gosta de companhia, né.

M1: Como perguntou da rotina, eu to explicando.

E: Sim.

E: E o que mais de oficina vocês gostariam que tivesse lá no A? Tem mais alguma oficina que vocês achem que seria importante?

M1: Ah, essa oficina que ele ta fazendo as coisinhas que ele faz, eu acho importante. To achando que é bom, porque...

E: É?

M1: E ele gosta.

E: E tem alguma outra que você queria que tivesse?

M1: Outra?

M1: É, ele fazia mosaico.

E: Ele gosta?

M1: É, ele fez espelho de mosaico. É a moldura de mosaico, bonito, ta até no banheiro meu. O irmão dele pôs no banheiro meu.

E: Ah é, nessa de arte que vai fazer, talvez tenha isso. Foi a N que deu mosaico? Que deu a oficina?

M1: Ele levou o espelho, aí lá escola cortaram redondo pra ele.

E: E ele ia colando as pecinhas?

M1: É, ele fez a moldura, e é pesado, porque é de. Como é que é mesmo?

E: Hum.

M1: Mas tudo pititico, e ele fez a moldura dessa grossura assim, ó.

E: E tem que ter paciência, né.

M1: E com desenho, é desenhado ainda.

M1: E o que mais fazia lá memo? Vaso de bixigão, né.

M1: Vendia, né? R\$ 70,00 o vaso que vendia lá.

M1: Ele fazia vaso de bixigão, ia lá pro shopping velho lá, pra exposição, com telefone pra turma comprar

E: Que legal!

M1: Fez uma Nossa Senhora. O padre comprou.

E: Olha só.

M1: É, eles compravam lá, as coisas da B, lá era particular, né? Eles faziam e já vendiam as coisas pra ajudar.

E: sim...

E: E pra futuro? O que a senhora pensa? Tem alguma expectativa? O que a senhora gostaria?

M1: Ah, pro futura dele, eu não tenho, não tenho pensamento de nada.

E: E algum curso? Tem esse né, que vai fazer.

M1: Ah, num faz, o único que eu vou deixar é esse, esse aí, de desenho.

M1: Mas outros não podem. O irmão dele não deixa sair, ele não tem condições, porque quem nem, G mesmo falou, explicou pra mim uma vez, a G e a L, né? Explicaram pra mim... P1, não tem condição de ir pro mercado de trabalho.

E: Hum...

M1: Ela memo falou pra mim.

M1: Que da ataque, ele dorme, ele num...

E: É o que da é pra fazer umas coisas e vender, como fazia antes, né?

E: Mas poderia fazer até em casa mesmo.

M1: Aí, ela falou assim, pra mim, ela ficou com ele todo esse tempo, que agora que ela saiu, né. ela falou que ele não tem condições mesmo.

E: Entendi...

M1: Ela falou que não tem condições.

E: A senhora pode me falar uma situação que foi importante, foi gratificante? Tanto na B ou na A? Uma situação? Ou uma festa? Alguma coisa que ele fez lá...

M1: Ah, era uma festa de família ajudavam a arrumar lá, né? Eles mesmos ajudavam a arrumar lá.

E: Foi no a na ou na B?

M1: Na B, era uma festa de família que eles faziam lá. Tinha um salão grandão, né... ali eles faziam lá..e eles que, que ajudavam arrumar lá. E ficava tudo direitinho...eu achava.

E: Foi um momento especial?

M1: Foi.

M1: Era um salão de festa lá...

E: Aí ele arrumavam e depois vocês iam?

M1: Isso, eles arrumavam pra família mesmo

E: Pra receber, né? Era o que? Uma vez por ano?

M1: Era, uma vez por ano, né? Só que lá fizeram duas vez só... depois fizeram tudo na B.

M1: É, eles falam que era interesse deles pra família ir lá e ficar tudo feliz.

M1: Ah, tá, então, é outra também que ele faz, ele faz as coisa, ai eu brigo com ele, ele vai e fala: me dá tudo as minha coisa. Rs..

E: Rs...

M1: Ai depois ele vai entregar pra mim, aí eu falo: também não quero... rs...

E: Ai Meu Deus...

M1: Ai eu falo, também não quero, depois você toma, só que agora, eu falei pra ele, bom, da B eu te dei, porque eu não dava o material, era tudo da B, mas agora aqui na A, eu não vou dar nada pro cê, porque eles pede, eles faz a lista e eu compro, o material eu compro, eu que dô, então, não vô dá mais nada.

E: É, então, essa ansiedade dele, também tem o tempo ocioso, ele fica muito tempo aqui, por isso é importante também fazer mais atividades, às vezes fora.

E: Bom, já pra finalizar, dos serviços pelo qual ele passou, dos lugares onde ele foi atendido, qual a senhora acha que foi o mais importante pra ele? A senhora consegue me falar, quais desses serviços trouxe maior benefício pra ele? Que foi mais importante? Que facilitou a vida de vocês?

M1: Foi da B, foi lá que ele aprendeu, ela nao sabia usar banheiro, vestia só o short e fazia xixi no chão. Então, isso ajudou na rotina. Ah, ajudou na rotina nossa, porque ele dava trabalho pra mim.

M1: Eu falo pra ele, se um dia na falta de mim, você vai se lascar, se você não souber se comportar. Eu ainda "guento", ele faz as bagunça dele, reina eu "guento", mas o irmão num vai ter paciência.

**APENDICE D – Entrevista com M2**

E: Ela está com quantos anos?

M2: 26... 26 não 27... 26...

E: qual a data de nascimento?

M2: 20 de setembro de 92? Então 92 ...92...

E: Nasceu em 92? Ah... 92

E: O dela a questão da deficiência dela é física? Não né...é intelectual ...

M2: Não, é intelectual... ela é X frágil

E: A ta! Então X frágil...

M2: Lógico né então, apresentei o prontuário lá quando fui levar lá pro centro de xxxx. Foi levado tudo pra lá, quando ela foi é que a gente “preciso” de tudo né?

E: Pra fazer o cadastro de arquivo é importante, então se a senhora puder uma hora levar, aí a gente tira cópia e coloca novamente.

M2: Mas eu levo as mesmas? O mesmo prontuário de quando nós, nós levamos isso?...

E: pode ser aquele mesmo isso aquele mesmo e a importante pra nós, pra estar atualizado.

M2: Quando a gente foi pra lá que “ce” sabe que foi pela justiça “levamos” lá, aquela coisa. Então nos pegamos lá da, da B e levamos lá, ai eles devolveram lógico, pegaram e devolveram.

E: Então pode ser esse...

E: A senhora tem laudo recente dela? Receituário médico, alguma coisa?

M2: Bom se eu não tiver mais, eu tenho muitos papéis aí eu tenho prontuário do hospital escola também que foi pego pra ela, quando ela, é que eu fui recorrer ao “LOA” em 2015 que eu fiquei desempregado. Eu disse, é agora que eu vou “recorre” ao “LOA” pra ela, aí eu peguei o prontuário do hospital escola.

E: E recebe até hoje?

M2: Recebo, ela está recebendo.

E: Então pode deixar tudo juntinho na pasta pra gente xerocar né, e fazer atualização de cadastro né? Pra saber quais são os medicamentos que ela está tomando, qual é o médico que está acompanhando.



M2: Eu devo ter até um laudo que foi feito em... Janeiro... janeiro, né? Que foi feito pra fazer a carteirinha do ônibus...é... uma coisa que o médico tem que tem que fazer pra gente né eu acho que lá também serve né...

M2:É eu também tenho

E:é como se fosse o Cid Ali né?

M2:Isso...nesse tem tudo

E:Ela aprendeu a ler e escrever?

M2:Aprendeu... quer dizer né, o que eu ensinei né...

M2:Sabe porque tudo que ela sabe ...as duas ...é porque eu ensinei, sabe. A escola ajudou? Ajudou, um pouco, mas era mais é aqui em casa mesmo.

E: Mas ela sabe escrever né?

M2: Sim escreve o nome sobrenome dela... Lê até que razoável, escrever não é muito bom não, mas ela escreve...

E: Até que ano que que foi?

M2: Ah, ele completaram lá no Estado, sabe como é que é...

E: Primeiro grau? Completou assim

M2: Então, “cê” sabe como é que é, vai que vai aí vai passando, não leva muito em consideração porque, porque passava todo mundo sem saber nada né... aí a gente sabia disso que acontecia né. Vamos falar que ela foi até o final por causa que estava na escola né.

E: Tem algum relatório médico dela com Cid atual? Alguma que que poderia mostrar pra gente?

M2: Eu acho que eu devo ter sim, de janeiro da carteirinha dela.

Então o dela é per aí, vou dar uma olhadinha, vou ver se eu acho.

E: Aquele outro ali foi quadro da exposição?

E : E esse aqui foi quadro do seu aniversário né?

M2: Olha parece que tem alguma coisa aqui..

E:Eu acho que serve.

M2: E ainda tem, ainda tem até um xerox também. Eu acho que serve, não serve?

M2: Eles dão como é...F 70

E: Eles não colocam como X frágil?

E: F 70?Estão pondo como é que 70.

M2: Tem uma uma xerox também....

E: Tem uma Xerox?

M2: Eu tenho, se quiser pode levar, pode, qualquer um porque esse aqui já não adianta mais pra nada mesmo porque a gente guarda porque guarda, que tem mania de guardar mas não serve mais pra nada depois que, que usa uma vez

E: Se precisar tem que pedir outra né?

M2: Isso, tem que pedir outro só pro próprio INSS é que eu acho que não precisa, porque são coisas que não vão mudar mesmo, é num vai mudar.

E: É definitivo né...

E: Esse diagnóstico é de 2017 né?

M2: Mas não vai mudar nada não viu, não muda não, muda não...

M2: E qualquer coisa daqui dois meses eu vou na doutora e eu posso pegar outro mais atualizado pra vocês.

E: Pedir pra ela, se ela pode falar do X frágil dela né?

M2: Como assim, você quer saber?

E: Porque ela não relatou que é X frágil. Sobre o que seria o X frágil.

M2: Mas eu tenho um exame que... que relata o que é o x frágil.

E: Ah sim.

M2: Eu vou fazer uma cópia e eu levo pra vocês

Porque quando eu descobri que o dela era X frágil. Então, era muito novo. E aí, aí, a médica que fez o teste nela, deu um relatório bom. Assim pra mim, sabe todo lugar que eu vou, vou levar ela, por exemplo, eu levo esse, e esse papel fica certo. Então assim. E lá na escola deve ter também de agora...

E: Por Gentileza, se puder levar...

M2: Então é um relato que não tem atualização... ele foi definitivo

E: Isso hum.. hum.

M2: Levo pra vocês uma cópia...

E: E ela tem alguma doença?

M2: Não, não tem.

E: É saudável né?

E: E mais assim, mudança de humor?

M2: Muito difícil a P2 ficar mal humorada...

E: Hiperativa?

M2: Ai, isso é bastante, porque um dos sintomas né é isso, mas agora não gente, agora ela é uma belezinha, vocês precisavam ver quando ela era criança.

E: Olha só.

M2: Agora ela é uma adolescente. Agora depois de tanto esforço, tanta coisa que foi feito. Ela ta belezinha, mas, você não imagina como era hiperatividade.

Imagina assim, né, dentro de casa, né.

Na escola, “ai”. Eu brigava na escola com tudo quanto era mãe por causa dela

E: Faz uso de alguma medicação?

M2: Faz. Toma carbamazepina. No momento só carbamazepina, mas ela já tomou mais. Agora doutora ficou só com a carbamazepina. Deixa eu ver, acho que ta aqui na receita, tem uma receita aqui também, essa receita aqui é de um. Ela toma só um, Dra tirou, fez um teste e “ta” dando certo.

E: Sim.

M2: Uma a noite, antes de dormir...

E: Mas isso foi porque ela tinha assim comportamentinho assim, mais agressivo? Ou porque ela não conseguia dormir?

M2: Sabe q ela sempre tomou esse remédio, assim, eu nunca, nunca. Tem várias pessoas que tomam carbamazepina. Acho que vale pra muitas coisas. A P2 , eu acho que é porque pra ela se comportar um pouco melhor, concentrar um pouco melhor. Foi mais ou menos isso q eu entendi na época que passo, faz bastante tempo.

E: E a frequência dela ir lá na Dra, é todo mês?

M2:Não.Agora é de, “tá” de dois em dois, é quatro em quatro meses. Agora, já foi até de 15 em 15 dias.

E: Espaçou, né?!

M2: Nem fale, agora é de quatro em quatro.

E: Tem cartão SUS?

M2: Da uma olhadinha na vó lá.

P2: Eee.. vovozinha.

E: Mora aqui então vocês, e a vó?

M2: É a vó. Tem uma tia também que trabalha, vem pra cá daqui a pouco. Fica uns dias em Tremembé, então essa ai eu nem ponho no meio, pra , senão acaba que atrapalha.

E: E tem cadastro único? Aqui no município?

M2: Tenho. Quando eu fiquei desempregada, ai eu queria, é, pagar o inss,mas queria pagar como Dona de casa, porque era mais barato, ai eu fiz o cadastro único, não consegui, mas fiz.

M2: Fiz o cadastro único, depois permaneceu.

M2: Ai recebi até algum tempo,depois recebi o bolsa família, sabe.

E: Mas não recebe mais?

M2: Não. O bolsa família não, porque ai ela começou a receber o Loas. Lógico, eles não.

E: É então, por isso que é negativa do bolsa família, senão cruza os dados.

E: Mas o cadastro único já é pra isso. Então, porque o governo fez o cadastro único? Porque ele já tem entendimento que se tem um benefício do bolsa família não vai conseguir LOAS, né, pra não acumular né.

M2: Não pode né.

E: O que é que a senhora entende que seria hoje mais as demandas e necessidades do momento?

M2: Bom, o meu grande sonho era que a P2 arrumasse um serviço fosse trabalhar, mas isso aí é quase impossível, já desisti.

E: Entendi.

E: Ela parece que quer fazer curso de confeitaria, né, é isso?

M2: E eu também estou querendo fazer, eu vou tentar fazer agora.

E: Ela comentou que ali perto da rodoviária velha, tem uma escola que a senhora comentou.

M2: Não, não é, é no Ç, ali é escola do T.

E: É a escola do T ali do centro? Na...?

M2: É, e tem aqui na ... também. Essa aqui também tem, na .... Tem na ... tem.

E: Hum... hum.

E: Então a senhora quer ver pra senhora e pra ela, porque ela se identifica muito com a senhora nessa questão.

M2: Eu trabalhei muito tempo cozinhando.

E: Ah que legal! Muito bom...

M2: E a cozinha aqui em casa impera um pouco, sabe, todo mundo sabe cozinhar, sabe fazer doce, sabe fazer bolo.

E: Qual a data se nascimento da senhora? D. M2?

M2: O meu é primeiro de fevereiro, de cinquenta e nove.

E: A senhora é solteira?

M2: Eu sou solteira.

E: Natural de onde?

M2: PP

E: O RG e CPF você tem ai?!

M2: Tenho, eu tirei uma foto, quer que eu pegue?

E: Sim, por favor.

E:Então, vamos lá.

E: Então, como que a senhora vê a P2? A questão das características, do jeitinho dela? O que a senhora pode contar ai pra gente?

M2: Ah, a P2, ah P2, você sabe o que é você mexer com criança, a vida inteira..é a P2, sabe. Criança, é..brinca com criança, é, tudo o que chama ela aqui na porta é criança. Não tem adulto no meio, ou então muito raro. No passado, ela tinha umas amigas, que eram todas casadas e tinham os filhos, então carregavam ela. Levava pra casa, ficava o fim de semana com ela, mas agora não, só esta nas criancinhas, sabe, assim de nove e dez anos, assim, e a P2 é isso ai.

E: Se comunica bem? Tem facilidade? Pra fazer assim, amizade?

M2: Muita, quando ela andava de ônibus pra ir na coisa, eu tinha até preocupação, porque Meu Deus, não vê maldade em nada.Tudo pra ela é bonzinho, não vê maldade, não vê, não tem maldade.

Por mais que a gente alerte, fale, ela não vê, que aquilo pode acontecer, que é verdadeiro, mas é uma boa menina, muito boazinha.

E: E como é pra senhora ser responsável? Por ela?

M2: Você sabe que eu acho que se fosse assim, uma outra pessoa, sem deficiência eu acho que eu não sabia ser responsável.Eu acho que tem que ser assim, senão acho que não conseguiria dar conta.

E: Então hoje, já esta adaptado?

M2: Olha, eu já passei muito aperto, eu já não sabia o que fazer. Eu queria tudo, queria que ela, elas fossem iguais aos outros, mas depois de um tempo, eu

falei: não, chega, vai até onde for, fazer o que? Pra mim tá bom e num esquentei mais a cabeça. Sabe, lógico, cuido, faço tudo mesmo, mas de ficar assim, muito em cima mesmo. Tinha vezes que eu trabalhava, eu chegava do serviço, eu levava, ia a caminhar, eu levava pra natação, eu eu levava no psicólogo, tudo isso na parte da tarde, de seis horas que eu chegava do serviço. Ai depois eu cansei sabe.

E: Hum... hum..

M2: Ai eu cansei, ai deixei quieto .Ai o tempo vai resolvendo umas coisas, pelo menos em matéria da gente ficar sossegada, não resolve o problema, mas a gente vai, se adaptando. Se adaptando, né?!

E: É, isso é verdade.

E: E a senhora sempre trabalhou?! como foi?

M2: Sempre, até 2015, trabalhava de empregada em O. Trabalhei lá muito tempo. Na verdade trabalhei em dois serviços na minha vida que trabalhei num 20 anos e no outro 16. E agora pedi a aposentadoria, ta na hora, né?

E elas ficavam, sabe, ela, a mais velha cuidava da mais nova, e a avó, antes a vó levantava, andava. Agora ta de cama faz o que? Uns 5 anos? 6 anos, mas antes ela levantava, andava dentro de casa e ela que sempre ficava coma P2 e a avó. A P2 ia na escola e ia na B.

E: E sempre morou vocês quatro?

M2: Hã, hã. Tem meu irmão que mora aqui vizinho, tenho dois irmão que são casados e uma irmã, né, e minha mãe e a gente se da muito bem, Graças a Deus.

E: E casa aqui é só de mulheres?

M2: Hã, hã. Então e a netaiada também é só mulher, mulher, só mulher, fica aquela mulherada dentro de casa, é uma perdição... rs.

E: Sempre tem uma conversa então... um papo pra rolar, porque quando junta a mulherada, né.

RL: É, mas é bom, é bom.

E: E a avó? "Ta" doente?

M2: Então, não "ta" doente. Eu acho que ela ta mais é idosa, ela tem é logico uma gastura aqui no fêmur.

E: Ela "ta" com que idade?

M2: 97

M2: Então, ai não quiseram operar porque ela já tinha 80 anos quando apareceu, ai o médico falou que era perigoso... e a gente falou, então não mesmo... deixa ela ai. Então hoje ela dá um pouquinho de trabalho pra gente, mas é uma beleza, é boazinha também.

E: E de filhos? A senhora teve?

M2: As duas.

E: E as idades?

M2: A K esta com 36.

M2: 36?

E: E a K tem diagnóstico também?

M2: Não tem, mas não é por mim não, é porque pra fazer um exame de sangue nessa menina, eu não sei nem o que fazer, "ta" precisando e não faz, vacina nenhuma, nenhuma.

E: É. E tem medo de agulha?

M2: Vacina, então, como ela fica muito dentro de casa, então a questão da vacina eu nem aperto muito ela, porque assim, ela num tem muito contato, não sai muito. A P2 também não sai muito, é mais quando eu saio, são mais de dentro de casa.

M2: Então, eu tenho até o papel pra fazer o diagnóstico dela, precisava fazer.

E: E ela estudou também?

M2: Estudou igual a P2.

M2: Sim, ensino fundamental.

E: Isso, sabe ler e sabe escrever?

M2: Sim.

M2: O, o, ruim pra eles é matemática, mas é até pra gente né.

E: É verdade.

M2: Então, imagina pra uma pessoa com deficiência.

E: Sim.

M2: Então mexer com dinheiro é complicado pra eles, sabe, bastante complicado, hora, do relógio, questão da matemática, é complicado.

E: Então elas ficam mais com a senhora, mais dentro de casa, mais companheira da senhora, né?

M2: Isso, fica, agora eu “tô” bem dentro de casa, porque uma que eu to sem trabalhar e outra que a minha mãe, agora, tem que cuidar da avó.

E: Tem que ter alguém né?

M2: E então tem que cuidar de duas pessoas.

E: O nomezinho da avó, é?

M2: É A.

E: E quais instituições e serviços que a P2 já frequentou até hoje? Ela foi na escola né?

M2: É, Foi no A, quando o A era lá, no, no.. ai como que chama? No antigo, ela ficou lá bastante tempo, depois ela saiu de lá, é, é, é, não sei, teve uns cursos lá não sei lá que forma ai, ai, depois ela foi pra B, ficou na B uns 5 ou 6 anos. Foi na clínica e depois foi naquela fazenda lá, e, depois voltou e agora ta lá no A.

E: E a senhora comentou que ela que ela também já frequentou lá os serviços de atendimento da U? Na U?

M2: Isso, quando eu comecei, ela começou, assim, os trabalhos, o tratamento dela foi lá, certo?

E: Que idade ela tinha?

M2: Eu acho que tinha pra 7, “tava” começando na escola, e aquelas professoras lá tudo despreparada, num sabia das coisas, e ela era um pega! E eu era chamada todo dia, porque a Lidiane batia, porque a Lidiane brigava, sabe, nossa. Ai depois eu parei de levar, parei não, ai depois de lá, é como, como, o, o meu já era uma coisa social, pelo quanto que eu ganhava, ai lá arrumou uma psicóloga do lado de fora..

E: Atendimento externo?

M2: Isso. Ai a P2 saiu de lá, dessa X, com 15 anos, com 15 anos, ai ela deu alta, quando a P2 foi pra B ela deu alta pra P2, porque ai lá na B tinha tudo. Ai é, já não precisava tanto, e é, era baseado no meu salário, no que eu ganhava era o que eu pagava pra psicóloga e eu achava até bom.

E: Eles faziam uma análise, né?

M2: É a gente não dava pra pagar muito, mas um pouquinho, era o que dava pra pagar, mas a gente conseguia pagar, era o que dava pra fazer. Então depois que ela foi pra B, essa psicóloga deu alta, porque ela falou, agora já tem tudo lá. Então deixa de vir aqui, mas ela ficou muito tempo, passando por psicóloga, mas eu



nunca desisto, sabe. Porque tem gente, que psicóloga, larga mão, larga a mão e vai embora, mas eu não, eu não, não desisti não, enquanto ela não eu alta pra ela, eu levava, porque ai lá, na B, já tinha psicólogo.

E: E como a senhora acha que o fato dela frequentar a B e o U, lá no atendimento, como a senhora acha que isso ajudou no desenvolvimento dela?

M2: Ah, eu acho que em tudo e até me ajudou também a lidar com as coisas, né, porque "cê" não sabia, a gente não sabia, porque é o oposto, a K pode ter o problema que ela tem, mas a K é uma quietinha, né, nunca me deu problema, mas a P2 me dava problema demais por causa do jeito de ser, né. É, é, é bem diferente uma da outra. Então acho me ajudou e muito, como falar, como é, o que eu fazer, como falar com ela, tudo, tudo, tudo.

E: Passava umas orientações pra senhora?

M2: Exatamente, eu acho que me ajudou em tudo. Tudo que falava que era pra eu levar, eu levava. Eu fiz tudo que tinha na, na, na, que tinha, assim.

E: Na rede?

M2: Isso, na rede que tinha, eu fazia, e alguma coisa eu até pagava pra fazer, porque naquele tempo, ainda dava, agora já não dá mais, mas dava pra fazer sim.

E: Bom, e em relação a essas questões que foram importantes pra ela, o que que a senhora acha que foi de mais importante pra vida dela? Do que ela aprendeu dos lugares em que passou? Frequentou?

M2: Eu acho que comportamento, eu acho, não é que ela era não comportada, mal comportada, mas sabe o comportamento nos lugares, sabe. Eu sempre fui de sair muito pouco, mas mesmo assim, de ficar quieta sentada. Ela começava a ver um filme, ela sentava e em um minuto ela "tava" dando pulo nessa altura. Então não tinha, então acho que nessa questão ai, eu acho que foi o que mais ajudou, sabe.

E: E atualmente como é a rotina dela?

M2: Então, como falei com você, ela acorda, da uma ajeitada na cama dela e toma café, se manda fazer alguma coisa, ela vai, se não manda, não vai, é mais ou menos assim, sabe, porque a irmã acaba fazendo tudo na mão.

E: Hã.hã...

M2: Porque também a irmã fica fazendo tudo na mão e ai, sabe acaba tirando um pouco a responsabilidade dela, que ela teria que ter.

E: E ela acorda que horas?

M2: Ah, umas 7:00/7:30, ela acorda cedo, aqui em casa acorda tudo cedo.

E: Todo mundo madruga aqui?

M2: Rs, é todo mundo madruga, porque a avó acorda, tem que dar café, tem que dar banho, aquela coisa toda, então tem que acordar cedo.

E: É, no dia a dia tem alguma coisa, o que é mais fácil pra ela fazer na rotina da casa, o que ela costuma fazer? Que seja de responsabilidade dela?

M2: Bom, se deixar, ela faz o café pra ela, pra todos, não é só pra ela. Ela faz café, se deixar ela cozinha, porque ela sabe, ela só não faz porque ela num, os outros faz na frente, não também tem essa mania, e eu também tem hora que não quero mandar, e aí, se então se eu pegar e fazer, fica melhor.

E: nÀs vezes já se toma a iniciativa, né? Mas o melhor é deixar ela o mais autônoma, possível, né?

M2: Exatamente, e é um erro da gente, né. E eu falo pra ela, você tem que fazer, porque eu não vou durar a vida toda, isso ai é fato, a gente sabe que é assim. Então tem que fazer alguma coisa, mas ela sabe fazer. P2 sabe fazer quase tudo, da uma limpadinha na casa também, não gosta que eu sei.

E: Tem alguma coisa, de rotina, dentro ambiente familiar que a senhora acha que seria importante pra ela estar aprendendo... que ia facilitar pra vocês, na convivência, no dia a dia?

M2: Ai, eu acho que ela sabe fazer tudo, só não faz porque a gente sai na frente, mas é, logico que eu mando, eu peço pra fazer, deixo. Quando eu trabalhava, deixava pra fazer, as vezes não sai muito bem feito, mas faz, mas acho que "tá" tudo certo.

M2: Não tem algo específico assim...

M2: A proteção da irmã. A irmã também protege muito, até a "toaia", vai no banheiro e às vezes leva e leva assim, e olha tem que lavar aqui, tem que lavar ali, mas a P2 com a higiene é tudo muito certinho.

E: Em relação aos serviços da B e mesmo agora, lá na A, o que a senhora acha que teria sido importante, que fosse diferente? Algum serviço que não oferecido e que a senhora acha que poderia ter? Alguma coisa que a senhora acha que poderia ter aprendido lá, tanto na B ou na A, o que a senhora acha que poderia ter além do que hoje já tem lá?

M2: Ah, sabe que eu não sei, eu quase que não vou lá, você já notou, né. Eu só vou quando chamam e vou “nas reunião”. Ai eu vou, mas eu quase não vou lá, não tenho muito de ficar ali, mas eu acho que lógico, poderia ter mais coisa, pra fazer, né, mais coisa mais pra eles fazer, pra passar o tempo e da menos trabalho, porque eu acho se pegar um monte de gente daquele e pegar num lugar e não dar nada pra eles fazer, ninguém “guenta”, ninguém vai aguentar.

E: Sim. E ela fala pra senhora? Ela chega falando pra senhora?

M2: Não. ela não é muito de me falar não..

E: Não conta pra mãe das oficinas?

M2: Não, fala muito pouco, às vezes eu sei pelos outros e eu fico muito brava.

E: E a senhora acha que meio período pra ela ta bom?

M2: É, é, um período inteiro seria melhor, né.

E: Inteiro?

M2: Eu acho, que dai, teria mais coisa pra eles fazer, podia arrumar mais oficina, pra ocupar essas pessoas, assim.

E: E a senhora tem ideia de que oficina poderia ser dado?

M2: Ah, como é, é, é, a começar por culinária, são coisas é, que também é e seria pra quem sabe um pouco ler, né? Porque a gente fala culinária e acha que não precisa ler e escrever, mas precisa né. Pra saber as medidas, mas acho que daria certo, a padaria, é.. é.. é, culinária, costura. Costura que já vi que ela faz alguma coisa, na.. na... de.. de, costurar as beirinhas das coisas. Eu já vi que ela faz, então, às vezes, até eu to costurando e ela fala: mãe, deixa eu costurar ai, mas também não senta pra costurar. Pintura, bastante pintura, que eu acho que a criançada se acha, é, eu acho tão bom essas pinturas, que eu acho que você tem que imaginar pra ver o que pode ser, e nunca chega num consenso, mas a gente imagina. Imagina o que mais ou menos quiseram por ali, né, então, eu acho que nunca chega num consenso. O que será que ela queria fazer, né, no dia da exposição tinha uns até bem escuros e meio pesados, mas eu acho bom, acho legal.

M2: Cada um faz do seu jeito, né.

M2: Cada um no seu estado, do seu jeito, como a pessoa sente, eu acho que a pintura é ali, o jeito que a pessoa sente, o que passa ali.

E: Sim., a maneira que acaba se expressando, né?

M2: Isso, e também fazer pano de prato, pintar paninho de prato, borda, essas coisinhas assim, que eles vão fazer com a mão, porque com a cabeçã fica meio difícil.

E: Mais trabalho manual, né?

M2: Exatamente, e ai já da até pra trazer pra casa...

E: Fazer tricô, fazer crochê... acho que devia fazer tudo isso...

E: É, seria importante e valoriza, né?

M2: É, porque se for por eles pra fazer uma, uma, conta, uma conta eles eles não vão conseguir, então tem que por eles numa coisa que eles vão pelo menos conseguir fazer.

E: Porque eles tem potencial, né?

M2: É, é lógico. A minha vida inteira gente, é, .é, eu parei agora, mas eu procurei saber o que a P2 poderia fazer, pra ela viver, "cê" entendeu. Porque é, é, antes eu não conseguia pra ela o LOAS, porque eu tinha é, um salário razoável, e, e, e eu queria. E quando eu fiz o diagnóstico que falaram leva lá, que ela tem direito ao loas, tem direito ao benefício, mas eu nunca consegui porque tinha o meu salário, e tinha o salário da minha mãe, então eu nunca consegui. Ai quando eu fiquei desempregada, foi a primeiro coisa que eu fiz, porque eu não consegui chegar numa coisa que a P2 pudesse fazer pra viver.

E: E essas atividades também são importante pra vida dela, né? São funcionais, né?

M2: Então, a vida inteira eu procurei saber, o que a Lidiane p pode fazer pra sobreviver? Depois? Mais tarde? Mas nunca consegui...

E: Com que idade que ela teve o diagnóstico?

M2: Acho que ela tinha uns, uns, uns., acho que pra 10 e 11 anos, mas não era falta de eu procurar não, heim.

E: Sim.

M2: É, é que eu passava, ela estudava na escola normal e dentro da escola normal, lógico, não deram conta, não da mesmo, puseram numa, ai o Dr. A, montou...esse grupo dentro da escola. Como chamava, mesmo? Ah., um grupo que montava pra pegar aquelas crianças atrasadas, né,pra..pra...

E: Atendimento?

M2 : Isso, pra ensinar, e ela foi pra esse atendimento. Ali, eu conheci a W, a que trabalha lá, no, no, agora lá no Madre B, aquela foi a minha salvação. O que aquela moça me ajudou, cara, acho que ela era mais bem preparada, mas ela me ajudou tanto, sabe com a P2. Acho que a P2 também ajudou ela, porque a pessoa acaba aprendendo, eu pus uma diretora da escola pra estudar, pra saber como lidar com ela. A diretora aqui da escola, foi estudar, rs... pra saber como lidar com a P2, sabe. Ai foi indo, ela nessa escola e ai, eu fui, e e eu e Dr. P, a gente vivia se desentendendo, porque ele, ele, ele era meio estranho, mas bom, mas ai que ele encaminhou eu pra uma, uma, como é que fala? Uma geneti... geneti...

E: Geneticista?

M2: Isso, geneticista, foi ai que descobriu. Ela já tinha de 10 pra 11 anos, demoro bastante, e eu acho que se tivesse um diagnóstico mais rápido, poderia evitar de “taaanto” aborrecimento.

E: Mas ‘tá” bom, né? Agora ta encaminhado.

M2: È...cheguei.

E: A senhora pode me falar de uma situação que a P2 vivenciou na Instituição, na B ou na A, positiva, uma situação, um dia, algo que aconteceu que foi a senhora ache que foi importante pra ela?

M2: A P2 da tanta importância pra tudo, que é difícil escolher um específico, sabe? È.. uma, é nas apresentação dela, é, é, é, na.. na, na, nas coisas que ela traz pra mim. Então ela, da muita importância, o violão. Então, o violão agora “to” começando a ficar brava, porque eu, parece que não” ta” levando muito a serio. E eu até falei pro professor: Pelo amor de Deus, não deixa o violão encostado, e eu não tenho nem onde por, falei pra ele.

M2: Não, eu to falando do horário, assim, podia ser mais cedo, que dai ela não vem de van. E ai ela tem que vir sozinha, agora que eu to em casa, eu to indo buscar ela, porque eu fico preocupada, eu tenho um pouco de medo daquele pedaço ali. Dai eu vou buscar ela, se desse pra por num horário um pouquinho mais antes, nem tem problema a questão do jantar, é mais pelo horário, que dai ela não vem de van, e como agora não tem mais horário de verão, eu acho escuro, eu fico no pé.

M2: Ela até vem a pé, mas é que sou muito apegada, pegajosa, eu acabo até estragando um pouco até as coisas, é, mas tem que ter cuidado né?

E: Sim....melhor zelar, né?

M2: È, do que deixar solto, mas ela anda de ônibus sozinha. Ela vai até vai, ela pode até ir, se eu deixar, é que eu não deixo. Ela pode até sabre ir, é que eu tenho muito medo, eu acho aquela lado lá, muito perigoso, quer dizer, pelo menos é o que a gente escuta, né.

E: Qual foi a situação mais difícil pra senhora como responsável? Que a senhora enfrentou até hoje? Assim relacionado a ela?

M2: Ah, o mais difícil foi a parte escolar mesmo, que é, foi bem pesado, sabe, devido as pessoas, sabe, as pessoas que não são muito bem com ela.. As professoras, que não sabiam o que fazer, eu nem, nem, nem muito culpo elas, porque não sabiam o que fazer, e eu não sabia também, eu não sabia, e, e, ninguém sabia. E as própria sociedade, entre os alunos, que, não, você não sabe fazer isso, você não sabe fazer aquilo, você não é isso, quer dizer, isso aí prejudica bastante. Agora na, na família, graças a Deus, eu sempre encontrei um apoio muito grande, ninguém fala o contrário. Até porque eu sou muito de cuidar, não sou de pedir nada pra ninguém, sempre procurei fazer tudo sozinha, então graças a Deus, mas então, a parte mais difícil foi a escola, nos primeiros anos de escola, quando criança, porque depois ela foi crescendo, ela conquistou muitos, assim, é, é, professores, ela fez o EJA pra terminar, lá no V. “Oia” pra você vê, Veja bem, eu saia daqui, então, ela conquistou uns professores, diretor, tudo mais, que tinha dia que eles pegavam, enfiavam ela no carro e trazia aqui pra mim, porque eu ia buscar, dez horas da noite, e eu ia buscar, sabe, então isso muitas vezes, na maioria das vezes, e depois eu fiquei doente também, tive uma ferida na perna, porque tenho muitas varizes, né? E elas pegavam davam aula pra P2, pegavam ela e trazia aqui na porta pra mim. P2 conquistou muitas coisas também pela ajuda das pessoas, né. Ela aprendeu mais pelo EJA também, sabia? Ela ficou acho que quatro anos, né.

E: E o que a senhora acha que foi mais importante na vida dela? De conquistas?

M2: Ai, de conquista, nos “conquistou”... rs.. coisas boas, não vou se desanimar ela não. Tudo que ela consegue eu acho que tá bom, mas eu falo pra ela, tem coisas que acho que pode melhorar, não é verdade? Tem coisa que eu acho que pode ser melhor, se quiser, né. Pode se esforçar pra fazer melhor, porque ninguém é incapaz tanto assim. No caso dela assim, não é tão incapaz, assim, mas eu acho que ela pode melhorar em tudo, se quiser, né.

E:Então, tá, da minha parte esta ok.

## APENDICE E – Entrevista com P1

E: Bom, então vamos lá? Vou começar fazendo as perguntas, tá, e aí a gente vai conversando. Como você se sentiu recebendo esse convite pra estar participando da entrevista?

P1: Ah... Bom.

E: Você achou bom?

P1: Achei...risos.. minha mãe contou tudo, né...minha história.

P1: O que aconteceu na B, entendeu? Eu gostei sim.

E: Então, você gostou. E o que pra você, o que que aconteceu lá na B que foi de mais importante pra você?

P1: Ah, aprendi muita coisa bom, né.

E: Você achou que foi bom o período que você passou lá?

P1: Hum.. Hum.

E: E o que você aprendeu de coisas boas?

P1: Ah, eu viajei fora. Assim, lá pra Brasília, fiquei três dias lá. Eu ia pra São Bernardo, eu ia pro São Paulo, viajava. Minha mãe sempre autorizava pra mim viajasse, mas voltasse no mesmo tempo. Pra Brasília, ela num liberou não. Três dias, e eu fiquei lá... três dias, eu levei minha roupa, e ela autorizou, e meu irmão também.

E: Eram os passeios que eles organizavam? É isso?

P1: Era teatro que a gente fazia.

E: Ah, lá tinha aula de teatro. E você gostava?

P1: Ah, eu gostava, viu.

E: E como você se sentia quando você estava apresentando?

P1: Ah, muito legal, né, entendeu, gostava muito

E: E além do teatro, que mais você fazia lá?

P1: Ah, eu fazia aula de artesanato, minha mãe contou pra você, não contou?

P1: Então, ela contou minha vida. Até coisa errada minha ela contou, é eu sei, minha "oreia" tava quente. Risos.

E: Risos, mas o que que é coisa errada?

P1: Ah, que eu faço xixi no chão. Ah, não gostei, entendeu.

E: Ah, mas não é só isso, ela contou tanta coisa boa também.

P1: É... Contou.



E: Lembra que ela contou do vaso, das coisas que você fazia, que você sempre gostou de fazer essa parte de artesanato que você se concentra.

P1: Hum.. Hum, aprendo muita coisa boa, entendeu.

E: E dessas coisas que você fazia lá, o que você não faz aqui, que você tem saudade?

P1: Ah... mosaico.

E: Mosaico... Você gostava de fazer?

P1: A cabeça minha ficava no mosaico, entendeu.

E: Você ficava concentrado, e você gostava?

P1: Ah... eu gostava, e se tivesse uma professora só de mosaico pra mim, eu gostaria de fazer.

E: Que bom, é importante você estar falando isso, porque aí de repente a gente pode tentar alguma atividade.

P1: Eu gosto muito de mosaico, não sei porque, cara eu aprendi muita coisa com mosaico.

E: Quando você esta fazendo uma atividade, uma coisa que você gosta.

P1: Eu penso muito, entendeu, e eu esqueço da, de outra coisa, entendeu, eu colo a pecinha assim, eu vô pensando entendeu.

E: Você pensa no que? Na hora que você esta fazendo mosaico?

P1: Ah, na minha vida...da B, entendeu? A pintura, a pintura eu não sô muito chegado, mas a T ensina, entendeu, mas eu não sô muito chegado em pintura não. Pintura eu gosto mais ou menos. Eu gosto de fazer saquinho, sabe? Saquinho de lixo? Eu fiz bastante também.

E: É? Como que é?

P1: Saquinho de lixo. Ah, corta assim, esquenta o negócio na máquina e“plec”, cortava...entendeu. Na B eu fazia isso, com os deficientes é... visu...é, auditivo.

E: E lá você você fazia isso com um grupo de amigos?

P1: É, tudo, eu gostava muito também, entendeu. Aprendi muita coisa, saco de lixo também, entendeu.

E: Entendi...Era uma atividade então, boa pra você?

P1: Muito bom pra mim. Pra eu aprender um negócio, “trabaiar” na fábrica, entendeu. Minha mãe não quer que eu “trabaie” em fábrica, entendeu, mas eu , aí lá eu tinha uma fabriquinha. Se tivesse aqui, eu” trabaiava”.

E: Você gostaria de trabalhar?

P1: Ah, eu quero, mas minha mãe não autoriza, né.

E: Mas se tivesse?

P1: Ah, aqui, se tinha eu “trabaiava”, eu ganhava meu dinheirinho, meu R\$50,00, R\$60,00 e dava pra ela tudo meu dinheirinho, entendeu? Eu dava metade e eu gostaria de ganhar outra metade pra eu guardar pra mim, gastar pra mim mesmo, entendeu? Pra mim comprar roupa comprar, quer ver, quer ver minhas coisinhas.

E: Se você tivesse esse dinheirinho, do teu trabalho, o que você ia fazer com ele?

P1: Ah, ia comprar roupa. Que mais? É, material da escola, que eu preciso muito. Minha mãe não ganha muito, é um salário mínimo, entendeu? É pouco, é do meu pai, meu pai dá, entndeu, mas meu irmão ajuda ela também. Se viu a casa bonita?

E: Sim. Eu vi, uma casa nova, né.

P1: Meu irmão ajuda. Ta pagando a casa ainda, entendeu? Mas eu gostaria de ajudar ela numa coisa, entendeu? Comprar arroz, feijão, essas coisinhas pequena, né, carne assim, entendeu? Ajudar ela, comprar material meu, é, pago caro material meu.

E: Você gostaria de contribuir, né?

P1: Pagou caro material meu.

E: Das oficinas?

P1: É. Nossa...

E: É porque eles pedem, né, e a família que tem que comprar, né?

P1: Ela comprou muita caro, comprou , ficou R\$150,00, material meu. Desculpe falar, mas...

E: Não, pode falar, não tem problema.

P1: Ficou caro, né?

E: Entendi.

P1: Mas tem que comprar, né, fazer o que? Mas, que gosto de aprender muitas coisas legais, sabe.

E: E no caso, assim, das oficinas daqui, qual que você mais gosta?

P1: De artesanato ou de nataçãõ...

E: Hum.

P1: De nataçãõ, de educaçãõ física, gosto muito também. Eu aprendi a jogar bola na B, entendeu?

E: Que mais você aprendeu na B que foi importante na sua vida?

P1: Ah, Fazer a barba. Eu não sabia fazer a barba direito, eu não sei fazer a barba direito até agora, desculpe falar, minha mãe contou, né...

E: mas você consegue fazer, né?

P1: Eu consigo poucas coisas, só, eu arranho tudo eu.

E: Hã.. hã...

P1: Eu arranho tudo eu.

E: Mas já é alguma coisa.

P1: O tio ajuda eu, o tio P, entendeu? Agora eu "to" aprendendo devagarzinho, entendeu?

E: Ai, vai melhorando...

P1: Tô aprendendo com ele de novo, entendeu? Quem dava aula de, de, barba na B pra mim de barba era a Z, a Z, você conhece ela? A professora...

E: Ah, tá, que fica do outro lado, lá?

P1: Eu gosto muito dela. Eu dava no aniversário, eu dava as coisas pra ela, presente. Ela já é casada, mas é de respeito, entendeu. Eu gosto dela. Até agora eu gosto dela.

E: Sim. Tem carinho por ela?

P1: É, tem carinho por ela, entendeu?

E: E dos seus colegas da B, você ainda tem contato com eles?

P1: Num tenho..só a Q, mas ela é besterenta.

E: Dos teus colegas daqui alguns frequentaram a B, junto com você?

P1: Todo mundo, só alguns.,num tem.A I, a Gordinha lá,ah...quem mais? Tem uns que não foram na B não, de manhã tem mais gente.

E: E além da B, tem outro lugar que você frequentou?

P1: Só na B mesmo...

E: E na época da escola, antes da B, você chegou a ir na C, né?

P1: É, mas eu bagunçava muito.

E: Você era bagunceiro, então?

P1: Hum...hum...minha contou pra você, né?

E: Mas você gostava de ir à escola?

P1: Ah, mais ou menos.

E: Por que?

P1: Ah, eu bagunçava muito.

E: E lá, você tinha amigos? Colegas?

P1: Tinha, elas chamavam eu de P...

E: É...

R: Meu nome é P1 R, entendeu...

E: Aí, fizeram de apelido, chamavam de P.

P1: Meu nome é P1 R porque meu avô que pos meu nome, P1 R, entendeu?

E: Foi seu vô que escolheu seu nome?

P1: Balança cabeça afirmativamente...

E: É um nome bonito, P1.

P1: Eu nasci num domingo de Páscoa.

E: É? Olha, só, um dia especial, né. E como era sua relação com os professores?

P1: Era mais ou menos. Eu bagunçava, brigava com as professoras, jogava pó da cara delas, levava suspensão, entendeu? Eu pisei muito na bola. Agora, de escola, eu to aprendendo de novo aqui.

E: E aí, quando você foi pra B foi diferente da escola pra você?

P1: Ah, foi, muito diferente, viu, aprendi muita coisa da psicologia, também, com a D.

E: Você passava na clínica com ela?

P1: É, aprendi muita coisa com ela, eu fiquei um ano e meio com ela.

E: Hum... Hum...

P1: Depois eu sai de novo, pra fazer, fazer, o XX de novo, lá era xx também, você sabe, né?

E: Lá na B?

P1: É B, x...x.

E: E quando acabou o serviço da B, como você se sentiu?

P1: Ah, eu fiquei muito triste, acabou comigo cara, tomei chá. Nossa, fiquei muito nervoso mesmo. Todo mundo ficou chorando, todo mundo ficou com saudade, até agora, eu tenho saudade da Instituição B.

E: É? E ai você ficou um tempo sem ir em nenhuma instituição? Como foi? Você ficou um tempo em casa?

P1: Fiquei um pouco, dois mês, sem ir em lugar nenhum.

E: É, e como foi esse tempo que você ficou sem ir?

P1: Ah, fiquei chato com a minha mãe, fiquei rebelde, mijava no chão. Ela contou pra você, né?

P1: Então, fazia coco na calça.

E: Hum...hum.

E: Então, teve um período que você ficou sem instituição pra ir, né?E ai, depois de um tempo você passou a vir pra instituição A.

P1: Ai, comecei de novo, e ai não fiz mais, entendeu?

E: E ai, quando você veio pra cá, como você se sentiu?

P1: Ah, bem, né, aprendi muitas coisa legais, cozinha.

E: Você gostava da oficina de cozinha, que tinha aqui?

P1: Ah, gostava, aprendi muita coisa, cozinha, entendeu?

E: O que você aprendeu a cozinhar de gostoso?

P1: Ah, não lembro mais.

E: Não lembra mais...

P1: Ah, não lembro mais, cinco anos já.

E: Passou já um tempo, né?

P1: Tempinho já.

E: Hum. E como é a rotina na sua casa? No seu dia a dia, quando você acorda de manhã, e ai? O que você costuma fazer?

P1: Ah, tomar café, tomar remédio e esperar um pouquinho e tomar café. Minha mãe manda esperar um pouquinho, pra tomar café.

E: Hum. E você acorda sozinho? Ou poe relógio pra despertar? Como é?

P1: Eu acordo sozinho.

E: Você costuma acordar cedo?

P1: Hum.. Hum... três horas da manhã.

E: De madrugada, então?

P1: Eu fico muito rebelde. Nossa, ai eu acordo muito mais cedo ainda, fico acordando cinco hora da manhã, fico acordando toda hora pra minha mãe e minha mãe fica nervosa comigo. Meu Deus do Céu.

E: E ai, quando você levanta, você acorda ela? O que você faz?

P1: Daí eu acordo ela, e ela fica nervosa. Nossa, por que ela fica xingando: Ah P1, dorme ai caramba! Nossa, ela fica nervosa.

E: E ai, o que você faz?

P1: Ah, eu fico, durmo de novo e pronto, entendeu?

E: E os amigos? E sua família?

R: Ah, tudo passou por mim, já foi.

E: E o seu sobrinho? Que eu conheci...

P1: Ah, tenho. Num gosto muito da minha família não.

E: E dos amigos daqui?

P1: Ah, gosto, mas já passou também.

E: E nos fins de semana, o que você gosta de fazer?

P1: Ah, minha mãe num deixa eu sair mais, num deixa ir em lugar nenhum mais também.

E: E aonde você gosta de sair?

P1: Na casa dos meus amigos também, né.

E: Seus amigos moram próximos? Moram perto ali da sua casa?

P1: Moram, moram no Q, entendeu?

E: Que era o bairro que você morava antes? De se mudar?

P1: Não, eu morava no G.

E: Ah, você morava no G, e lá no G você tinha mais amigos?

P1: Ah, tinha bastante viu. Todo mundo gostava de mim, cedinho já chamavam eu: P1! P1 Acorda! Vamos brincar! Vamos brincar de corda! Vamos brincar de esconde-esconde! Nossa, vamos empinar pipa! Nossa, eu gostava! Nossa, meu antigo bairro, eu gosto!

E: Você gosta?

P1: Até agora eu gosto de lá... porque meu pai mora lá, né.

E: Hum.

P1: Meu pai casou de novo. Eu gosto da minha madrasta, ela leva eu no supermercado pra fazer compra com ela e eu ganho “deizinho” Risos...ganho dinheiro com ela, ganho perfume, ganho chinelo do meu pai.

E: Você ajuda ela no supermercado com as compras?

P1: Hum, hum. Meu pai vai junto, meu pai é deficiente das pernas, né.

E: Ah, é?

P1: Meu pai perdeu as pernas aqui ó... de “ganguena”, entendeu?

E: Gangrena?

R: Trombose, eu não sei o nome.

E: Hã, hã.

P1: E aí... ele bateu em mim muito, sabe.

E: É?

P1: Eu subia na árvore, ele metia reio em mim. Nossa, aí ele bateu em mim, jogou eu no coisa, coisa de prego, saiu sangue pra caramba.

E: Machucou daí?

P1: Machucou. Minha mãe ia contar pra polícia, ia dar queixa dele, ai ela ia apanhar, num contou, ficou com medo.

E: Entendi. E depois eles se separaram?

P1: Não. É, separaram, já faz um bom tempo. Ficou , nasceu minha irmãzinha ainda, entendeu, minha irmã caçula.

E: Você tem uma irmãzinha?

P1: Não, já é casada, né.

E: Já ta grande agora?

P1: Já, vinte e cinco anos. Tem uma menina, a menina gosta de mim também, chama eu de tio. Tem uns que chamam eu de tio, tem uns que não chamam eu de tio...tem três que chamam eu de tio, filho do meu irmão, filho da minha irmã caçula...e tem um, filha da minha irmã mais velha também, que tem cinco filho, e ninguém chama eu de tio.

E: É, e você gosta que te chame de tio?

P1: Ah, eu gosto, né. Porque é sinal de respeito, né, entendeu, entendeu? Eu gosto que chame eu de tio porque eu gosto, porque chama meu pai de vô, por que não pode chamar eu de tio.

E: É, e você é tio, né?!

P1: É, eu sou tio, né.

P1: Eu tenho bastante gente no face. Meu irmão falou que se eu aprontar, já tira meu face, de novo, entendeu?

E: Ah, Entendi.

P1: E ele falou que se eu aprontar no face. Assim, coisa errada, já corta o meu face.

E: E já aconteceu dele cortar?

P1: Não.

E: E o que? Que é fazer coisa errada?

P1: Ah, coisa errada pra minha mãe, não juntar bosta de cachorro, entendeu, essas coisas assim, entendeu.

E: Você tem umas obrigações? Na sua casa?

P1: É, minha mãe contou pra você, não contou?

E: E quais são suas obrigações?

P1: Juntar bosta de cachorro, é cuidar dos cachorros, da água, entendeu, essas coisa, só.

E: E o que você acha? Dessas responsabilidades? Dessas tarefas?

P1: Ah, é fácil de mim fazer, entendeu?

E: É fácil? Você acha fácil, fazer?

P1: Hum, hum.

E: Você gostaria de ter outras obrigações na sua casa?

R: Não, risos. Tá bom demais chega.

E: Não, chega? Risos, se ele colocasse mais tarefa lá pra você? Pra ajudar?

P1: Não, risos, chega.

P1: Tarefa de casa, nem pensar. Lavar louça chega, com frio.

E: Você não gosta? Não tem nenhuma outra tarefinha que você goste? Além de cuidar dos cachorros?

P1: Não, "tá" bom demais.

E: E cuidar dos cachorros? Você gosta?

P1: Ah, eu gosto, né. Eu gosto do meu cachorro, meu vira lata. Você viu meu vira lata, lá?

E: Hum.. hum..entendi.

P1: Eu goste dele.



E: E hoje, que outras coisas você gostaria de fazer, que você não faz?

P1: Ah, aqui na B? Aqui na escola?

E: Aqui e fora daqui?

P1: Ah, então, aprender mais coisas, sabe.

E: Aprender mais coisas, e o que você acha que podia fazer pra aprender mais coisas?

P1: Ah, ter mais oficinas e ficar o dia inteiro.

E: Você gostaria de ficar o dia inteiro?

P1: Você não perguntou pra minha mãe isso aí, né? Ela queria que eu ficasse o dia inteiro também. Aqui na escola.

E: A sua mãe? Você acha que ela gostaria que você ficasse?

P1: Hum, hum.

E: Como você sabe? Ela te contou isso?

P1: Não. Ela não contou, mas tem gente que contou por ela.

E: Mas por que você acha que ela gostaria que você ficasse o dia inteiro?

P1: Ah... porque eu acho pra eu aprendesse mais, entendeu?

E: E você acha que se você ficasse o dia inteiro, seria bom pra você?

P1: Ah, é, né...

E: Entendi. E fora daqui? Fora da Instituição, que outras coisas, você tem vontade de fazer? Que você gostaria que fosse diferente na sua vida? Coisa que você gostaria de fazer e não faz?

P1: Deixa eu ver, acho que nada, só isso mesmo.

E: Tem algum lugar que você queria ir? Conhecer?

P1: Ah, eu conheço tantos lugar.

E: Você conhece? Não tem nada mais que você quisesse que fosse diferente? Se você pudesse mudar alguma coisa na sua vida, o que você mudaria?

P1: Ah, Aprender a fazer a barba.

E: Você queria aprender a fazer a barba sozinho, é isso?

P1: É.

E: Tem outras coisas?

P1: Num quero.

E: Não.Ta. E você pode me falar um dia ou uma situação aqui na instituição que você viveu, aqui ou em outro lugar como na B, que foi muito especial pra você,

que foi muito legal, uma coisa que aconteceu e que foi importante? Que você guardou no coração, na memória, no pensamento.

P1: O que eu aprendi nas oficinas e um negócio que eu recebia lá é RP...

E: Você recebia?

P1: É.

E: Na B?

P1: É. Na B.

E: Mas o que era que você recebia?

P1: É... RP, tipo uma oficina que se limpasse o lugar, e ganhasse. Igualzinho da turma da limpeza.

E: Ah, lá se você ajudasse, você recebia um dinheirinho, é isso?

P1: É, um dinheirinho, só pra mim, entendeu?

E: E isso era uma coisa que você fazia na B e que era muito importante?

P1: É. RP, ah.. num sei o nome.

E: Tudo bem... eu to entendendo.

P1: Era assim. B, associação, ai... num lembro.

E: Eles tinham uma parceria, tipo assim?

P1: É... Na M, doava a comida. No tempo do aniversário, eles davam bolo, e a gente levava só o refri...

E: Tinha bastante festa lá?

P1: Nos fazia o pão, com o, com salsicha.

E: Cachorro quente?

P1: É, cachorro quente e com carne moída, era gostoso, eu gostei.

E: e eram vocês que preparavam?

P1: Hum, hum. Com nossa mão.

E: Entendi. E você gostava disso?

P1: Gostei muito, fiquei uns cinco anos, aprendendo a fazer isso. Eu aprendi a mexer na horta. Ah, aprendi muita coisa na B, viu?! Não reclamo da B não, viu, aprendi muita coisa boa.

E: E dessas coisas boas que você aprendeu, tem alguma coisa que você faz lá na sua casa? Que você pensa, nossa, isso eu aprendi na B e agora eu faço aqui em casa.

P1: Não, não faço.

E: Não faz?

P1: Minha mãe não deixa eu mexer na cozinha.

E: Hum... hum.

P1: Mas você gostaria de mexer?

R: Não, na cozinha não.

E: Mas no que você gostaria?

R: Ah, aprender a fazer salsicha eu gosto.

E: É?

P1: Nossa, adoro, com pão, hum.

E: Tudo de bom, né? Saboroso.

P1: É.

E: E você consegue me falar assim, de um dia ou uma situação que foi muito difícil? Ou triste? Aqui, ou mesmo na B?

P1: Ah, na B, fiquei muito triste, machucou eu.

E: E o que foi? Que aconteceu?

P1: Ah... Namorada, entendeu.

E: Ah... teve uma namorada, lá? Uma situação com namorada que você ficou triste?

P1: É, ela mora em Y, e eu moro em S, entendeu. É muito difícil, entendeu?

E: Ah.

P1: Ela “trabaia” agora. Acabou comigo, né.

E: Aí, quando a B fechou?

P1: Ai, quebrou eu, entendeu, era a O, não I. Não, é, esqueci o nome dela era N.

E: N. E aí?

P1: Acabou comigo. Machucou eu por dentro, cara, ela deu um último beijo em mim lá.

E: Entendi. E quando foi pra fechar, eles avisaram vocês que ia fechar? Como é que foi?

P1: Não... não aviso. Eles “deu” umas coisa pra nós comer, nos fomos no cinema. Levo “nos” na pizzaria, comemos pizza, entendeu. Fez chantagem com nós. Pagou tudo com nosso dinheirinho, o material lá, “levou nos tudo” pra um lugar, entendeu.

E: Ah, então. E como vocês ficaram sabendo que ia fechar a B?

P1: Ah, nos escutamos, né. Nós escutamos a chefe falar com os monitores, tinha uns monitores daqui, né, falou pra nos, né, entendeu.

E: Então, vocês ficara sabendo porque alguns funcionários contaram pra vocês, é isso?

P1: É. Machucou nós tudo, por dentro, entendeu?

E: E ai, eles falaram e passou tempinho, vocês já não foram? Como foi isso? Você lembra?

P1: Ah, foi um tempinho e depois nos não fomos mais.

E: E como seus pais, ficaram sabendo disso? Sua mãe no caso, né?

P1: Minha mãe soube, sabe por que? Porque a mãe do D, o carequinha de óculos. Ah, esqueci o nome dele. Ah, você conhece ele.

E: O D?

R: Isso. Ele, a mãe dele foi lá, e minha mãe foi com a mãe dele, lá, no coisa da T lá, e pegou a assinatura de todas as mães e ficou assim.

E: Ai, quando elas ficaram sabendo, foram na T pra ver pra onde vocês iriam. Foi isso?

P1: Hum, hum.

E:entendi... então, um momento difícil pra você foi esse?

P1: Foi.Machucou muito por dentro.

E: E como você acha que? Como você acha que eles deviam ter feito? Como você acha que eles deviam ter avisado vocês?

P1: Ah... avisasse antes, né?

E: Teria sido melhor?

P1: É..Hum, Hum, A minha chefe não conto nada,a diretora, né.

E: E eu queria saber um pouquinho sobre o P1.Quem é o P1? Conta pra mim?

P1: Ah Meu Deus.... risos.

E: O que você pode me falar sobre você? Sobre seu jeito de ser?

P1: Ah... eu queria aprender mais coisa que eu já aprendi agora, entendeu.

E: Então, P1 é uma pessoa que queria aprender mais, é isso?

P1: Hum... Hum.

E: E o que deixa o P1 feliz?

P1: Ah, aqui aprendo mais coisa entendeu. Às vezes fico triste, assim, fico rebelde.

E: Quando que você fica triste?

P1: Ah, aqui mesmo as vezes.

E: Quando acontece o que?

P1: Quando eu fico gritando os assessores os monitores, eu fico triste, entendeu? Machuca por dentro, depois, entendeu?

E: Quando eles?

P1: Não, quando eu.

E: Quando você grita com eles?

P1: É.

E: Você fica triste quando você faz isso?

P1: É, eu fico triste depois, penso bem, bem.

E: Hum, hum.

P1: Que eu fiz coisa errada. Peço desculpa.

E: Hum, hum, mas isso é uma coisa importante, que você percebe né? Ai você vai, você conversa, isso é uma qualidade sua.

P1: Um dia eu briguei com a F, e depois, eu pedi desculpa. Ela “tá” de prova, pode chamar ela aqui.

E: Risos, eu acredito em você.

P1: Entendeu?

E: E você disse que às vezes fica meio nervoso, né, quando você fica nervoso?

P1: É, quando, ah, quando fico que tem um negócio que eu quero, um negócio que eu quero, num consigo depois no dia. Entendeu?

E: Hum, isso te deixa um pouco nervoso?

R: É, risos, eu fico, fico nervoso e fico rebelde, assim, nervosa. Ah, também não vou fazer mais nada. Ah, chega, ai eu num faço mesmo.

E: E me diz uma coisa. Já imaginou se não tivesse a instituição? E se você só ficasse em casa? Como ia ser isso pra você?

P1: Ah, ia ser ruim, né. Sorte nossa mãe conseguiu aqui, as assinaturas dos pais. Ah, e eu queria a turma de P aqui também. Eu tenho saudade da turma de P, da minha namorada, é, minha ex namorada, né?

E: Você depois, nunca mais a viu?

P1: Ah, vi uma vez jogando bola aqui só, ela falou comigo, ta com outro namorado já. Ai acabou comigo. Ah, eu “tô” gostando, sabe de quem? Da H, a baixinha que é daqui, acho que você conhece.

E: Que é daqui também?

P1: É você conhece, não conhece?

E: Da turma da manhã, não é?

P1: É...a X “tá” de prova. Eu to gostando dela, mas ela não sai, num vai em lugar nenhum. O pai dela num deixa.

E: E você? Você sai?

P1: Eu saio de vez em quando. Saio de casa, assistir, comer pipoquinha, que nem a X explicou pra mim, entendeu, namorar é assim, cara.

E: Você gostaria de estar namorando?

P1: É...

E: E o que mais você gostaria de estar fazendo?

P1: Ah, só isso..

E: Só isso?

P1: Só.

E: Hum... Tá. bom, tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar?

P1: Não. Só isso, acabou?

E: Bom, e nas férias?

P1: Eu fico em casa brincando com meus cachorros...

E: Como chamam seu cachorros?

R: Lolita e é, o outro esqueci o nome, Bolinha e a Nina.

E:Três cachorrinhos então, que você tem em casa?

P1: É.

E: Então tá, no mais é isso, do que eu tinha me proposto. Agradeço você ter querido participar.

P1: Ta bom, vou perguntar pra X se ela vai chamar eu.

P1: Eu aprendi muita coisa com a minha mãe, viu?

E: E o que você aprendeu com a sua mãe?

P1: Ah, se perder. Ah um dia eu se perdi sozinho. Foi lá, ela contou pro “cê”?

E: Não.

P1: ô loco, pode contar.

E: Como é que foi?

P1: Ah, fiquei esperando lá, no posto do meu, do meu irmão lá. É, onde é instituição cultural? Onde é o Instituição cultural?

E: Você pegou o ônibus errado? Como é que foi?

P1: É, não. Eu fui no lugar certo, mas eu fui no posto, rs...sou burro.

E: E aí? Você foi ao posto e tinha que ter ido a outro lugar?

P1: É.

E: E daí? Como é que foi? O que você fez?

P1: Eu fui até em Pinda sozinho.

E: Você foi parar em Pinda? E aí?

P1: Ah, eu fui lá e depois voltei sozinho.

E: Ah, mas você conseguiu voltar então.

P1: Hum, hum.

E: E aí? Você voltou e parou aonde?

P1: Na Instituição cultural

E: Aí você conseguiu chegar? No destino?

P1: É, agora eu sei onde é tudo, entendeu?

E: Você se perdeu mas você se achou depois.

P1: Hum, hum.

E: E você pediu ajuda?

P1: Pedi ajuda pro mo.. o, cara que tava lá perto de mim lá, falo assim, é aqui ó. Ele deu o endereço errado pra mim, cara. O motorista que passou coisa lá pra mim.

E: O motorista do ônibus?

P1: É, o.

E: Você pediu ajuda pra ele?

P1: É, pedi.

E: O que você falou pra ele?

P1: É, eu falei: É na Instituição Cultural, viu moço. E ele falou: Ah, tá bom. Eu acho que ele dormiu ou esqueceu. Aí, passou reto. Passei, e não dei sinal também, sou burro também.

E: E aí? Passou reto? E aí você percebeu?

P1: Hum, hum

E: E aí? O que você fez?

P1: Aí, eu voltei sozinho, a pé. Depois eu fui no posto do meu irmão. Isso aí ela contou?

E: Isso aí, contou, que você chegou até lá, no posto.

P1: É, pedi pra senhorinha, peguei a senhorinha assim: Ô senhorinha, onde é a Instituição cultural? Nossa, ela ficou nervosa, penso que era ladrão, né. Meu irmão viu eu, aí, e falou: É meu irmão. Daí deu coisa ruim. Aí eu voltei, né, faze o que?

P1: Ah, tomara que minha mãe dê um real pra mim...

E: Você vai fazer o que com um real?

P1: Almoça no um real.

E: Ah, pra almoçar no um real!

P1: É claro!

E: Você já almoçou lá?

P1: Já!

E: E a comida é boa?

P1: Oh! É ótima! Nossa, come lá, é uma delícia! Lá em Pinda não tem? Você mora em Pinda, né?

E: Eu moro em Pinda e lá não tem um real.

E: E aí? Você vai começar a fazer esse curso? E quais são seus planos?

P1: É, e cade a X?

E: Você vai o curso de manhã? É isso? Conta ai, como vai ser sua rotina?

P1: Em junho.

P1: Como é que vai ser? Você vai acordar cedo?

R: Hum, hum, tomar banho, e tomar café, e ó... não, tomar remédio primeiro, ta vendo, já to esquecendo, viu?

P1: Mas você lembrou!

E: Esqueceu uma coisa?

E: Você vai tomar remédio, e aí?

P1: E vou, o', "vul"

E: Vai pegar o ônibus?

P1: Balança cabeça afirmativamente.

E: E ai, o curso começa às?



P1: Oito, oito e meia.

E: E vai até que horas?

P1: Ah, não sei, a psicóloga não falou.

E: Ela vai te informar, né?

P1: É.

E: E aí? Depois, qual a ideia?

P1:Almoçar no um real! Ai, Meu Deus! Tô tão nervoso pra começar esse curso.

E: E depois de almoçar no um real? Depois do almoço, o que você vai fazer?

P1: Pegar o bondão pro Quiririm. É Quiririm que passa aqui?

E: Eu não tenho certeza, mas acho que sim.

P1: Tenho que perguntar também pra X.

E: Tem que pegar informação direitinho.

P1: Passa aqui eu acho, viu. Ah, é fácil, vou perguntar pro fiscal.

E: E como você ta se sentindo agora, com esse curso?

P1:Ah, eu to dez! Vou aprender tudo!

E: O que você acha que vai aprender lá?

P1: Ah, vou aprender mais desenho, né? Quero aprender! Eu que pedi pro Y, Y, Oh, merda! Eu esqueço!

E: Você que pediu pra ele? O que você pediu?

P1: Y, arruma um curso pra mim, né?!Pra mim mexer a minha cabeça. Aí, ele arrumou esse.

E:Então, foi através aqui, do serviço de convivência que você conseguiu?

P1:Hum, hum.

E: Que bom!

P1:E aí?! Cadê a X? To curisoso! E que horas é agora? Três horas já? Tenho que tomar remédio!

**APENDICE F – Entrevista com P2**

E: Bom, então vou começar aqui, tá bom, vou fazer uma pergunta e a partir disso a gente vai conversando.

E: Como foi pra você receber esse convite pra estar participando aqui dessa entrevista comigo?

P2: Foi bom, né.

E: Foi bom?

P2: É.

E: Como você se sentiu?

P2: Bem né, agora que com você, né, uma pessoa boazinha, né? Rs...

E: Ah é, você gostou? Pra você é importante estar aqui?

P2: Consente balançando a cabeça.

E: É? Então, tá bom. Você já participou antes de alguma pesquisa assim? Alguém já te chamou antes pra conversar?

P2: Não. Só quando eu aprontava, aí eles chamavam pra conversar.

E: É? E aí? Aonde que você aprontava? Como assim? Me conta!

E: Era aqui?

P2: Confirma balançando a cabeça.

E: Quem que te chamava aqui pra conversar?

P2: Quem? Quem mais? Quem mais?

E: Não sei, me conta.

P2: A madame, né?!

E: Que madame?

P2: A F chamava eu, tipo da sala dela. Na sala, da sala dela, dali ela grita meu nome, mano, uma vergonha, sério, quando eu aprontava, ela gritava meu nome.

E: E aí? O que acontecia?

P2: Era só ir e obedecer, né? Tinha que obedecer ela, porque senão ela ia falar monte de coisa. E eu ia de boa, né.

E: E normalmente, por que acontecia isso?

P2: Ah, era porque, porque de namorado, por causa de homens, sabe como que a G é, né?

E: Como assim? Me conta?

P2: É que a gente, sabe a D, minha amiga. Então, é que a gente tava pensando, as duas em arrumar namorado. Então, vamos arrumar namorado? Vamo, então, aí que a gente tava tentando arrumar namorado, eu e a D. Ah, mas também, por que que eu fui falar alto também, né?! A G falou assim: tem que ter papelzinho, com autorização da mãe e do pai, e, oh Meu Deus do céu, viu?!

E: Pra poder namorar, né?

P2: Que aqui não pode namorar, não sei por que que não pode namorar aqui?

E: Entendi.

P2: Eu perguntei, por que que não pode namorar aqui? Falaram que não pode, que aqui é uma escola...

E: E ai, ela disse que tinha que ter autorização, é isso?

P2: É.

E: E ai? Você chegou a falar com a sua mãe? A pedir a autorização?

P2: Não, e nem vou falar, sabe?

E: Não?

P2: Vou ficar quieta. Ah, num quero nem falar pra minha mãe também, mais fácil. Se eu falar pra ela, ela vai falar um monte de coisa na minha cabeça, sabe como é?

E: Você acha que ela autoriza? Ou não?

P2: Ah, você conhece minha mãe, você acha que ela ia?

E: O que você acha?

P2: Tenho certeza que acho que não, viu.

E: Alguma vez você já conversou com ela? Com sua mãe sobre isso?

P2: Balança a cabeça negativamente.

E: Nunca?

P2: Nem, nem conversa, melhor nem conversa, sabe?

E: Você já teve algum relacionamento? Já namorou alguma vez?

P2: Já.

E: É?

P2: Foi na B, faz muitos anos. Graças a Deus, e foi aqui na escola também.

E: Aqui você teve um namorado, também? Com autorização ou sem autorização?

P2: Não, minha mãe nem ficou sabendo. Depois outro dia, ela já, já até tava desconfiada, mas não falou nada.

E: Entendi.

E: E assim, na sua história de vida, quais os lugares onde você frequentou? Você passou por quais instituições e escolas? Você pode me falar um pouquinho sobre isso?

P2: A B, eu passei por lá.

E: Você ficou um tempo, lá, frequentando a instituição? Você lembra quanto tempo você ficou lá?

P2: Ah, não lembro mais.

E: E como foi pra você? Participar lá, da B?

P2: Foi legal, tirando acordar cedo pra ir, né. Nossa, eu odiava acordar cedo.

E: Lá você ia na parte da manhã, e aí? Ficava o dia inteiro?

P2: Da manhã e ficava o dia inteiro.

E: E o que você acha de ficar o dia inteiro?

P2: É bom ficar o dia inteiro lá.

E: O que você fazia lá, que você gostava?

P2: Comer.

E: É?

P2: Risos, é... "come".

E: A comida de lá era boa? Então na B você gostava de comer?! É isso? Quem que cozinhava lá?

P2: Era, como chama aquela coisa de carro, ali?

E: O que? De Carro?

P2: Na fábrica que era de carro.

E: A J?

P2: É.

E: Ah... a J que mandava comida pra vocês? Entendi.

P2: Eles que mandavam lá.

E: E era muito boa?

P2: É.

E: E o que mais você fazia lá? Que você gostava? Que você achava que era importante pra você?

P2: Acho que é só a parte da cozinha mesmo.

E: E as oficinas de lá?

P2: Eu não gostava muito, mas eu ficava mais na cozinha.

E: Mas lá você participava? Você ajudava a fazer a comida? Você comentou que ficava mais na cozinha?

P2: A comida, a comida era pronta.

E: Hum... mas tinham oficinas?

P2: Tinha, várias, mas eu não lembro como era as oficinas, mas era muitas.

E: Você não lembra?

P2: Não.

E: Mas tem alguma que você gostasse mais?

P2: Natação.

E: Natação?!

E: E o que você aprendeu lá, que você acha que foi importante pra você?

P2: Nossa, foi aprender, ah, foi tanta coisa. Acho que foi aprender, ah, tanta coisas, as pinturas.

E: As pinturas? Você gostava?

P2: Eu fiz aula de saco lá, é que você não viu as outras.

E: É, eu só vi as daqui, as mandalas, o quadro.

P2: Então, era pra você ter visto o pavão que eu fiz e um quadro do Picasso.

E: Hum... esses você fez lá? E você gostava dessas aulas de pintura?

P2: Indica gesticulando que mais ou menos.

E: Mais ou menos?

P2: Mais ou menos... risos.

E: E o que não gostava de lá?

P2: De acordar cedo.

E: Ah, de acordar cedo, mas você não gostava de acordar cedo pra ir, mas do que acontecia lá, das aulas, das oficinas, o que você não gostava? Tinha alguma alguma que você falava: Nossa, isso que não gosto.

P2: Não.

E: Não, gostava de tudo? E em especial a natação, isso? E você gostava da comida.

E: E lá vocês ficavam bastante tempo, né? Na parte da manhã e tarde. E como você iam pra lá?

P2: De ônibus, da....

E: Ah, de onibus da .... mesmo, não tinha transporte? da T, nada disso?

P2: Isso.

E: E na hora de vir embora?

P2: De ônibus também..

E: Tá.. de ônibus da .....

E: E lá, você tinha amigos?

P2: Balança cabeça afirmativamente, até agora eu tenho.

E: E os funcionários? O pessoal que trabalhava lá? O que você achava deles?

P2: Eles eram um amor, nossa, eu sinto saudade deles até agora.

E:É?

P2: Eu converso com eles na, eu tenho até os contatos deles, até agora.

E: Você tem contato? Com alguns?

P2: Todos.

E: E você se dava bem com eles?

P2: Muito.

E: E como foi quando acabou a B?

P2: Foi horrível, foi triste, fechou do nada, assim.

E: É? Você lembra como que você ficou sabendo? Que não ia ter mais a instituição? Que vocês não iam mais pra lá? Você se recorda?

P2: Eu não lembro como foi., só sei que fecho do nada.

E: Fecho do nada?

E: Mas você lembra se alguém chegou até vocês e avisou?

P2: Balança a cabeça negativamente.

E: E a sua mãe? Você lembra como ela ficou sabendo? Como foi?

P2: Não lembro, se ela viu na internet, ou se alguém contou. Sei que ela ficou sabendo.

E: E ai, do nada vocês não tinham mais a instituição pra ir? E como foi isso pra você?

P2: Foi triste, foi porque não tinha nada pra fazer e casa.

E: Ai, você ficou um tempo na sua casa?

P2: Fiquei um tempo na minha casa, depois eu fui, fiz curso lá na I.

E: I? É aqui em Taubaté...

P2: É.

E:Curso do que você fez?

P2: É, esqueci, de informática, de, é, como chama aquilo pra gente escrever mesmo?

E: datilografia?

P2: Isso, datilografia.

E: Hum...

P2: E manicure.

E: Hum.. hum

P2: E massagem.

E: Tá. Ai você fez esses cursos, e depois?

P2: Eu sai e depois não fiz mais nada.

E: Hum, e depois você veio pra cá?

P2: Vim, vim pra cá.

E: E vieram todos? Os colegas e os amigos?

P2: Menos a T e a J, mas o resto arrajaram serviço.

E: Alguns conseguiram trabalho?

P2: Até agora estão trabalhando e eu tenho contato com todos eles também.

E: Você contato? E como você faz pra ter contato com eles?

P2: Facebook, Instagram.

E: Você usa bastante o face e o Instagram?

P2: Uso, uso mais instagram que o facebook.

E: E você usa pra que? Pra que você acessa?

P2: Às vezes, à vezes pra ver se alguém uma mandou, solicitação, mandam alguns vídeos engraçados pra mim.

E: Hum.. Hum.

P2: Às vezes mandam comida, essas coisas assim.

E: Hum.. hum.

P2: E eu vou curtindo, igual Instragram também.

E: Tá.E hoje aqui na Instituição, tem alguma oficina, ou alguma coisa que você gostaria que fosse diferente? Ou que tivesse?

P2: Nossa Senhora, é, fazer luta.

E: Luta?

P2: Risos...

E: É? Você tem vontade?

P2: Risos, é, mas não pode, né? Aqui não pode.

E: Não sei. De repente, a gente pode de repente até propor, conversar com alguém, como atividade física.

P2: É porque se não bater na pessoa, né?

E: Mas tem umas que são esporte, né, tem todos aqueles aparelhos, né, é isso daí que você tem vontade de fazer?

P2: Balança a cabeça afirmativamente.

E: Você já fez alguma vez?

P2: Não, não pra brigar, só...

E: Sim, como atividade física, né?

P2: Isso, não pra espancar, não pra bater na pessoa.

E: Fora oficina de luta? Tem alguma outra?

P2: Culinária, eu amo fazer isso.

E: É, você gosta de mexer na cozinha? Lá na sua casa você vai pro fogão? Vai pra cozinha?

P2: Minha mãe, e de vez em quando é eu.

E: Sua mãe cozinha e as vezes é você participa, você ajuda?

P2: Ela falou pro cê, né.

E: É, ela falou que lá na sua casa, todo mundo é bom na cozinha. E o que você gosta de fazer pra comer?

P2: Minha mãe... minha mãe que faz, a feijoada.

E: É, feijoada dela é boa?

P2: É, da até volta, mas no calor é perigoso comer feijoada no calor, mas minha mãe faz uma feijoada. Hum, minha mãe e minha tia.

E: Tudo de bom. E você faz algum prato? Que você cozinhe e goste de fazer?

P2: Do prato que minha mãe faz, eu gosto de tudo que minha mãe faz e minha tia, mas o que ela também faz que é gostoso mesmo, é a torta de limão dela, é, pizza enrolada, as esfiras que ela faz.

E: Hum, que delícia.



P2: O bolo de chocolate que ela fez no meu aniversário.Nossa, uma loucura.

E: É tudo de bom..E você gostaria de aprender a fazer também?

P2: Balança cabeça afirmativamente...

E: E antes da B, você ia na escola, né? Você frequentou a escola, né?

P2: Tinha que lembrar, né?! Estudei a noite.

E: O que que é?

P2: Eu estudava a noite, eu saia dez pras onze, com sono, cansa, lá cansa.

E: E como era? Você gostava?

P2: Nossa, era uma felicidaadeeee imensa...rs...

E: É?

P2: Balança cabeça negativamente.Eu não gostava de estudar.

E: Você não gostava de estudar?

P2: Eu odiava estudar a noite, era horrível.

E: Mas você chegou a estudar de dia também?

P2: É, já, não... deixa ver... já, já.

E: E como era o seu relacionamento lá na escola com os colegas?

P2: Eu tenho até eles, encontro com eles no face, no Instagram até agora, todos.

E: E com os professores? Como era?

P2: Também.Às vezes mandam solicitação pra mim.

E: E na época que você estudava, como era seu relacionamento? Como era pra você ir pra escola?

P2: Eu odiava, era chato.

E: E chegou a acontecer alguma situação, alguma coisa na escola que te aborreceu?

P2: Não, por enquanto, até agora não aconteceu nada.

E: Aqui não?

P2: Não, aqui não.

E: E na B? Chegou acontecer alguma coisa que tenha te deixado triste ou aborrecida?

P2: Balança cabeça negativamente.

E:E na escola?

P2: Não.

E: Também não. E como é sua rotina durante a semana? Você acorda, e aí?

P2: Eu acordo, mexo no celular, fico em casa sem fazer nada, sabe.

E: na sua casa você ajuda? Você tem alguma obrigação?

P2: Arrumar a cama.

E: Arrumar a cama.

P2: Isso que a minha fala pra mim: Arruma a cama.

E: Mais alguma coisa? Que você tenha que fazer lá? Que seja da responsabilidade da P2?

P2: Acho que é só e fazer o café de casa.

E: Hum, o café, é você quem faz. E no período de fim de semana, o que você costuma fazer?

P2: Sair.

E: Você sai? Você sai pra onde?

P2: Pro shopping, cinema.

E: E você vai como? Sozinha? Vai acompanhada de alguém?

P2: Da minha amiga. Um dia ela me chamou pra ir no shopping com ela, pra assistir um filme.

E: Hum, e sua mãe deixa você sair? Você circula de ônibus?

P2: Balança cabeça afirmativamente.

E: E você tem bastante amigos aqui fora daqui?

P2: Balança cabeça afirmativamente, tenho uma que mora bem do lado da minha casa.

E: Tem uma amiga que mora próximo, tá. E no período de férias, quando a instituição aqui tá fechada, como é isso pra você?

P2: É, bom, muito bom, você descansa mais.

E: E o que você fica fazendo?

P2: Ah, fico mexendo no computador, fico assistindo filme, abaixo filme no celular., é, fico em casa sem fazer nada, né.

E: E você prefere período de férias? Ou o período de funcionamento da instituição?

P2: Férias

E: Você prefere férias?

P2: Nossa. É muito melhor.

E: E o que você gostaria que fosse diferente na sua vida?

P2: Acho que nada.

E: Nada? Nada de diferente? Tem algum lugar que quisesse ir? Conhecer tal lugar? Ou fazer tal coisa? Se você pudesse fazer um pedido pra se realizar, pra tornar sua vida diferente, o que você faria?

P2: Ir pra Disney.

E: Disney?

P2: Já foi?

E: Não, risos...Então, você queria ir pra Disney?

P2: Eu vejo os preços, mas ir pra Disney não é tão, mas é caro.

E: Deve ser caro.

P2: É caro, tem que trocar o dinheiro por dola.e tem que ir de avião também, e eu não suporto altura.

E: E fora isso, no dia a dia, tem coisa que você gostaria de ter e fazer? Pra deixar sua vida diferente? Pra poder fazer coisas, que de repente você não faça?

P2: Ahh, acho que viajar mesmo, ir pro Rio de Janeiro. É o Rio e a Disney.

E: E lá na sua casa, tem alguma coisa que gostaria que fosse diferente?

P2: Não,ta tudo bem, minha mãe tá bem, ta tudo bem lá em casa.

E: E aqui na Instituição? Você gostaria que tivesse algo de diferente? Se você pudesse mudar?

P2: Acho que nada.

E: E assim, você pode me falar de um momento, algo que você viveu aqui ou na B que tenha sido muito feliz pra você? Que tenha deixado boas recordações?

P2: As apresentações de lá.

E: Da onde?

P2: Da B, e daqui também.

E: Isso pra você...

P2: Foi bom.

E: Você pode me falar de uma que tenha marcado? Em especial?

P2: Várias, tem várias.

E: Então, vai falando, dessas ai, quais foram?

P2: Foi uma do, coral.

E: Coral?

P2: A dança que a gente fazia também, muito bom.

E: Hum... hum.

P2: Eu não passava vergonha como sempre, né, não passava.

E: Não passava... por que? Agora você passa?

P2: É, a freira, né?

E: Você ficou com vergonha de por roupa de freira? Na apresentação?

P2: Nunca mais, eu ando de freira, daquele jeito, passei vergonha, naquela...tudo mundo "oiando "pra gente".

E: Você não queria ter participado dessa apresentação?

P2: Não, mas eu tinha, né, fazer o que né?

E: Você acha que você foi obrigada a participar?

P2: Não.Não fui, falei assim: vou participar, tudo bem.Só que quando vi a música que era pra fazer happy day,pelo amor de Deus,me vestir de freira foi horrível.

E: Você queria ter desistido?

P2: Eu ia desistir, mas você não deixou, né.Você ficava businando na minha cabeça.

E: Quem? Eu?

P2: É... ficou businando na minha cabeça, falando, não desista.

E: Mas você já tinha ensaido, e estava tão bonito também, mas por você então, teria desistido?

P2: Eu queria sair correndo de lá, sabe.

E: E da B, era diferente as apresentações de lá?

P2: Muito.

E: Me conta então, me conta então, como é que era?

P2: Era muito lindo, era só roupas, era tudo, nossa , muito glamoroso.

E: É? E quem costurava essas roupas?

P2: Ah, esqueci o nome dela.

E: Mas era a própria B que fazia? Ou vocês tinham que encomendar?

P2: Acho que era por encomenda, eu lembro.

E: E qual roupa que você usou e que você adrou? Que você disse Nossa!

P2: De bailarina, a melhor roupa, foi de bailarina, que não passei vergonha.

E: De bailarina você gostou então, de se apresentar, e como foi? Você se apresentou sozinha? Ou foi em grupo?

P2: Era um bambolê.

E: E era em grupo?

P2: É, e não passei vergonha.

E: Então de bailarina foi glamorosa? Foi legal? Qual outra? Você lembra de outra?

P2: Lembro de, nossa, foi essa. E foi várias, mas não to lembrando, ah do coral.

E: Do coral foi aqui?

P2: Foi. Não foi, quer dizer, foi no T.

E: Ah, do T.

P2: A gente “dançamo”, apresentamo uma música da Anitta, mas a gente tava ia andar, tinha que ensaiar, tava dançando de salto.

E: Ah foi da Anita? E era de salto? E ficou legal?

P2: É, doeu o pé, mas foi.

E: Valeu a pena o pé doido?

P2: É eu pedi, mas voê não entendem.

E: E quais outros tipo de apresentação você gostaria que tivesse? Que você acha que seria legal, que você queria participar?

P2: Nossa, é, daquelas músicas, tirando os funks, porque não pode colocar funk nessa escola.

E: Você gosta de funk?

P2: Balança cabeça afirmativamente. Ah eu gosto de.

E: Pensa aí numa música ou num cantor que seria legal ter a música pra apresentação...

P2: Ah, uma que tenha que mexer mais o corpo, dança do ventre.

E: humm. Hum.. seria legal, né...e qual mais? Tenta lembrar, mais alguma?

P2: Dança de rua.

E: Tipo um hip hop?

P2: Samba.

E: Seria legal, né?

P2: Não aquelas freira pra fazer a gente passar vergonha, na cara minha, eu passei vergonha.

E: Você achou?

P2: Muito, fiquei ridícula naquela roupa. Até a roupa de freira ta lá em casa guardado.

E: É...

P2: Eu to até aqui pensando. Você acha que ficou bonitinho, bonitinho? Ficou lindo,nossa.

E: E teve alguma outra situação que você tenha sentido vergonha?

P2: Não, só... foi a única.

E: A única vez que você lembra de ter passado vergonha foi nessa apresentação?

P2: Muito, mas muito mesmo. E a minha mãe acha uma gracinha.

E: E quem será que teve a ideia de fazer essa apresentação?

P2: Acho que foi a professora de dança, esqueci o nome dela, foi ela que teve essa ideia, brilhante.

E: E ela perguntou pra vocês o que vocês achavam disso? Ela perguntou? Como é que foi?

P2: Não, não perguntou.

E: Ela chegou com a música e mostrou a música pra vocês... e aí? Com foi?

P2: Ah, foi legal, mas happy day. Até hoje minha mãe canta essa música na minha cabeça pra provocar.

E: E se ela tivesse perguntado pra vocês, se vocês gostaram da música...ou não, você acha que qual teria sido a resposta pra ela? Você acha que seus colegas também não gostaram?

P2: Sim, acho diziam, porque eles não iam gostar, mas a gente foi, né?

E: Vocês foram mesmo sem gostar, é isso?

P2: É. E Foi, e foi bom, né. Você viu...não viu?

E: Sim, eu vi a apresentação, foi lá na V a apresentação, eu lembro.

P2: Você viu a vergonha que eu passei?

E: Então, você foi mesmo não gostando?

P2: É... mas depois ficou bom, né?

E: Ficou, vocês ensaiaram direitinho, ficou bonita a apresentação.

P2: A roupa ta guardada lá em casa, lá, eu guardei ela.

E: Quem sabe você usa uma o hora pra outra situação. De repente você reforma a roupa, entendeu..

E: E me diz uma coisa, o que você gosta na sua vida? O que você faz que te faz sentir feliz?

P2: Tudo.

E: Tem algo em especial assim, que nossa, hoje eu fiz isso, hoje eu tô muito feliz.

P2: Dormir.

E: Você gosta de dormir?

P2: Ah, é tão gostoso, com esse frio ainda.

E: E o que mais?

P2: Comer.Minha mãe fala que eu sou um saco sem fundo, mas eu como.

E: E se eu te perguntar sobre uma pessoa importante na sua vida, quem você falaria pra mim.

P2: Deus. E minha mãe, num dos primeiros lugares minha mãe e Deus...os únicos.

E: Ah, tem mais alguma coisa que você gostaria mudar na sua vida?

P2: Não, balança cabeça negativamente.

E: E eu queria que você me falasse um pouquinho, quem é a P2?

P2: Doidinha, divertida, louquinha, risos é , se junta eu e a D num dá muito certo as duas, sabe, então.

E: E a D, é sua amiga?

P2: Nossa, minha amigona, gente do céu.É minha, ela igual uma mãe pra mim, uma confidente sabe? Ela se abre tudo com ela, dá uma conselhos ótimos.Então ela é uma, amor, sabe, você viu? A gente não se desgruda? Quem nem uma cola.Então, a gente tem uma amizade boa, a gente nunca brigou e nem discutiu.

E: Ela é uma pessoa importante pra você?

P2: Muito, muito mesmo.Eu sempre falei pra ela, você é importante pra mim, é igual uma mãe, sempre falei pra ela.

E: Ela te faz sentir bem?

L: Muito.

E: E quem mais? Quais outras pessoas que te fazem sentir bem?

P2: Minha mãe, meus amigos.

E: Tem mais alguém da sua família, que seja especial pra você?

P2: Meu tio.

E: É?

P2: Ele é o único que eu fico, mais assim, tem mais chamego com ele. E o H também, quando eu tô triste ele faz eu ri, sabe? Faz eu ri um pouquinho, quando "tô" chorando ele fica fazendo a gente ri, ri, sabe?

E: É?

P2: Maior "paiação"...

E: Quando eu "tô" tristinha assim, ele fica fazendo aquelas graças. Nossa, num dá, quando eu "tô" triste, "tô" mal, ele vai lá, me faz rir muito e eu choro de ri com esse menino, imagina.

E: Ele é divertido?

P2: Muito, muito mesmo. Ele e a D, misericórdia! Quando eu "tô" triste, não tenho sossego, a gente não tem sossego.

E: E o que te faz ficar triste?

P2: Faz eu ficar triste? Acho que, nossa, não faz nada eu ficar triste. Com eles perto, você acha?

E: Com eles perto, nunca você fica triste, mas tem outra situação que te faça ficar triste?

P2: Pior que não.

E: E tem alguma outras situação que te faça ficar nervosa e irritada?

P2: Quando eu tô naqueles dias, é horrível, fico com dor, e você não sabe se deita pra cá, se deita pra lá. Num dá, não tem posição pra você deitar.

E: Humm.. você sente cólica?

P2: Muita, chego a vomitar, passar mal.

E: E você toma remédio?

P2: Até a fome, quando eu vo comer, não dá, dói demais..aí eu vou lá tomo remédio, espero melhora até, até eu melhorar. Eu não como, é difícil.

E: E pro futuro? Quando você pensa no futuro.. o que você gostaria de fazer?

P2: Eu queria fazer um curso.

E: Um curso? Do que você acha que seria legal?



P2: Nossa, tem vários cursos que eu gosto.

E: Você pensa em algum? Que você ache, esse seria legal?

P2: Igual vocês.

E: Como assim?

P2: Queria um curso igual vocês.

E: De faculdade?

L: Mas longe dos mortos? Tá, longe.

E: Como assim? Longe do que?

P2: Dos mortos, que eu não quero chegar perto daqueles mortos.

E: Que morto? Como assim?

P2: Daqueles geladinhos lá dentro. Ai, tem uma parte da... lá, que eu nunca mais vou lá, nunca mais vou arredar o pé lá. Ah, nem me fala...

E: Ah, tá da faculdade, do Campus. Você tem vontade de estudar na .....?

P2: É, mas bem longe dos mortos.

E: É da faculdade de medicina?

P2: Uj, lá eu não fico., só bem longe.

E: Mas bem longe deles você queria?

E: E seria faculdade do que? Que você queria fazer?

P2: De psicóloga.

E: De psicologia? Você acha que seria um curso legal?

P2: Acho.

E: Você acha que o trabalho das psicólogas são importantes?

P2: Nossa... Eu achava chato, assim, mas foi muito bom.

E: Você já passou por psicóloga onde tanto? Onde você já passou? Você lembra?

P2: Na..., esqueci o nome daquela rua, lá na instituição.

E: Na Rua xxxx?

P2: Não... na... na... perto da... onde era a ...

E: Você ia numa clínica lá?

P2: Lá, na k...que a minha mãe falou pra você.

E: E você passou um tempo com ela?

P2: Balança cabeça afirmativamente...

E: E você gostava? O que você aprendeu lá? Que mudou na sua vida?

P2: É, controlar o ciúmes.

E: Hum, que mais? Você então comentou que tem ciúmes, você aprendeu a controlar o ciúmes? Isso?

P2: Tenho ciúmes, né, da minha mãe e da minha tia.

E: Quem mais? Tem mais alguém que você tenha ciúme?

P2: Ah, do namorado tem ciúmes, né, fazer o que?

E: E aí? Quando você sente ciúmes, como você fica?

P2: Por que você não perguntou pra eles. Eles sabe, eu fica assim ó: bato o pé, com olhos deste tamanho na minha cara.

E: E aqui, do trabalho que você faz aqui com a F, é no caso com a psicólogas, e com os outros que já tenham passado, o que eu você acha que foi importante? Que te ajuda?

P2: Ah, acho que é só mesmo desenvolver. Eu desenvolvi muito, criei juízo bastante, risos...

E: Agora então, você "ta" mais ajuizada, isso? Mas por que, o que você fazia antes, que era diferente de agora?

P2: Nem queira saber...

E: Você pode me contar?

P2: Melhor você nem saber. Ah, eu começa a mexer com xxxxx, os xxxxx, s lá da z, são tudo safado, nem respeita as esposas, são tudo safado. Eu conheço muita gente lá, que levava a gente lá, tem uns que não valem nada, eu conheço o povo de lá.

E: Isso antes, e agora? Como ta a P2?

P2: Graças a G, sabe? Aos berros da G... né, que ela deu um chacoalhão em mim já.

E: E o que você achou desse chacoalhão?

P2: Eu achei que não foi muito bom, mas foi legal, sabe, que ela não fala, ela grita...risos.

E: Mas foi importante pra você?

P2: Foi, né. Você não viu mais ela?

E: Não vi.

P2: Ela "ta" trabalhando onde?

E: Não sei.

P2: Ai... que saudade dela.

E: Ta com saudade dela? E do chacoalhão dela também?

P2: Ela sempre fazia isso comigo, risos, mas foi bom o conselho dela.

E: O conselho dela?

E: E quais outras pessoas que passaram na sua vida que você acha que foram importante pra você? Você lembra? Pra falar assim, Nossa essa pessoa foi tão importante quando ela falou isso, conversou sobre aquilo, ou fez alguma coisa?

PP2: Acho q a única foi a G mesmo. A única que deu, acendeu uma luz a na minha cabeça sabe.

E: É.

P2: Ela que foi importante, deu uma chacoalhadinha sabe.

E: E essa luz acendeu pra que caminho? Pra que lado?

P2: Risos, pro juízo, sabe.

E: E o que é pra você ter juízo?

P2: Ter comportamento, porque eu não era desse jeito não, assim, eu não era assim, né... lá no N eu era uma capeta.

E: Uma capeta? Isso? E o que você fazia?

P2: Eu beijava os meninos. Assim, as pessoas "tavam" lá dando aula, e eu beijava os meninos. Eu e minhas amigas, por isso que eu sai de lá, né. Que era eu e o , ai não deu certo. Aí mandou eu sai de lá.

E: Ai você veio pra cá? Com quantos anos? Você lembra?

P2: Não era pra mim "ta" aqui, era pra mim ta lá.

E: Era pra você estar lá no T, é isso?

P2: Balança cabeça afirmativamente. Eu queria falar pra minha mãe conseguir, mas ela tiro eu, num tem jeito mais de eu estar lá.

E: Mas você gostaria de estar no T?

P2: Balança cabeça afirmativamente.

E: Por que?

P2: Ah, porque lá foi bom pra mim, né, mas agora se eu quiser voltar lá., acho que não tinha jeito mais não.

E: E por que você acha que acabou vindo pra cá? Em vez de continuar?

P2: Ah.

E: Por que você falou que era pra você estar lá, né?

P2: Ah, risos. Era pra eu estar lá, mas o comportamento deixou eu sair. O primeiro dia que eu vim aqui, eu chorei.

E: Você chorou no primeiro dia? Que veio aqui no A?

P2: Muito, eu fiquei muito triste.

E: Por que?

P2: Porque eu não queria sair de lá. Foi horrível, eu fiquei muito magoada de sair de lá. Agora eu acostumei, né..

E: E quando foi pra você sair de lá, como é que foi? Alguém te avisou? Alguém conversou com você?

EP2: Não. eu não sabia não, só no dia, eu saí de lá, e não voltei mais.

E: Você saiu um dia normalmente? Como se fosse pra casa? E aí?

P2: Não voltei mais.

E: E a sua mãe sabia que você não ia voltar mais?

P2: Não. Aí, a diretora conversou tudo.

E: Quem?

P2: A diretora, conversou com a minha mãe. Foi aquele comportamento, fogo de, por causa de homem, né.

E: Aí a diretora avisou sua mãe, que você não ia mais, que você não poder mais ir lá, e aí você já veio direto pra cá? Ou ficou um tempo em casa?

P2: Direto.

E: Direto. E isso foi depois da B? Ou antes?

P2: Depois, muito depois da B.

E: Depois da B. E o seu primeiro dia aqui, como foi?

P2: Foi legal, mas pra mim foi triste, mas foi tranquilo.

E: Foi triste, mas tranquilo..

P2: Porque eu não, não queria sair de lá, mas fazer o que? Eu não posso fazer nada, mas que agora que o outro também vai sair da escola também, então, não adianta.

E: que outro?

P2: O O vai sair, não vai sair da escola, mas vai trabalhar agora.

E: Ah, ela vai trabalhar?

P2: A partir dessa segunda-feira, vai trabalhar.

E: E vai trabalhar onde?

P2: Na creche.

E: Hum.

P2: Vai trabalhar na creche, vai ajudar lá.

E: Ele vai ajudar a cuidar?

P2: Não, vai.. é trabalhar na cozinha.

E: Ah, na cozinha da creche?

P2: Vai trabalhar a tarde e vai estudar a noite.

E: Hum, Hum.

P2: E vai ser muito puxado lá, porque é, trabalhar a tarde e ir a noite pra escola, é, vai ser puxado pra ele.

E: E você tem contato ainda com o O? Ele era seu amigo, lá?

P2: Nossa, ele era, uma loucura nos dois. Não avia muito certo nos dois lá. Eu converso com ele todo dia, converso todo dia com ele.

E: E como ele esta? Ele esta feliz de estar saindo de lá? Estar indo trabalhar?

P2: Tá, ele falou que ta muito feliz, mas ele falou assim, que nao quer que eu fique triste. E eu não fico triste, eu fiquei feliz por ele, que vai estudar a noite também. E a noite é meio assim, pesado também do que estudar a tarde, mas é difícil, mas ele ta feliz.

E: E se fosse pra você sair daqui? Você gostaria de sair pra ir pra algum outro lugar? Pra fazer alguma outra coisa?

P2: Balança cabeça negativamente...

E: Não?

P2: Não.

E: Tem os cursos da .... que você comentou, né? Se fosse pra isso, você acharia bom?

P2: Achava, mas ele ta feliz assim, muito. Ai sexta feira é o último dia dele, de escola. E eu falei pra ele não vai começar a chorar, não, pelo amor de Deus, mas ele ta feliz, vai começar a ganhar o dinheirinho dele lá.

E: E você? Você gostaria de ganhar um dinheirinho também?

P2: Risos., acho que não queria não, ah, não sei, acho que sim.

E: Se fosse pra você trabalhar, você pensa numa coisa que você gostaria de fazer?

P2: Por enquanto ainda não.

E: Não. Então ta bom, no mais é isso, obrigada.

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O sr. (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa “Pessoa com Deficiência Intelectual: um estudo dos sentidos do lugar social ”; sob responsabilidade da pesquisadora responsável Camila Young Vieira e da aluna pesquisadora Giovana Nogueira dos Santos. Nesta pesquisa pretendemos compreender os sentidos (percepções e afetos) atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e seu responsável legal sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços oferecidos por instituições do Vale do Paraíba que visam promover o exercício da cidadania. Sua participação se dará por meio de uma entrevista semiestruturada em forma de conversa, que será gravada em áudio.

Ao aceitar participar dessa conversa, você não terá benefício direto, entretanto, estará contribuindo para construção de conhecimento na área. Os riscos implicados na sua participação são mínimos, caso ocorra qualquer desconforto gerado pela participação na entrevista, a pesquisadora responsável (contato abaixo) estará à disposição para acolher e indicar o melhor encaminhamento para essa demanda. Caso seja necessário, será agendada uma consulta de acolhimento no Centro de Psicologia Aplicada – CEPA, localizado na rua Barão da Pedra Negra, nº 235, Centro, Taubaté – SP.

Para participar deste estudo o sr (a) deverá apresentar um documento (RG ou Curatela) para fins de comprovação parental e/ou de responsabilidade legal da pessoa com deficiência que participará da pesquisa, uma cópia será anexada ao termo. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr. (a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, na Biblioteca de Biociências da Universidade de Taubaté, localizada na Avenida Tiradentes, nº 500. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (a) sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar.

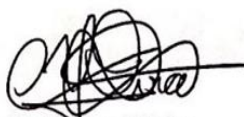
Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que



uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a). Para qualquer informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo telefone (12) 98154-0034 (inclusive ligação à cobrar), ou pelo e-mail [camilayoung33@gmail.com](mailto:camilayoung33@gmail.com) E com a aluna pesquisadora pelo telefone (12) 99171-5888 (inclusive ligação à cobrar), ou pelo e-mail: [gjo.nogueira16@gmail.com](mailto:gjo.nogueira16@gmail.com)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar comitê de ética em pesquisa –CEP/UNITAU na rua Visconde do Rio Branco, 210- centro-Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail [cep@unitau.br](mailto:cep@unitau.br).

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Camila Young Vieira  
Pesquisadora Responsável

### Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Pessoa com Deficiência Intelectual: um estudo dos sentidos do lugar social”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_ Assinatura do (a) participante



**ANEXO B****TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Pessoa com Deficiência Intelectual: um estudo dos sentidos do lugar social”. Nesta pesquisa pretendemos compreender os sentidos (percepções e afetos) atribuídos pela pessoa com deficiência intelectual e seu responsável legal sobre o seu lugar social a partir da participação em serviços oferecidos por instituições do Vale do Paraíba que visam promover o exercício da cidadania. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista semiestruturada em forma de conversa, que será gravada em áudio.

Ao aceitar participar dessa conversa, você não terá benefício direto, entretanto, estará contribuindo para construção de conhecimento na área. Os **riscos** implicados na sua participação são mínimos, caso ocorra qualquer desconforto gerado pela participação na entrevista, a pesquisadora responsável (contato abaixo) estará à disposição para acolher e indicar o melhor encaminhamento para essa demanda. Caso seja necessário, será agendada uma consulta de acolhimento no Centro de Psicologia Aplicada – CEPA, localizado na rua Barão da Pedra Negra, nº 235, Centro, Taubaté – SP.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento e apresentar um documento (RG ou Curatela) para fins de comprovação parental e/ou de responsabilidade legal, uma cópia será anexada ao termo. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se.

O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora, que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, na Biblioteca de Biociências da Universidade de Taubaté, localizada na Avenida Tiradentes, nº 500. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (a) sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a). Para qualquer informação o sr.



(a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo telefone (12) 98154-0034 (inclusive ligação à cobrar), ou pelo e-mail [camilayoung33@gmail.com](mailto:camilayoung33@gmail.com). E com a aluna pesquisadora pelo telefone (12) 99171-5888 (inclusive ligação à cobrar), ou pelo e-mail: [gio.nogueira16@gmail.com](mailto:gio.nogueira16@gmail.com).

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar comitê de ética em pesquisa –CEP/UNITAU na rua Visconde do Rio Branco, 210- centro-Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail [cep@unitau.br](mailto:cep@unitau.br).

A pesquisadora responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12.



Camila Young Vieira

Pesquisadora Responsável

### Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_ assinatura do (a) participante.